
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

SIMONE APARECIDA DA COSTA SADER

**EU,
EX-ALUNA,
OBSERVEI,
MAPEEI E
EXPERIMENTEI
MOVIMENTOS DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA NA MINHA
ESCOLA DE ENSINO BÁSICO**

RIO CLARO - SP

2018



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Câmpus de Rio Claro

**EU,
EX-ALUNA,
OBSERVEI,
MAPEEI E
EXPERIMENTEI
MOVIMENTOS DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA NA MINHA
ESCOLA DE ENSINO BÁSICO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza

RIO CLARO – SP

2018

SIMONE APARECIDA DA COSTA SADER

**EU,
EX-ALUNA,
OBSERVEI,
MAPEEI E
EXPERIMENTEI
MOVIMENTOS DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA NA MINHA
ESCOLA DE ENSINO BÁSICO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza (IB/ UNESP/ Rio Claro/ SP)

Profa. Dra. Michela Tuchapesk da Silva (Autônoma/ São Carlos / SP)

Profa. Dra. Nádia Regina Baccan Cavamura (IFSP/ Piracicaba/ SP)

APROVADA: 19 DE FEVEREIRO DE 2018

RIO CLARO – SP

510.07 Sader, Simone Aparecida da Costa
S125e Eu, ex-aluna, observei, mapeei e experimentei movimentos da
Educação Matemática na minha escola de Ensino Básico / Simone
Aparecida da Costa Sader. - Rio Claro, 2018
158 f. : il., figs., fots.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Geociências e Ciências Exatas

Orientador: Antonio Carlos Carrera de Souza

1. Matemática - Estudo e ensino. 2. Cartografia. 3. Mapas narrativos.
4. Signos. 5. Aprender. 6. Sala de aula. I. Título.

Dedico este trabalho aos meus pais, Joana e Ricardo, pelo apoio incondicional;
ao meu companheiro Valmor por abraçar comigo todos os meus sonhos e ajudá-los a se
tornarem realidade;
aos meus irmãos Fernando, Viviana e Vanessa por serem meu porto seguro e
às minhas sobrinhas Maria Clara e Julia Milena por me fazerem aprender que as risadas e as
brincadeiras são um ótimo remédio para a mente e todo o corpo.

Dedicatória Especial

Gilda Lúcia Delgado de Souza

In memoriam

AGRADECIMENTOS

Agradeço...

Aos meus pais Joana da Costa e Ricardo Sader, aos meus irmãos Fernando Sader, Vanessa Sader e Viviana Sader, às minhas sobrinhas, Maria Clara Sader Evans e Julia Milena Sader Rossi, às minhas cunhadas Selma Sembrero, Walderez Sembrero e Edivanir Sembrero e a toda a minha família pela paciência e compreensão nos momentos ausentes, pelo apoio e pelo incentivo. Amo vocês.

Ao meu eterno namorado, Valmor Sembrero, pela ajuda, pelo companheirismo, pela paciência, pelo incentivo, por ser, simplesmente, meu amigo. Te amo.

Ao meu sogro (*in memoriam*) Waldomiro Sembrero pelo ser humano que foi. Obrigada pelas nossas conversas (e foram muitas, para minha sorte), pelas nossas risadas (e quantas, hein!), pelas nossas discussões (foram mais do que eu queria), pelas nossas viagens (não víamos a hora de um feriado prolongado para pegar estrada), pelas nossas comidas (se o fogão falasse), pelas compras (obrigada por me ajudar em tudo!), pelos passeios aos supermercados (que duravam horas), por tudo que passamos juntos (queria que o tempo voltasse só para poder te abraçar e te beijar mais uma vez). Você me inspirou e continua a me inspirar. Muito, muito obrigada! Nunca esquecerei que você foi mais que um pai para mim. Saudade eterna.

À Línlya Sachs por me apresentar ao, hoje, meu amigo Carrera. Sem palavras para te agradecer. Muito obrigada.

Ao meu querido professor e orientador Antonio Carlos Carrera de Souza pela paciência e compreensão nos momentos difíceis, pela amizade e respeito ao longo da caminhada. Muito obrigada.

Aos professores Thiago e Michela por aceitarem o convite para participar da banca de qualificação e, a Michela e Nádia por aceitarem participar da banca de defesa. Obrigada por deixar esse trabalho mais enriquecedor com suas valiosas contribuições e críticas, pois fizeram uma pequena (grande) diferença. Muito obrigada.

Aos colaboradores dessa pesquisa: alunos, professores, coordenadora, diretora e funcionários da escola. Muito obrigada!

Aos meus amigos membros do “Grupo de Pesquisa Uns – Múltiplos Um”: Thiago Rodrigues, Michela Silva, Simone Queiroz, Áudria Bovo, Tássia Tártaro, Nádia Regina, Filipe Augusto e nosso querido orientador Carrera pela amizade, pelas conversas, pela leitura e discussão. Muito obrigada.

Às minhas amigas queridas que, de todo o coração, me incentivaram e me ajudaram ao longo dessa trajetória (que não foi fácil): Maria Francisca da Cunha (Chiquinha) e Lahis Braga. Amigas, amo vocês.

Aos meus amigos da PPGEM e em especial para alguns como a Vanessa Oechsler, o Sandro Ricardo, o Egídio Martins, a Hannah Lacerda, a Luana Pedrita, a Erica Rosa, a Ronilce Maria, o Anderson Pereira, a Maria Tereza Zampieri (Maitê), o Luiz Carlos Junior, a Mariana Galvino, o Denner Barros, a Maria Ângela, pelas risadas, pelas conversas, pelas caronas, pelas festas, pela diversão, pelas viagens, enfim, por tornarem Rio Claro uma cidade mais acolhedora com suas companhias.

Aos amigos queridos, Maieza Borges e Leonardo Bonacini, pelo incentivo, pelo apoio, pela amizade e por me socorrerem em vários momentos na escrita desse trabalho e na vida. Valeu!!!

Aos amigos e colegas que, direta ou indiretamente, auxiliaram para que esse trabalho se tornasse realidade.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por financiar essa pesquisa.

“O método de Foucault sempre se contrapôs aos métodos de interpretação.

Jamais interprete, experimente...”

(DELEUZE, 2013, p. 114)

RESUMO

Nesse trabalho, dizemos e mostramos, por um caminho “desestruturalizado”, quer dizer, um caminho não linear pelos padrões da Academia, que a escola é uma farsa! Bebemos na fonte de Deleuze (1988), que apresenta a palavra aprender como verbo, ou seja, como a ação na qual o indivíduo toma para si o conhecimento. Para uma aproximação do processo de pensar e de aprender a Matemática Escolar foram utilizados cartografias e mapas narrativos. Elaborados a partir da imersão de seis meses dentro de uma escola estadual, no interior paulista, pudemos observar uma turma do segundo ano do Ensino Médio onde alguns alunos utilizam o YouTube e WhatsApp para tirar dúvidas de Matemática. Outro ponto que levantamos foram quais práticas e táticas que a professora utilizava dentro de sala de aula. Outra prática encontrada na escola consistia na ausência de alunos às sextas-feiras. Observamos também que era “natural” ter mapa de sala de aula e o uso do uniforme. Pudemos observar que não foi somente Matemática que os alunos aprenderam nessa classe. Aprenderam “normas”, “regras”, “classificações” e “subjetivações”. Apresentamos práticas de insurreições ao poder instituído. Para descrever os movimentos descritos acima foram realizadas entrevistas com oito alunos e dados do nosso diário de campo.

Palavras-chave: Cartografia. Mapas Narrativos. Signos. Aprender. Sala de Aula.

ABSTRACT

In this work, we say and show, by a "de-structured" way, that is, a non-linear path by Academy standards, that school is a farce! We drink from the source of Deleuze (1988), who presents the word learn as verb, that is, as the action in which the individual takes the knowledge for himself. Cartographies and narrative maps were used to approximate the process of thinking and learning in School Mathematics. Elaborated from the immersion of six months within a state school in the inland of São Paulo, we could observe a second year high school class where some students use YouTube and WhatsApp to ask questions about Mathematics. Another point that we raised was what practices and tactics the teacher used within the classroom. Another practice found at the school was the absence of students on Fridays. We also noted that it was "natural" to have a classroom map and the use of a uniform. We could observe that it was not only math that students learned in this class. They learned "rules", "regulations", "classifications" and "subjectivation". We present practices of insurrections to the instituted power. To describe the movements described above we conducted interviews with eight students and data from our field diary.

Key words: Cartography. Narrative Maps. Signs. Learn. Classroom.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Resolução dos exercícios da Roberta..... | 18 |
| Figura 2 – Sem anotações sobre Roberta no livro preto..... | 20 |
| Figura 3 – A sala de aula para Roberta..... | 21 |
| Figura 4 – Anotações sobre Ronaldo no livro preto..... | 21 |
| Figura 5 – Pai de Ronaldo cobrando a tabuada..... | 23 |
| Figura 6 – Coordenadora com a suspensão do Ronaldo..... | 24 |
| Figura 7 – Resolução dos exercícios do Ronaldo..... | 26 |
| Figura 8 – Entrada principal de Araraquara..... | 28 |
| Figura 9 – Planta baixa da escola..... | 33 |
| Figura 10 – Orquídea e o pai com o chinelo na mão..... | 37 |
| Figura 11 – A escola..... | 40 |
| Figura 12 – Nala na escola..... | 41 |
| Figura 13 – Entrada restrita a professores, funcionários e pais de alunos..... | 42 |
| Figura 14 – Portão de acesso à administração..... | 43 |
| Figura 15 – Recorte da planta baixa - Administração..... | 44 |
| Figura 16 – Administração..... | 44 |
| Figura 17 – Portão dos alunos..... | 45 |
| Figura 18 – Como o aluno é entregue à escola..... | 46 |
| Figura 19 – Corredor atrás de algumas salas de aula..... | 46 |
| Figura 20 – Casa do zelador..... | 47 |
| Figura 21 – Pátio da escola..... | 48 |
| Figura 22 – Mesas para vigilância..... | 49 |
| Figura 23 – Laboratório de informática..... | 52 |
| Figura 24 – Escada da antiga E.M.E.F. "Anna Maria Mazzali"..... | 55 |
| Figura 25 – Biblioteca..... | 56 |
| Figura 26 – Biblioteca com micro-ondas e geladeira..... | 57 |
| Figura 27 – Corredores da biblioteca..... | 57 |
| Figura 28 – Corredor do bloco da coordenação..... | 59 |
| Figura 29 – Sala dos professores..... | 60 |
| Figura 30 – Sala dos professores..... | 61 |

| | |
|---|-----|
| Figura 31 – Cantina | 62 |
| Figura 32 – Cozinha | 63 |
| Figura 33 – Salas de aula na parte debaixo da escola..... | 64 |
| Figura 34 – Armário embutido | 65 |
| Figura 35 – A sala de aula de Matemática para Bob Esponja | 67 |
| Figura 36 – Armário embutido para TV e DVD | 68 |
| Figura 37 – A sala de aula de Matemática para Silvia | 71 |
| Figura 38 – A Matemática para Liberdade..... | 72 |
| Figura 39 – Anotações no livro preto sobre Bob Esponja..... | 74 |
| Figura 40 – Anotações no livro preto sobre Liberdade | 75 |
| Figura 41 – Anotações no livro preto sobre Nala | 76 |
| Figura 42 – A sala de aula para Nala..... | 76 |
| Figura 43 – Cabeça de Roberta fica inquieta..... | 87 |
| Figura 44 – Matemática na infância para Roberta..... | 90 |
| Figura 45 – Como a Ariel vê a Matemática | 98 |
| Figura 46 – Diferença na semana para Bob Esponja..... | 114 |
| Figura 47 – Sexta-feira para Ariel | 115 |
| Figura 48 – Desenho realizado por três alunos numa sexta-feira..... | 117 |
| Figura 49 – Sexta-feira na escola para Roberta..... | 118 |
| Figura 50 – Sexta-feira para Ronaldo..... | 119 |
| Figura 51 – Como alguns alunos são devolvidos aos pais | 123 |
| Figura 52 – Lousa que fica no pátio | 126 |
| Figura 53 – Sala de aula para Liberdade | 128 |
| Figura 54 – Mapa de sala de aula | 131 |
| Figura 55 – Momento que Liberdade apanhou do pai..... | 138 |
| Figura 56 – Quarto de Liberdade..... | 139 |
| Figura 57 – Casa da Roberta | 140 |
| Figura 58 – Quarto de Roberta | 141 |
| Figura 59 – Lugar que Silvia estudava | 142 |
| Figura 60 – Momento que a mãe de Silvia quebra o dente dela..... | 143 |
| Figura 61 – Os quartos de Silvia | 144 |
| Figura 62 – Quarto que Orquídea dorme..... | 145 |
| Figura 63 – Casa de Orquídea | 145 |
| Figura 64 – Ariel com o pai..... | 146 |

| | |
|--|-----|
| Figura 65 – Quarto de Nala | 148 |
| Figura 66 – A casa de Ronaldo..... | 149 |
| Figura 67 – Lembrança de Ronaldo com o avô na pista de bocha | 150 |
| Figura 68 – Sala da casa de Bob Esponja..... | 151 |
| Figura 69 – Casa de Bob Esponja..... | 152 |
| Figura 70 – Aluno formado | 153 |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| ABRINDO A DISSERTAÇÃO | 14 |
| Como é uma aluna nota 10 | 14 |
| O insurgente comedido | 21 |
| TERRITÓRIO DE PESQUISA | 27 |
| EXEMPLOS DE UMA CARTOGRAFIA | 69 |
| Movimento dos vídeos e da internet | 85 |
| Movimento de quatro professores | 91 |
| Movimento do ponto positivo | 95 |
| Movimento de sexta-feira no período matutino | 113 |
| Movimento do mapa de sala de aula | 127 |
| Movimento do uniforme escolar | 132 |
| FAMÍLIA | 138 |
| O Liberdade | 138 |
| A Roberta | 140 |
| A Silvia | 141 |
| A Orquídea | 144 |
| A Ariel | 145 |
| A Nala | 148 |
| O Ronaldo | 148 |
| A Bob Esponja | 150 |
| Entre (Mentes) ... | 153 |
| REFERÊNCIAS | 14 |

ABRINDO A DISSERTAÇÃO

Mostramos abaixo, duas cartas com alunos de uma escola pública do interior do estado de São Paulo. **Ambos eram alunos da mesma sala de aula, do segundo ano do ensino médio e que estudavam no período matutino.** A primeira que apresentamos aqui é da Roberta¹, que nunca reprovou de ano, nunca ficou de recuperação, as provas de Matemática sempre vinham com nota dez e ainda recebeu bombom da professora por isso, ela também refaz os exercícios de Matemática em casa, a professora, em todas as aulas, tinha seu caderno como referência para verificar onde parou com a matéria. A segunda carta que apresentamos aqui é do Ronaldo, que estava cursando pela segunda vez o segundo ano do Ensino Médio, entrou mais tarde na Educação Infantil, não estudou nessa escola desde a quinta série como a Roberta, teve prova de Matemática e ele não sabia, muito “menos” que a prova poderia ser resolvida com consulta ao caderno.

Como é uma aluna nota 10

Roberta é uma aluna que refaz os exercícios em casa, anota para procurar depois o vídeo que a professora passa em sala de aula, os alunos ficam perto dela para poder copiar as respostas dos exercícios para poder ter nota de participação e ela ganha um bombom da professora por tirar sempre dez nas provas. Ela sempre está sentada no mapa da sala de aula, utiliza o uniforme e quase nunca falta às aulas de sexta-feira, exceto quando todos os alunos pedem para faltar.

Como eu faço? Me ajuda? Eita, dá para resolver essa matriz? Não, pois é uma matriz 3X2, e bate? Não, não bate. Menos dois vezes um. Peraí, deixa eu pensar. Não tem multiplicação. Ai meu Deus. Um negocinho facinho me pegou².

Ela implorava para que eu explicasse como resolver esse exercício e disse que não poderia ficar com essa dúvida, que nossa conversa não poderia terminar sem que ela compreendesse a forma de resolver.

¹ Para preservar a identidade de todos os envolvidos nesta pesquisa, utilizou-se pseudônimos. No caso dos alunos, os pseudônimos foram escolhidos por eles, já os da professora, coordenadora e diretora foram escolhidos pela pesquisadora.

² Utilizou-se da letra Verdana, itálico, espaçamento simples entre linhas e sem espaçamento de paragrafação para explicitar a fala dos indivíduos. Os excertos apresentados são partes integrantes das falas dos indivíduos e seguem como pronunciadas no áudio das conversas.

E uma observação: os exercícios apresentados aos alunos, nessa conversa, tratavam sobre Adição de Matrizes e o Princípio Fundamental da Contagem. Foram os mesmos trabalhados em sala de aula, porém apenas os números foram trocados e essa aluna tirou dez na prova.

Um dos exercícios foi para determinar a matriz D resultante da operação $A-B+C$, sendo

$$A = \begin{bmatrix} -2 & 4 \\ 6 & -2 \\ 3 & 1 \end{bmatrix}, B = \begin{bmatrix} -1 & 4 \\ -6 & 3 \\ -2 & -1 \end{bmatrix} \text{ e } C = \begin{bmatrix} 0 & 1 \\ 4 & -1 \\ -2 & 0 \end{bmatrix}.$$

Por favor, me explica esse exercício, não vou poder sair daqui sem saber, minha cabeça vai ficar fervendo se eu não souber fazer. Esse negativo. Não sei o que fazer com ele.

Então, pedi a ela que lembrasse de um exercício em que aparecessem os parênteses e que ela tivesse que resolver negativo com negativo ou negativo com positivo. Logo ela lembrou do seguinte exemplo:

Quando temos menos com menos dois dá 2 positivo, porque menos com menos dá mais. Então, acho que esse menos interfere na matriz B, mas se eu tenho $2-(-2)$ dá zero.

Ela deu uma pausa para pensar e, depois de uns segundos, ela mesma gritou que não, que a resposta não era zero.

Não! Menos com menos dá 2, então é positivo, e positivo com positivo dá positivo, assim a resposta dá quatro. Multiplicação de sinais. Mas isso me ajuda na matriz? Eu não estou entendendo. Peraí. Bom, voltando ao exemplo anterior: se eu tivesse $(-2)-(-2)$ eu multiplicaria menos com menos e daria dois e somaria com dois e daria quatro ou meu raciocínio está errado?

Pistas de como as regras das operações no conjunto dos números inteiros ficou toda atrapalhada. Este episódio já foi mencionado em outras investigações do grupo de pesquisa UNS-Múltiplos Um³.

³ O Grupo de Pesquisa Uns – Múltiplos Um faz pesquisa em Educação Matemática à luz da Filosofia da Diferença com base nos estudos dos filósofos Michel Foucault e Gilles Deleuze, sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza, pelo PPGEM/UNESP/RC.

Pedi para ela pensar melhor em como ela chegou à resposta, e se, para ela, a resposta estava correta ou não. Logo em seguida, ela respondeu:

Bom, acho que está errado. Peraí. Voltando a matriz, este B vai ser positivo e não interfere em A. Eu já ia resolver direto, mas tem o jogo de sinal que eu falo, entre parênteses, mas tem que montar uma outra matriz, né.

Nesse momento, a professora de Matemática da turma dela entrou na sala dos professores para pegar o material para a aula e nos viu ali, sentadas nas mesmas cadeiras que os professores sentam para comer ou esperar uma troca de aula e disse-nos o seguinte:

Nossa, Simone! Você escolheu a aluna mais inteligente da turma só para a sua tese sair bonitinha. Pode ficar tranquila, pois vai dar tudo certo no seu trabalho, porque ela sabe tudo, ela é a MELHOR, ela só tira dez nas provas de Matemática.

A Roberta agradeceu a professora e eu só consegui ficar parada, sem reação, olhando a professora. Depois de agradecer, a Roberta não disse que estava no meio de um cálculo e que não estava conseguindo resolvê-lo. Assim, a professora pegou o material dentro do armário e saiu da sala, e ela continuou a pensar no exercício e logo me perguntou:

Terei que resolver as duas, a matriz A e B e depois a C? E ainda tem a regra de sinal? Mas se for como nós pensamos no exemplo, então tem que fazer a regra com todo mundo dentro dos parênteses. Ah, entendi. Isso daqui [a matriz B] fica negativa. Então, aqui no caso, eu tenho que trocar todos os sinais. Vamos ver, vamos ver. Vou resolver.

Ela pediu um tempo para resolver, mas não demorou mais que um minuto para dizer que estava perdida:

Hum! Agora eu me perdi! Aqui não tem quando é mais ou menos aquilo de coluna por linha? Acho que não. Só serve para multiplicação, né. Então, agora eu coloco a matriz C com o resultado de A e B. Huumm, acho que entendi. Peraí. Vou resolver.

Ela pediu novamente um tempo para resolver e, uns minutos depois, ela grita que esse acabou, que ela tinha resolvido:

Pronto esse eu resolvi. Agora vou resolver o outro. Ela lê o exercício em voz alta: "De quantas maneiras podemos tomar um lanche composto de um

sanduíche, um refrigerante e um sorvete”, só? Bom, a pessoa vai comer os três: O sanduíche, o refrigerante e o sorvete. Só que tem cinco tipos de sanduíches, três tipos de sorvetes e quatro de refrigerantes, ele tem que escolher um de cada. De quantas maneiras ele pode fazer isso? Hum! Eu acho que é vezes tudo. Cinco vezes quatro vezes três, mas, deixa eu pensar nesta, que eu acho que não está certa esta resposta. Vou pensar mais um pouquinho. Espera um pouco. Vezes eu acho que não, porque são três coisas, não tá falando de vezes. Fazer a árvore com os três? Eu acho que também não consigo fazer essa árvore não, pois só lembro o nome, não sei como fazer.

Então, disse a ela que se temos cinco tipos de sanduíches, podemos organizar graficamente: o primeiro tipo de sanduíche se ramificará com quatro tipos de refrigerante e, nem terminei de falar, ela me cortou e respondeu num tom de voz mais alto:

Ah, entendi, lembrei. Calma, não entendi. Calma, não entendi. Peraí. Deixa eu pensar. Ah, tá, entendi. Aí, por exemplo, se fosse, cinco tipos de sanduíches ou quatro tipos de refrigerantes ou três tipos de sorvetes, aí teria que somar?

Somar o quê? Perguntei-lhe.

É que eu tinha pensado num prato: ou eu pego este ou eu pego o outro. Bom, um sanduíche vai fazer par com quatro refrigerantes. Ah! E depois temos os três sorvetes. Cada par anterior vai abrir para mais três vezes. Agora eu entendi. Agora pegou. Então eu posso fazer vezes, $5 \cdot 4 \cdot 3 = 60$. Pronto. Essa é a resposta. Ah! Tem mais um exercício, deixa eu ler: “Uma caixa de sabão em pó, de dois quilos, custa R\$ 14,59. A de três quilos custa R\$ 21,95 e a de um quilo custa R\$6,99. Qual você compraria e por quê?” Bom, eu não olho marca ou preço, já vou pegando o que minha mãe pede. Ela me fala a marca que ela quer e eu pego, mas eu pegaria a de um quilo, porque é seis e noventa e nove e é mais barato. Acho que agora acabou os exercícios. Resolvidos. Eu prefiro escrever no papel a resolução, acho que é mais porque eu sinto que você pode errar né, mas escrevendo você não se perde. Acho que é mais fácil se perder mentalmente, porque você está pensando naquela coisa, aí passa uma mosquinha e já puff!

Abaixo estão os exercícios resolvidos pela Roberta:

Figura 1 – Resolução dos exercícios da Roberta

1 - Compraria a caixa de 6,99. Pois é a mais barata.

2 -

$$A = \begin{bmatrix} -2 & 4 \\ 6 & -2 \\ 3 & 1 \end{bmatrix} \quad B = \begin{bmatrix} -1 & +1 \\ -6 & +3 \\ -2 & -1 \end{bmatrix}$$

$-2 - (-1) = -1$ $4 - (+1) = 3$
 $6 - (-6) = 12$ $-2 - (+3) = -5$
 $3 - (-2) = 5$ $1 - (-1) = 2$

$$C = \begin{bmatrix} 0 & 1 \\ 4 & -1 \\ -2 & 0 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} -1 & 0 \\ 12 & -5 \\ 5 & 2 \end{bmatrix}$$

$0 + (-1) = -1$ $1 + 0 = 1$
 $4 + 12 = 16$ $-1 + (-5) = -6$
 $-2 + 5 = 3$ $0 + 2 = 2$

$$\begin{bmatrix} 1 & 1 \\ 16 & -6 \\ -3 & 2 \end{bmatrix}$$

3 - 5 n. 4. n. 3. n. $\frac{12}{\times 5} = 60$ maneiras

$$\frac{20}{\times 3} = 60$$

Fonte: Elaborada pela Roberta (2015)

Roberta conta que, quando a professora de Matemática passa algum exercício e diz que vale ponto positivo para quem resolver no caderno, logo após copiar da lousa, forma-se uma aglomeração em cima dela para copiar a resposta para poder ganhar o ponto positivo, mas ela diz se sentir incomodada, pois a maioria está “em cima” somente para copiar e não para aprender, como ela relata abaixo:

Na sala de aula todo mundo fica aglomerado em mim. Eu não sei o porquê. O Vinicius, principalmente, eu acabo os exercícios e "Robertaaa". Tem uns que só copiam a resposta, mas tem uns que pedem para eu explicar, como a Silvia, o Ronaldo, o Gustavo quando eles não entendem alguma coisa, a Nala também, mas o resto vem para copiar e ganhar o ponto positivo. Já acostumei, mas isso começou a acontecer esse ano. O ano passado eu não estava nessa turma, eu mudei porque no ano passado eu tinha passado na

*prova do Industrial⁴, pra estudar lá, era Técnico em Administração e Ensino Médio, só que o Ensino Médio era no EEBA⁵, aí eu não queria estudar no EEBA, mas fui e estudei lá dois dias, aí eu voltei. Porque o primeiro dia que eu fui lá, a educação de lá é bem diferente daqui, por exemplo, quando bate o sinal, os alunos de lá saem antes do professor na troca de aula, eles ficam tudo no corredor fazendo baderna, e quando o professor entra, eles continuam pra fora, não tem ninguém igual a Ariane que não deixa. Sabe é tudo errado, não dá. **Eu gosto do jeito da coordenadora daqui, porque se não for brava ninguém respeita⁶**. Acho que ela é brava quando os alunos não fazem o que ela acha que é certo, aí eu acho que ela fica brava. Só que, quando eu voltei, não tinha mais vaga na minha sala, só tinha na outra. Aí eu falei para a Ariane me mudar, fiquei dois meses no B e voltei para o A, e esse ano eu pedi para voltar nessa turma, o B, e ela me mudou. Mudei porque tem muitas pessoas que estudam aqui comigo desde a quinta série e misturou bastante esse ano também. Eu nunca fiquei de recuperação ou cursinho e acho que começou essa aglomeração, porque eu tiro dez nas provas de Matemática e ela [a professora] sempre vem com bombom, aí eu acho que é por causa disto. Aprender Matemática pra mim é tão fácil, a professora passa, eu já raciocino rápido, já guardo, e aí eu vou fazendo e vai.*

Outro professor entrou na sala dos professores, naquele momento, e perguntou:

Você está aplicando prova para ela? Ela nunca falta nas provas ou entrega de trabalhos. O que vocês estão fazendo aqui?

Respondi que não era uma prova, e sim uma conversa para uma pesquisa que eu estava desenvolvendo. Ele, então, respondeu que eu poderia ficar sossegada, pois ela era a melhor aluna da turma e que tudo daria certo:

Ah! Ela é a melhor da turma, tira 10 em todas as provas. Então vai dar tudo certo para a sua pesquisa, pode ficar sossegada, né, Roberta.

Observando o livro preto⁷ da sala de aula, pode-se notar que Roberta não possui nenhuma anotação:

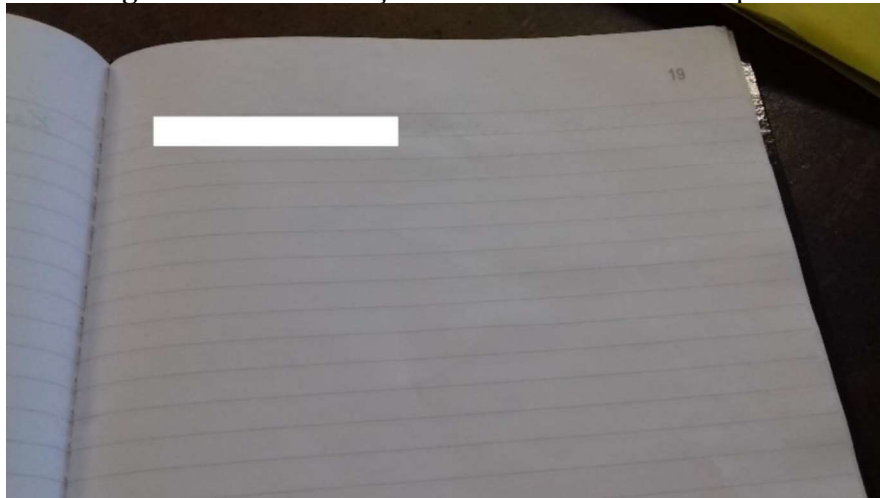
⁴ Um dos cursos da ETEC – Escola Técnica Estadual, vinculada ao Centro Paula Souza, da rede estadual de educação de São Paulo.

⁵ Escola Estadual Bento de Abreu.

⁶ Grifos nossos.

⁷ O livro preto, como é chamado pelos alunos, é um caderno de capa dura cor preta. Cada folha é numerada de acordo com a lista de chamada, mas, caso algum aluno tenha várias anotações dos professores e essa folha não seja suficiente, o professor tem liberdade de utilizar as últimas do caderno, porém deve ser anotado, devidamente, o nome do aluno.

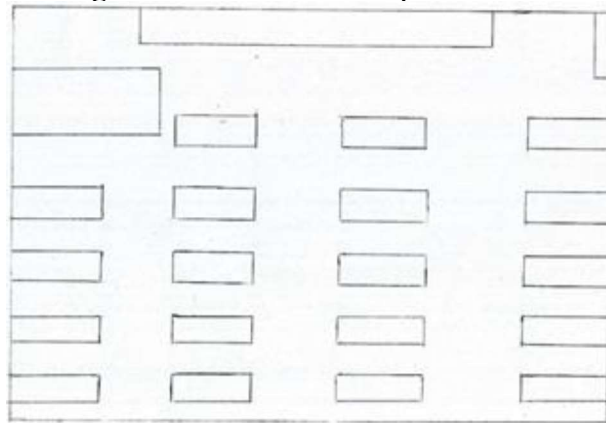
Figura 2 – Sem anotações sobre Roberta no livro preto



Fonte: Dados da pesquisa (2015)

A Roberta agradeceu o professor e o esperou sair da sala para voltamos a conversar sobre não ter muito alunos nas aulas de sexta-feira, que para ela é um dia **NORMAL**, porém ter menos alunos significa ter menos bagunça, logo ela consegue prestar atenção na explicação da professora.

Eu venho de sexta-feira, não tenho esse problema de que só porque vem pouca gente, eu não venho. De sexta, tem pouco aluno, tem pouca bagunça, quando ela tá explicando eles ficam quietos na sexta. Mas durante a semana que tem mais gente, eles ficam conversando. Nossa! O que me irrita é quando eu estou prestando atenção, aí vem um do meu lado e fica "Roberta! Roberta! Roberta!" Ahhhh! Eu tô querendo prestar atenção e fica, fica... aiiiiii! Principalmente o Luis e o Gustavo, que o Gustavo fica na esquerda e o Luis na direita. E eles ficam conversando e eu fico no meio. Se não existisse mapa, eles iriam para o cantinho deles lá né, não iam ficar me atrapalhando. Não deveria ter mapa, porque eu acho que o professor deveria dar um voto de confiança aos alunos. Aí, se eles não fizerem valer a pena, aí sim, ter o mapa, mas hoje não pode sair do mapa e eu que sofro. E também eu gosto das carteiras uma atrás da outra, acho melhor.

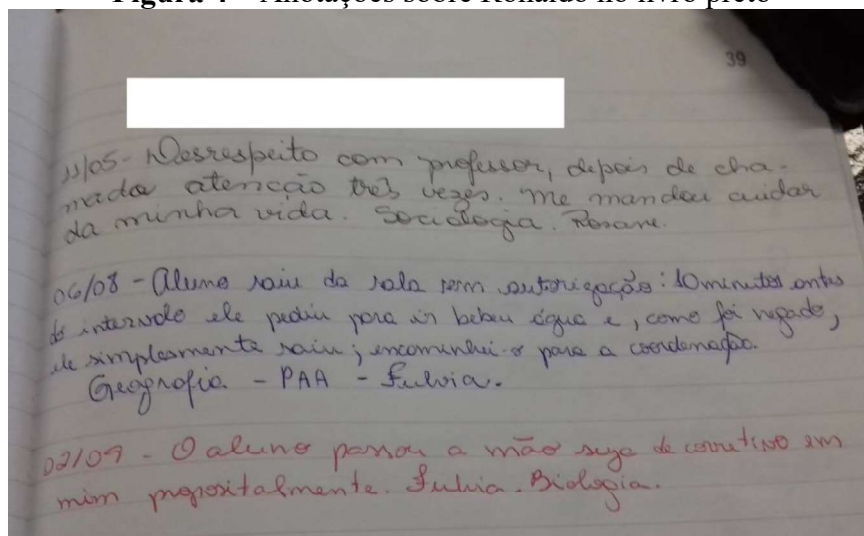
Figura 3 – A sala de aula para Roberta

Fonte: Elaborada pela Roberta (2015)

Como as aulas de Matemática são logo às sete da manhã, os alunos demoram para pegar os cadernos, abrir, pegar o lápis, a aula passa uns vinte minutos e eles estão pegando ainda. Aí eu fico estressada. Eu fico! Aí eu já começo a gritar com eles. E eles pedem calma. É engraçado. Quando eles estão fazendo muita bagunça também, eu grito. Aí eu me coloco no lugar do professor e acho que eu não aguento ser professor não, não tenho paciência.

O insurgente comedido

Ronaldo é um aluno que, sempre que pôde, sentou-se no fundo da sala de aula, apesar de existir o mapa de sala de aula, que era feito e refeito de acordo com as reclamações dos professores para a coordenadora da turma.

Figura 4 – Anotações sobre Ronaldo no livro preto

Fonte: Dados da pesquisa (2015)

Ronaldo fez o que está acima relatado algumas vezes, pois para ele o professor não deve negar isso ao aluno. Ele me disse que até pediu para sair da sala e ir ao banheiro, mas a professora negou, então ele saiu assim mesmo. Ronaldo sentava-se na primeira carteira, de acordo com o mapa de sala de aula, e, todos os dias, ou a coordenadora ou a agente de organização escolar, passava na primeira aula, para verificar se os alunos estavam sentados no lugar destinado no mapa de sala de aula e se estavam usando o uniforme, mas logo depois ele iria para a última carteira no fundo da sala. Os indivíduos solicitavam aos alunos para abrir ou levantar a blusa para verificar se realmente eles estavam uniformizados.

Ronaldo repetiu no ano anterior por dormir em todas as aulas que frequentava. Isso acontecia, segundo ele, porque ele estava muito cansado. No dia da nossa conversa, a professora de Matemática aplicou uma prova, porém ele não lembrava que ela tinha marcado e que também a prova era com consulta. Assim, a prova para ele foi “surpresa” e que ele fez sem olhar no caderno.

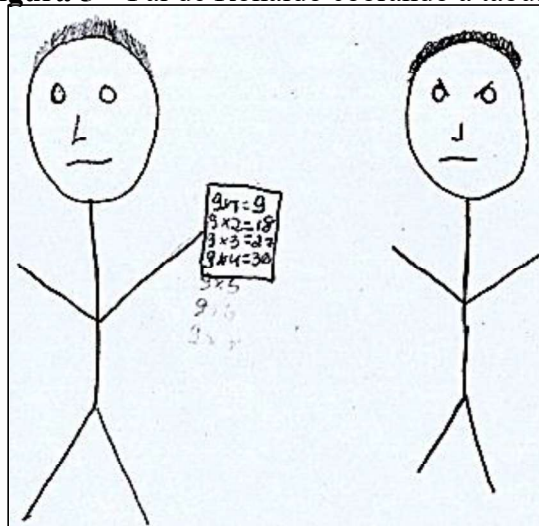
*Falar pra você, eu não tenho nenhum sonho, né. Queria seguir meu pai, seguir a profissão do meu pai. Meu pai é maquinista. Eu morei seis anos em Minas Gerais, voltei a morar aqui no ano passado. Fui pra lá com onze anos, meu pai recebeu uma proposta de uma outra empresa lá, aí ele foi e nós fomos né, eu, ele e minha mãe, minha vó foi depois também, né. Aí eu fiquei seis anos lá e não queria voltar não, vou falar pra você. Eu acho lá melhor que aqui, a escola não tem nem comparação. Vou falar pra você, o ensino de lá com o do daqui muita coisa é diferente, cara, tipo estas apostilas⁸ daqui eu, na hora que eu vim pra cá, eu porra, eu dei risada, estas apostilas, as questão que eles passa, ó, lá cada matéria é um livro de mais de duzentas páginas fia, que você leva na bolsa. Aqui tem livro, mas você não usa. É difícil o professor usar, usa aquelas apostilas que tem lá, que eles dão. As provas eram difíceis em Minas. Aqui, nossa senhora! A Marina [a professora de Matemática] passa umas provas boba demais, igual aquela de probabilidade lá, foi de probabilidade hoje, é de quantas maneiras, de quantas maneiras eu posso vestir cinco blusas com cinco bermudas, por exemplo, umas perguntas assim. Eu acho simples demais. Olha só, era com consulta e eu não sabia! Todo mundo fez com consulta e eu não, **eu nem prestei atenção na professora falando, todo mundo fazendo com consulta e eu fiz sem⁹**. Eu tento fazer o máximo mentalmente, até aonde eu consigo, eu faço mentalmente, mas, às vezes, preciso do lápis e papel para fazer as contas, só quando eu não consigo fazer mentalmente, aí eu vou pro meu caderno. Aprendi isso com meu pai.*

⁸ A “apostila” citada pelos indivíduos da pesquisa é referente ao Caderno do Aluno, recebidos por todos os alunos matriculados na rede estadual paulista duas vezes ao ano, por meio do programa São Paulo Faz Escola, de acordo com o site <http://www.educacao.sp.gov.br/caderno-aluno>. Acesso em 04 de outubro de 2017.

⁹ Grifos nossos.

Tipo, quando eu era pequeno, quando o meu pai ele era um cara bem xucro sabe, tipo um cara, ah! Não sei explicar, tipo um cara exigente, um cara bravo, eu sou fã dele, ele é um cara dá hora, gente boa, só que, sempre, ele era bravão, queria me pôr na linha, sabe. Não que eu estava me desvirtuando, mas, sabe, meu pai é uma cara que nasceu na fazenda, sabe. Ele é um cara meio sistemático, assim, e ele me criou do jeito que ele foi criado pelo pai dele. O pai dele era matador, então ele é meio xucrão assim, meio sei lá, queria botar eu na ordem, então ele fazia eu fazer tabuada do um ao nove, nove vezes, de castigo, porque eu tomei suspensão na escola. Vixi! Aí eu conversava com ele, quando eu era pequeno, no meio da conversa assim, eu trocando ideia assim com ele de boa, ele perguntava uma, uma tabuada assim, do nada, pensa do nada, nós tava conversando, do nada ele, por exemplo, oito vezes nove. Vixi! Se eu não soubesse, aí o couro comia, hein! Ele ficava bravo, mandava eu fazer, por exemplo, perguntava do oito, ele ia lá e mandava eu fazer a do oito.

Figura 5 – Pai de Ronaldo cobrando a tabuada



Fonte: Elaborado pelo Ronaldo (2015)

Vixi! E eu errei muito já, se eu demorasse pra responder e ficasse pensando, ele já, meu pai é tipo desses. Hoje eu reconheço que foi bom, antes eu não gostava não, hoje posso até demorar um pouco para responder, mas eu respondo todas.

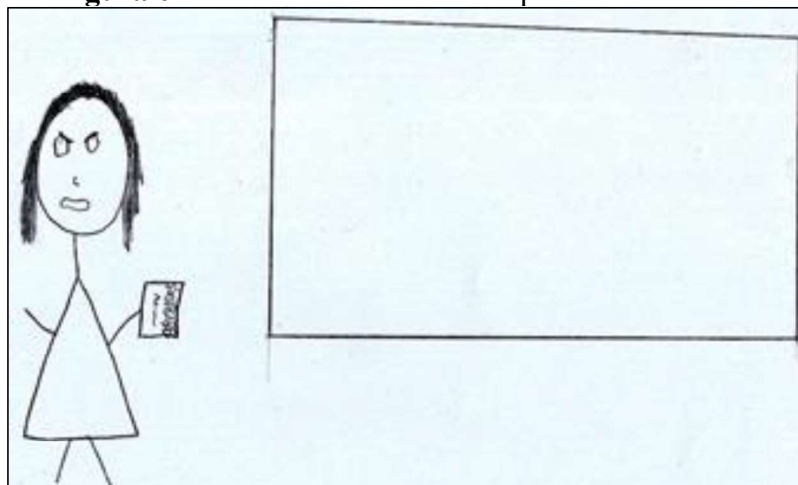
Fomos interrompidos pela diretora que pediu para trocarmos de sala. Ela pediu que as conversas fossem na biblioteca, onde tinha uma mesa disponível. E, quando chegamos na biblioteca, o Ronaldo disse:

Nossa! A diretora. Nossa! Essa mulher é ruim, hein. Nossa senhora, ela já brigou comigo! A minha sala já tem uma birra dela já, porque ela é meio do contra, a sala não vai com a cara dela.

Ele levantou, em seguida, duas questões importantes: o mapa de sala de aula e o uniforme. Duas questões que, geralmente, são tratadas com naturalidade, mas não são naturais, e vamos explicar melhor na segunda parte desse trabalho. Para o Ronaldo, o mapa de sala de aula serve para a aula render melhor:

O mapa existe pra aula render, porque já não rende já, pra falar a verdade, imagina se todo mundo sentasse onde quisesse, daí nunca ia dar certo. Mas, com certeza, se não existisse eu sentaria em um lugar perto de amigos né, essas coisas. O uniforme não deveria ser obrigatório, acho que não deveria ser tão exigente assim, né, sei lá! Lá em Minas, tipo, tinha que ir de uniforme, mas se não dava pra ir um dia, tipo, não tem problema sabe, um dia assim, entendeu. Aqui eu acho que a exigência da Ariane [coordenadora] é maior né, acho que é só aqui nesta escola né, que é assim. Tipo, qualquer pessoa que também, professor fala que é, aqui é outro nível de dar aula, porque aqui eles falam que a aula rende mais e tal, porque aqui a escola é tipo, a Ariane bota ordem aqui, querendo ou não, qualquer coisinha ela já começa a gritar, e isso faz com que a escola fique mais quieta, segue as regras mais à risca assim, e não é toda a escola que é assim também, tem escola que é mais várzea. Pra falar a verdade, não acho bom gritar com os alunos não, mas se não for assim, teria regras, mas pra respeitar seriam poucos, porque falam que antes dela vir para cá ninguém respeitava. Ela é personagem da escola, a que deu suspensão pra mim. O vestido é à toa [se referindo ao desenho abaixo].

Figura 6 – Coordenadora com a suspensão do Ronaldo



Fonte: Elaborado pelo Ronaldo (2015)

Uma observação nos chamou a atenção: Ronaldo estava com dezoito anos e cursando o segundo ano do Ensino Médio. Ele nos respondeu o seguinte:

*Eu já era atrasado um ano e o ano passado eu repeti. Repeti porque eu trabalhei mais da metade do ano. O trabalho era pesado e eu chegava aqui na escola só abaixava a cabeça e dormia. Trabalhava no McDonalds e vixi! Era pesado hein. Eu saía da escola de manhã e já ia direto pra lá e chegava em casa só umas onze horas da noite. Vixi! Eu vinha pra escola quebrado. Entrava uma e meia até dez para as dez da noite, dá acho que oito horas e quarenta, né. Acho que eu nem precisava mesmo trabalhar, mas eu queria trabalhar, sabe, pra mim também e pra ajudar em casa, porque eu dava dinheiro em casa. Antes morava eu, quando eu trabalhava, eu, minha vó, minha vó morava comigo, agora só mora eu, meu pai e minha mãe. Hoje minha vó mora lá no centro, sozinha, ela é aposentada e ela recebe, também, o dinheiro do meu vô lá. Ela é bem de vida. Meu pai e minha mãe trabalham, eu não trabalho e a casa é alugada, por isso quis ajudar. É igual eu falei para você, no ano passado eu, tipo, só vim pra escola pra dormir mesmo, falar que eu fiz alguma coisa no ano passado é a prova aqui, repeti de ano. E de sexta-feira, as aulas sempre estão vazias. Acho que é pelas pessoas mesmo que, sei lá, pela zueira de que sexta-feira não é dia de vir para a escola, alguns pensam assim, eu não penso, **porque é bem melhor de sexta-feira, bem melhor, porque a sala fica com menos alunos e aí dá para a aula ficar bem mais, sei lá dá pra entender melhor, aprender melhor, qualquer dúvida dá para ela tirar a dúvida de cada um de mesa em mesa**¹⁰. Isso faz aprender melhor, com a sala vazia. Não tenho preferência de dias pra vir pra escola, isso é indiferente. Falto pouco, não copio muita matéria, não precisa muitas vezes a professora explicar não viu, não demoro muito para captar as coisas, não. Acho que tenho mais facilidade com Matemática, é isso aí mesmo. É uma aula em que eu me interesse em fazer as coisas, as atividades. A Matemática é interessante. Falar a verdade: é uma das poucas que eu faço alguma coisa, sei lá, é uma aula que eu gosto, faço as contas, é o que eu gosto mesmo de fazer, as contas. Na aula de Matemática, eu vejo que a sala é produtiva, eu acho.*

Ele me perguntou se tinha exercícios de Matemática para resolver, pois os outros alunos pediram para ele ir preparado para resolver uns exercícios, mas ele logo disse:

Nem pra prova de hoje eu estudei.

¹⁰ Grifos nossos.

Figura 7 – Resolução dos exercícios do Ronaldo

A Matemática é interessante

1 6,99
2 14,59
3 21,95

$$2 - A - B = \begin{bmatrix} -1 & 0 \\ 12 & -5 \\ 5 & 2 \end{bmatrix} + C = \begin{bmatrix} -1 & 1 \\ 16 & -6 \\ 3 & 2 \end{bmatrix}$$

3 - 5.4.3 = 60 maneiras

Fonte: Elaborado pelo Ronaldo (2015)

Em seguida, foi entregue a ele os mesmos exercícios oferecidos a Roberta. Rapidamente, ele respondeu os exercícios na folha de sulfite em branco sem fazer nenhuma pergunta, nenhum questionamento. O único barulho que se podia ouvir era do lápis rabiscando o papel e da borracha apagando alguns números, e novamente o lápis tocava aquele papel que já não estava mais em branco. Depois de cinco minutos, ele entregou o papel sulfite com a resolução.

TERRITÓRIO DE PESQUISA

Café Filosófico¹¹

Território é sem dúvida uma noção geográfica, mas é antes de tudo uma noção jurídico-política: **aquilo que é controlado por um certo tipo de poder** (FOUCAULT, 2015, p. 215, grifo do autor).

O caminhar dessa pesquisa com a Filosofia da Diferença, ocorreu por meio de alguns “nós”. Os movimentos ocorreram entre um nó e outro. E com esses nós caminhamos para a construção de uma rede¹², com a união desses movimentos se compôs um mosaico ou uma teia. Cada nó, nesse trabalho, foi compreendido como um ponto de exercício de poder que, na ligação com os outros nós, constituiu as relações de poder.

Café Filosófico

[...] o indivíduo não é o dado sobre o qual se exerce e se abate o poder. O indivíduo, com suas características, sua identidade, fixado a si mesmo, é o produto de uma relação de poder que se exerce sobre os corpos, multiplicidades, movimentos, desejos, forças (FOUCAULT, 2015, p. 256-257).

A palavra indivíduo está “naturalizada” nos programas policiais: “O indivíduo cometeu um assassinato” e/ou “O indivíduo foi abordado pela polícia” e tal, e como na escola, os papéis do professor e do carcereiro tem algumas semelhanças, como por exemplo, o que Foucault (2013) traz em sua obra. O trabalho ficou com uma linguagem um pouco mais policialista, neste sentido, porque mostra algumas questões da escola abordadas do ponto de vista policial. Sabe-se lá como, mas há um jogo: se olharmos o comportamento das prisões e o comportamento das escolas, temos coisas que se assemelham e coisas que são distintas, mas de qualquer maneira, temos uma figura intermediária entre o comando da cadeia e o preso que é o agente carcerário e, temos um outro entre a direção da escola e o aluno que é o professor. E como que estas duas pessoas agem. Indivíduo, neste trabalho, é a pessoa que pertence a estas duas estruturas.

Utilizamos o nome “relação de poder”, pois alguns indivíduos realizaram insurreições, fontes de outro tipo de poder, logo, não é possível utilizar como “poder” somente um único e

¹¹ Existe um programa de televisão com o nome “Café Filosófico” em que se discute diversas questões como, por exemplo, psicanálise, filosofia, antropologia, sociologia e tantos outros assuntos de aspectos sociais. Como, neste trabalho, reunimos reflexões, pensamentos e conversas com diversos autores, assim, utilizamos esse mesmo nome.

¹² Usaremos rede ou teia como iguais, sabemos que não são, mas se a aranha tem a teia “a aranha é enredeira” (GONÇALVES, 2001, p. 204) como uma rede de captura, então, podemos utilizar aqui com esse mesmo sentido.

vetorizado tipo deste. Esses “nós” promoveram uma forma e uma direção aos movimentos da rede. Eles movimentaram a teia para um lado e para o outro e isso só aconteceu porque um indivíduo exerceu seu poder na rede puxando do outro lado, constituindo uma relação de poder. **Para cada ação de poder, há uma reação contra ela, e que aqui chamamos de *insurreição*.**

E um dos pontos da nossa teia foi trabalhar numa escola pública que oferecesse Ensino Médio para observar o movimento do aprender Matemática, mas essa escolha que parece simples em alguns trabalhos acadêmicos, aqui não se fez tão simples assim.

Café Filosófico

[...] em cada momento da história a dominação se fixa em um ritual; ela impõe obrigações e direitos; ela constitui cuidadosos procedimentos. Ela estabelece marcas, grava lembranças nas coisas e até nos corpos; ela se torna responsável pelas dívidas. Universo de regras que não é destinado a adoçar, mas, ao contrário, a satisfazer a violência (FOUCAULT, 2015, p. 68).

O primeiro passo foi realizar uma conversa com o meu orientador e decidimos que a cidade para a realização da pesquisa seria Araraquara – “A MORADA DO SOL”, interior do estado de São Paulo e que trabalharíamos com o Ensino Médio.

Figura 8 – Entrada principal de Araraquara



Fonte: Acervo pessoal (2017)

Assim, o Núcleo de Gestão da Rede Escolar e Matrícula¹³ nos informou, via *e-mail*, que a cidade conta com 31 escolas estaduais, sendo que todas são administradas pela Secretaria

¹³ O Núcleo de Gestão da Rede Escolar e Matrícula é vinculado a Diretoria da Ensino de Araraquara/SP.

Estadual de Educação, inclusive a Escola Técnica Estadual (ETEC). Temos que 10 escolas atendem somente os Anos Iniciais do Ensino Fundamental; 01 escola atende somente os Anos Finais do Ensino Fundamental; 02 escolas atendem Anos Iniciais e os Anos Finais do Ensino Fundamental; 01 escola atende somente Ensino Médio; 11 escolas atendem os Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio; e 05 escolas atendem os Anos Finais do Ensino Fundamental, o Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos.

Foi realizada uma pesquisa no site do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo.¹⁴ De acordo com esse *site*, entre os anos de 2011 a 2013, dezessete escolas estaduais, que ofereciam Ensino Médio, participaram da avaliação. O primeiro recorte deu-se em selecionar **apenas** escolas que tinham participado do SARESP nesses três anos consecutivos. Observamos que três escolas não participaram dos três anos. O segundo recorte deu-se em selecionar **apenas** escolas cujas notas, em Matemática, fossem superiores ao ano anterior, restando, então, somente três escolas.

Quadro 1 – Notas de cada escola no SARESP

| Escolas Estaduais | Notas | | |
|--|----------------|----------------|----------------|
| | 2011 | 2012 | 2013 |
| Alto de Pinheiros | Não Participou | 259,2 | Não Participou |
| Angelina Lia Rolfsen, Profa. | 265,6 | 264,8 | 245,3 |
| Antonio dos Santos, Prof. | 277,7 | 261,1 | 279 |
| Augusto da Silva Cesar, Prof. | 279,3 | 284,6 | 270,5 |
| Bento de Abreu | 265,5 | 268,1 | 267,4 |
| Dorival Alves | 268,5 | 268,5 | 268,3 |
| Ergilia Micelli, Profa. | 262,4 | 268,8 | 267,1 |
| João Batista de Oliveira | 266,6 | 259,5 | 264 |
| João Pires de Camargo, Dr. | 273,1 | 276,6 | 276,9 |
| Joaquim Pinto Machado Junior, Prof. (Machadinho) | Não Participou | Não Participou | 285,5 |
| Lea de Freitas Monteiro, Profa. | 274,5 | 273,5 | 265,7 |
| Letícia de Godoy Bueno de Carvalho Lopes, Profa. | 276 | 283,7 | 285,4 |
| Lysanias de Oliveira Campos, Prof. | 295,3 | 285,8 | 283,3 |
| Maria Isabel Rodrigues Orso, Profa. | 257,5 | 278,6 | 268,9 |
| Pedro José Neto | 294,1 | 292,4 | 279,5 |
| Sérgio Pedro Speranza, Prof. | 251,7 | Não Participou | 263,7 |
| Victor Lacorte, Prof. | 278,3 | 280,4 | 295,5 |

Fonte: Site do SARESP (2015).

¹⁴ Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP)
<http://saresp.fde.sp.gov.br/2011/ConsultaRedeEstadual.aspx?opc=1> Acessado em 02 de fevereiro de 2015

Seguindo esses critérios, obteve-se uma classificação, da nota maior para a menor e, a escola que ficou em primeiro lugar foi a Escola Estadual “Professor Victor Lacorte”. Fomos várias vezes até a escola para verificar a disponibilidade desta pesquisa ser realizada lá, mas, depois de cinco tentativas, não fomos atendidos, nem pela coordenadora do Ensino Médio e nem pela diretora da escola, exceto pela secretária que nos perguntava qual era o assunto que queríamos conversar, depois vinha o “chá de cadeira”, solicitava que nós esperássemos sentados no banco de madeira que ficava na porta da secretaria. Porém, percebemos que éramos fantasmas. Uma hora. Cinco vezes. Depois alguns indivíduos dizem que a Universidade não chega na Educação Básica. Como? Era para fazer qualquer pesquisador(a) desistir de adentrar nesse ambiente escolar. Esse foi um nó para a construção da nossa rede.

Nós, como pesquisadores, fomos “obrigados” a procurarmos outra escola. Procuramos a Escola Estadual “Professora Letícia de Godoy Bueno de Carvalho Lopes”. As duas escolas ficam em bairros diferentes e bem distantes um do outro em Araraquara/SP. Nesse caso, por coincidência, a escola de segunda opção é a mesma que cursei todo o meu Ensino Médio, entre os anos de 2004 a 2006.

Café Filosófico

Escola

Enquanto categoria abstrata, instituição em si, portadora de uma natureza imutável da qual se diga se é boa, é má, a escola não existe. Enquanto espaço social em que a educação formal, que não é toda a educação, se dá, a escola na verdade não é a escola, *está sendo* historicamente. A compreensão do seu *estar sendo*, porém, não pode ser lograda fora da compreensão de algo mais abrangente que ela – a sociedade mesma na qual se acha. A educação formal que é vivida na escola é um subsistema do sistema maior. As relações entre eles – subsistema e sistema maior – não são contudo mecânicas (FREIRE, HARPER, *et al.*, 1985, p. 07).

Logo fomos até a escola. Chegando lá, tivemos acesso a secretária e perguntamos se podíamos conversar com a diretora. A porta de vidro da sala da direção estava fechada, mas como tem ar condicionado isso não significava muito, mas ela não estava, pois estava de férias. Isso foi em abril. Tinha a vice-diretora, mas ela só estaria no período da tarde, mas, quando voltamos no período indicada, ela nos respondeu que tínhamos que esperar a diretora, pois somente ela poderia tomar essa decisão. A diretora voltaria das férias em maio e somente atende os alunos, professores e pais de alunos no período da manhã. Voltamos na data sugerida pela vice-diretora e a diretora nos recebeu em sua sala, depois de atender um aluno.

Ela autorizou a realização da pesquisa, desde que entregássemos, antes de entrar na sala de aula, um seguro de vida e uma declaração assinada pelo meu orientador com um resumo da pesquisa. Vale ressaltar o que ela disse:

Eu aceito, mas não posso obrigar nenhum professor a te aceitar dentro de sala de aula. Conversa com eles e verifica se alguém te aceita.

Café Filosófico

A Educação Matemática aponta a cartografia natural das ciências invertendo-a, pois a máquina nômade só existe contra o estriado ou contra tentativas de instauração deste e, contrariamente, a “ciência régia” só existe a partir da existência de um Estado e seus aparelhos. A Educação Escolar é um deste aparelhos (SOUZA, 2013, p. 214).

Dias depois, entregamos as documentações para a secretária e fomos verificar os horários que estavam impressos numa folha de sulfite e grudados com uma fita branca em um dos armários de aço da secretaria. Ao lado dele tinha uma mesinha com uma garrafa de café e uma garrafa com água quente, caso algum indivíduo quisesse chá. Optamos por um cafezinho.

Fomos conversar com a professora Marina, que também ministrava aula de Física para o segundo ano B do Ensino Médio Regular¹⁵, para explicarmos sobre o projeto e no mesmo instante recebemos o seu aceite. Nesse dia, ela não teve aula com a classe, mas teria duas aulas no dia seguinte, na sala 4.

Café Filosófico

Geralmente se chama instituição todo comportamento mais ou menos coercitivo, aprendido. Tudo que em uma sociedade funciona como sistema de coerção, sem ser um enunciado, ou seja, todo o social não discursivo é a instituição (FOUCAULT, 2015, p. 368).

Em uma entrevista Bob Esponja nos apresenta a escola da seguinte forma:

*Como eu vejo a escola? **Vou começar pela Ariane, porque eu acho que ela é o símbolo, dela gritando**¹⁶. É uma coisa que eu não acho legal, ela fica gritando, que nem uma doida lá fora. Eu acho que não é uma forma legal de ensinar as pessoas, sabe, gritando, acho que não deve ser assim,*

¹⁵ Por conveniência, vamos utilizar segundo ano B, que se refere ao segundo ano B do Ensino Médio Regular.

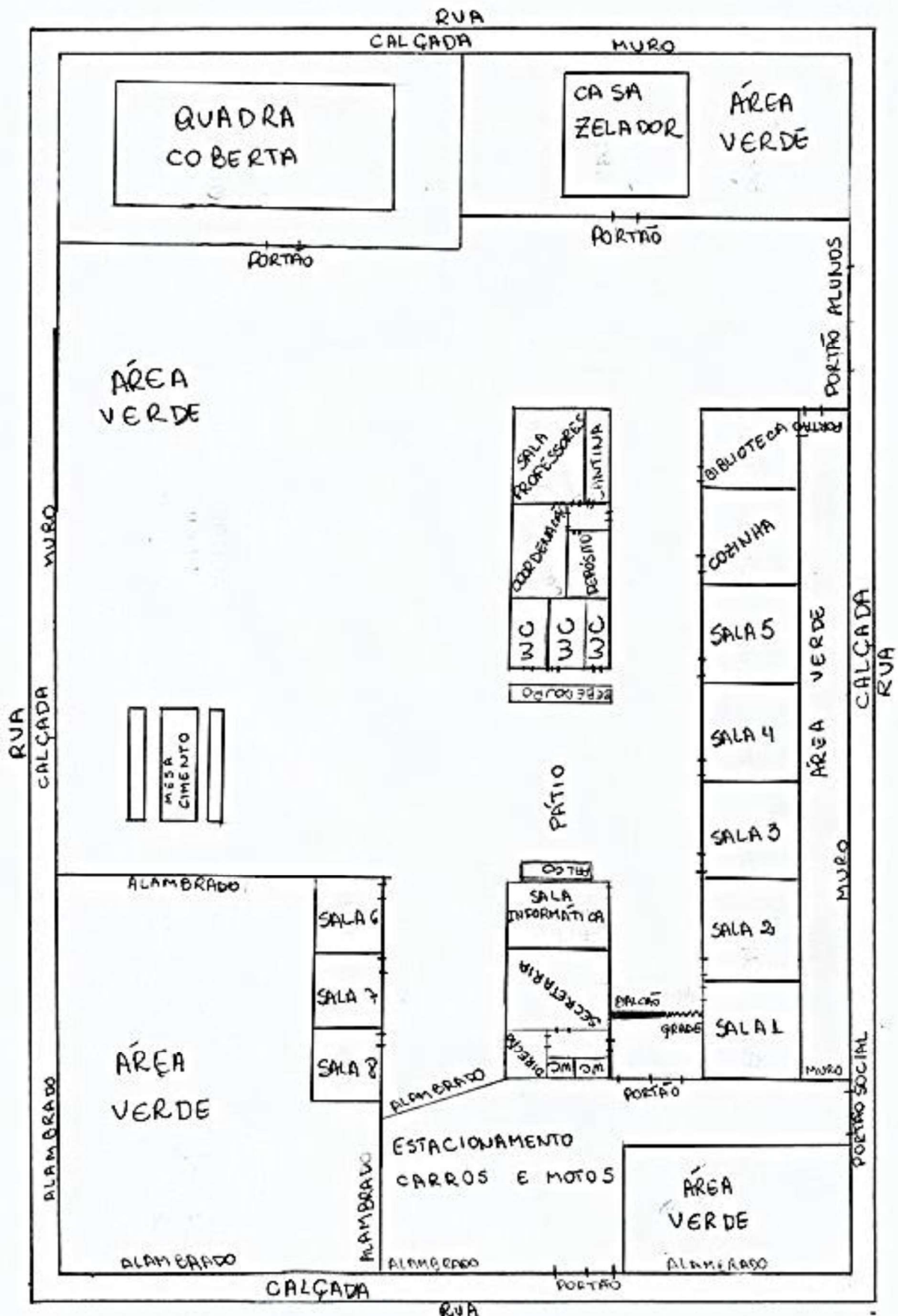
¹⁶ Grifos nossos.

*impor a vontade dela gritando com as pessoas, ou então impondo "**quem manda aqui sou eu, vocês têm que respeitar**"¹⁷. Eu não acho certo isso, acho que todos têm que ter uma liberdade, todos têm que ter uma voz dentro da escola, sabe, todos têm que opinar em todos os lugares. Eu acho que deveria ser assim, não só na escola, mas começando pela escola, porque a Ariane, sabe, tipo, eu acho que ela tem muito uma hierarquia, ela manda a gente obedece, e eu acho que não deveria ser assim.*

Apresentamos, a seguir, uma planta baixa da instituição feita sem escala métrica para podermos observar a distribuição dos ambientes desse território chamado Escola Estadual “Professora Leticia de Godoy Bueno de Carvalho Lopes”.

¹⁷ Grifos nossos.

Figura 9 – Planta baixa da escola



Fonte: Acervo pessoal (2017)

Café Filosófico

Muros, paredes, alambrados... Todos os elementos que impedem a passagem [...]
(BOVO, 2011, p. 106, grifo da autora).

O período de funcionamento dessa instituição pública estadual é diurno, das 7 às 18 horas, de segunda à sexta-feira. Aos finais de semana, ela também fica aberta das 8 às 17 horas para atender a comunidade com várias atividades do Programa Escola da Família. O público escolar que a escola atende são alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental e alunos do Ensino Médio, sendo que a maioria dos alunos do Ensino Médio são alunos oriundos da própria escola. Somente são abertas vagas para alunos externos quando realizada a contagem para verificar quantos alunos da escola se matriculam no 1º ano do Ensino Médio. Um episódio: quando procurei esta escola para estudar o Ensino Médio, me disseram que restavam poucas vagas, pois eu era de outra escola e, para conseguir uma das vagas, era preciso chegar cedo num determinado dia de janeiro. E, realmente, formou-se uma grande fila.

Café Filosófico

[...] a *cartografia da geografia Física* constitui como um mapa físico que, por exemplo divide as regiões e os Estados do nosso país; a cartografia da geografia humana não desenha mapas físicos e sim retrata os costumes, as etnias, as religiões entre outras questões; e a *cartografia da subjetividade humana* é onde o mapa construído não é um mapa que estabelece limites de acordo com as fronteiras de um mapa-múndi, nem visa mapear processos e procedimentos [...] da escola, mas sim **um mapa das subjetivações humanas** [...] (SILVA, CAVAMURA, *et al.*, 2013, p. 01-02, grifo nosso).

O território escolar desta pesquisa encontra-se num bairro de classe média alta, próxima a uma das principais rotatórias da cidade que faz ligação com diversos bairros, o famoso “Balão das Roseiras”. O “Balão das Roseiras” tem quatro acessos importantes: a Alameda Paulista, a Rua Mauricio Galli, a Avenida Maria Antônia Camargo de Oliveira (mais conhecida como Via Expressa) e a Avenida Luís Alberto. Isso facilita a questão do transporte, já que a maioria dos alunos que frequentam essa escola não moram no mesmo bairro da escola, e sim nos bairros vizinhos e até distantes da escola.

Para atender os 600 alunos, a escola conta com o apoio de uma diretora – que atende os alunos no período da manhã; duas vice-diretoras – uma para auxiliar os dias letivos no período da tarde e outra para auxiliar nos dias não úteis no Programa Escola da Família; uma

coordenadora, cinco agentes de organização escolar que atuam na parte administrativa, cinco agentes de organização escolar que auxiliam na vigilância dos alunos na entrada e saída e também no pátio; duas merendeiras (e que comida boa elas preparam!) e duas agentes de serviços gerais, responsáveis pela limpeza da escola.

Para os indivíduos com algum tipo de deficiência física, o Estado enviou para esse semestre duas cuidadoras, sendo uma para cada período. A observação mostrou algumas atividades do grêmio estudantil como, por exemplo, organizar grupos para a realização dos jogos interclasse e dispor de música no horário do recreio.

Apresentamos aqui algumas conversas com os alunos e com a professora da classe, bem como as nossas observações dentro e fora da sala de aula de Matemática. A forma de apresentação dessas conversas não necessariamente está em ordem cronológica. E para reunir essas conversas e as observações lançamos mão de um diário de campo e um gravador de áudio de todas as travessias, movimentos, entrevistas e observações para realizar o registro durante o semestre letivo.

Café Filosófico

É muito simples o que o cartógrafo leva no bolso: um critério, um princípio, uma regra e um breve roteiro de preocupações – este cada cartógrafo vai definindo para si, constantemente [...] **o critério do cartógrafo é, fundamentalmente, o grau de abertura para a vida que cada um se permite a cada momento.** [...] um princípio que obriga a estar sempre mudando de princípios. [...] E sua regra? Ele só tem uma: é a *regra de ouro*. Ela dá elasticidade a seu critério e a seu princípio [...] (ROLNIK, 2014, p. 67-68, grifo da autora).

Observação faz parte da vida de um cartógrafo. Cada indivíduo que realizar cartografia, a mesma será única, subjetiva ao olhar de cada um ao construí-la. E assim, buscamos a subjetividade¹⁸ em cada conversa e, pensando nisso, utilizamos mapas narrativos para auxiliá-los nessa busca. Um *intermezzo* como diriam Deleuze e Guattari, em *Mil Platôs* (2011).

¹⁸ Subjetividade aqui é compreendida como “aquilo que não é óbvio, aquilo que muitas vezes foge aos olhos e ouvidos do pensador, que está nos interstícios e com os mapas narrativos podem vir à tona” (GASPAROTTO, 2010, p. 16)

Café Filosófico

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo ‘ser’, mas o rizoma tem como tecido a conjunção ‘e...e...e’. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p. 48, grifos dos autores).

A professora da classe foi convidada para uma conversa individual, porém não aceitou o convite e pediu para que nós utilizássemos as conversas que ocorreram durante todo o semestre. Apresentamos aqui as conversas que aconteceram durante todo semestre na sala de aula de Matemática, nos corredores ou na sala dos professores.

Café Filosófico

Não buscaríamos origens mesmo perdidas ou rasuradas, mas pegariamos as coisas onde elas crescem, pelo meio: rachar as coisas, rachar as palavras (DELEUZE, 2013, p. 113).

Neste estudo, a construção dos mapas narrativos foi realizada com oito alunos do segundo ano B de uma escola estadual do interior do Estado de São Paulo. É compreendido o conceito de mapa, segundo Deleuze (2013):

Café Filosófico

O que chamamos de um ‘mapa’, ou mesmo um ‘diagrama’, é um conjunto de linhas diversas funcionando ao mesmo tempo (as linhas da mão formam um mapa). [...] cada coisa tem sua geografia, sua cartografia, seu diagrama (DELEUZE, 2013, p. 47).

Ao nos utilizarmos dos mapas narrativos, conseguimos uma abertura nas respostas dos indivíduos que talvez sem eles não conseguiríamos e, logo, não ficou somente em pergunta e resposta, e sim cada um deles pôde explicar seus desenhos, o porquê de estar desenhando determinado desenho. Foi disponibilizado lápis de cor, lápis de grafite, papel sulfite, caneta colorida, giz de cera e régua. Todos tiveram liberdade de escolher o que quiserem para desenhar.

Café Filosófico

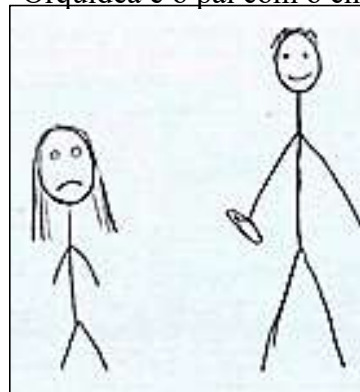
[...] os desenhos [...] são carregados de sentimentos, de medos, desejos, angústias e frustrações. Eles são uma forma de encaminhar uma conversa, de disparar uma entrevista outra (não aquela que o entrevistador quer, com ‘respostas’ que ele quer ouvir) e de checar os dados obtidos com a narrativa. A combinação desenho-narrativa é um mapa. Daí o nome mapa narrativo (BOVO, 2011, p. 19).

Os desenhos vieram carregados de sentimentos. Orquídea mostrou o medo que ela estava sentindo, até chorou algumas vezes durante nossa conversa e foi com o mapa narrativo que conseguimos descrever o que estava guardado.

Mapa narrativo é, aqui nesta pesquisa, a junção do desenho com a fala dos alunos porque vai proporcionar ao pesquisador dados que, talvez, ele não obtivesse em outra situação. O desenho e a fala estimulam o sujeito da pesquisa a refletir a respeito de situações que estão bloqueadas. O não dito, por exemplo, não falar sobre situações escolares que não gosta. Assim, pelo mapa narrativo é possível detectar esse detalhe e ele poderá explicar a partir do que ele desenha, por exemplo, o medo de Orquídea por seu pai. Ela não conseguiu nem falar sobre ele, somente pensar nele, já a fez chorar e tremer. Ela contou que ele era agressivo com ela e suas irmãs.

Esse desenho foi o último de nossa conversa. Durante a nossa conversa, perguntamos sobre o porquê de ela não ter citado o pai dela, enquanto falava a respeito da família, então ela começou a chorar e pediu para mudarmos de assunto. No final, tentamos mais uma vez entender o porquê do choro, e, para isso, perguntei o porquê que ela não consegue falar do pai, o que aconteceu na relação entre ela e o pai e ela nos respondeu com este desenho abaixo:

Figura 10 – Orquídea e o pai com o chinelo na mão



Fonte: Elaborada pela Orquídea (2015)

Ah! Meu pai era muito... Tudo pra ele tinha que bater e brigar e não era legal. Ah! Ele nunca bateu em mim, mas ele brigava muito à toa. Ele brigava demais com as minhas irmãs. Lembro uma vez que ele juntou nós quatro na cozinha e falou que ia bater na gente e ele só não bateu em mim, porque eu era bem mais nova, eu acho que tinha uns sete anos, oito. Ah! Não consigo falar. [Ela coloca o lápis sobre a mesa nessa hora]. Não consigo falar, dona, sobre este desenho, ele significa muito para mim. Não tenho contato com ele e nem quero ter.

Café Filosófico

O mapa narrativo é uma das ferramentas que possibilita detectar informações que, muitas vezes, estão adormecidas para o entrevistado (SILVA, CAVAMURA, *et al.*, 2013, p. 06).

Oito alunos foram convidados para uma conversa individual. Todas as conversas e as aulas foram gravadas em áudio. A escolha dos alunos aconteceu a partir dos atravessamentos ocorridos no cotidiano escolar, ou seja, afetações do pesquisador. Alguns por alguma prática particular na sala de aula; outros por realizarem ou não as atividades propostas; frequentarem ou não aula na sexta-feira; ou por sentarem ou não no mapa da sala de aula.

Os ambientes utilizados para a realização da nossa conversa foram: a sala dos professores e a biblioteca. Ao término de cada conversa, eles escolheram os seus pseudônimos. Foi marcado, previamente, com eles um dia e horário. A professora, a coordenadora e a diretora tiveram seus nomes preservados. Foi perguntado à coordenadora em qual lugar poderiam ser realizadas essas conversas, e a mesma disse para utilizar a biblioteca. Porém, no meio da nossa conversa fomos “expulsos” por professores que precisavam almoçar e voltar ao trabalho. Nesse momento, fomos para a sala dos professores.

As próximas conversas com os sujeitos, a coordenadora pediu que fossem na sala dos professores, de onde também fomos “expulsos”, mas, dessa vez, pela diretora. Para ela, a sala dos professores não era lugar para realizar essa conversa, e sim na biblioteca. A cada momento ou estávamos na sala dos professores ou estávamos na biblioteca, e foi assim que aconteceram as conversas com oito sujeitos.

Outros momentos que tivemos que interromper a conversa foi para explicar o que estávamos fazendo para alguns professores, alguns funcionários e até mesmo para alguns alunos que entravam na sala dos professores para pegar um copo plástico, um café quentinho ou um biscoito. E, assim, eles também “participaram” dessa conversa. Colocamos entre aspas, pois o

objetivo principal não era ter uma conversa coletiva, e sim individual, com alguns alunos do segundo ano B.

Café Filosófico

Bovo (2011) mostra alguns professores que não conseguem almoçar ou quando conseguem “engolem” a comida para poder entrar no próximo turno. Esses professores cumprem jornadas altíssimas de trabalhos para ter um salário um pouco melhor. Ela mesma era um desses sujeitos. A autora apresenta o professor Rui que almoça sempre às pressas:

[...] ele sai, rapidamente, de uma escola e entra, ligeiramente, em outra. Não há tempo para fazer ou ver mais nada diante de si. Muitas vezes, não há tempo nem para almoçar (2011, p. 58).

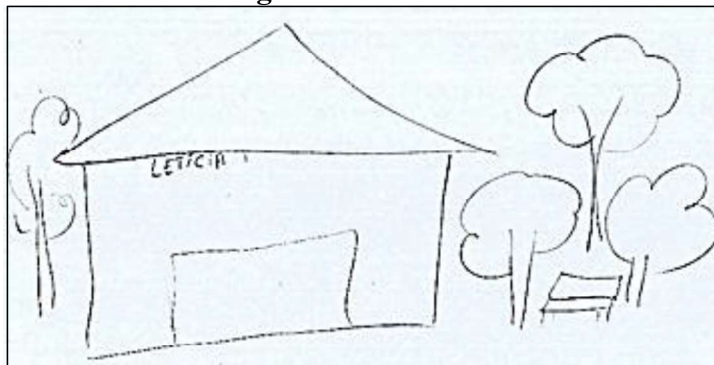
Na área externa da escola existia muito verde com árvores, plantas e gramados. Já na área coberta, na área interna da escola, não foi o verde que predominou, e sim o tom cinza. A escola é cinza como um todo, pois não pode isso, não pode aquilo. *“Mas se minha mãe vier falar com você? Ah, se sua mãe vier pedir a gente pode pensar”*.

A escola é um ambiente em que não se identifica o claro ou o escuro. A escola cinza remete às relações de poder, às normalizações e às regras. A aluna Nala revela que o verde serviria para deixar a escola mais bonita, mas que, para ela, não foi isso o que aconteceu. Ela se mudou com a família da capital paulista para Araraquara no mesmo ano em que essa pesquisa aconteceu, logo era o seu primeiro ano nessa escola e ela não estava gostando por ter regras.

É meu primeiro ano, mas não gosto daqui, porque eu gosto de liberdade, eu gosto que o aluno tenha voz e nesta escola não acontece isso. Me sinto reprimida o tempo todo. A questão de horário, eu não tenho liberdade de poder chegar, tipo, atrasada mais de três vezes no ano, acho isso uma besteira, sabe, porque, tipo, faculdade e outras escolas, se você quiser chegar na terceira aula, a responsabilidade é tua, quem tá perdendo conteúdo somos nós, os alunos. Mas a escola já chegou a me negar educação e mandar eu embora, porque eu cheguei cinco minutos atrasada. E eu tive que ir embora para casa. Isso na segunda aula, pra entrar na segunda aula, eu cheguei aqui às sete e cinquenta e cinco e não pude entrar na segunda aula e eu não posso mais. Eles falam: é melhor que você falte, é melhor que você perca as seis aulas do que perder só a primeira aula, é pra você ir embora. Acho que pelo menos só comigo, né. Parece que não gostam muito de mim, porque eu gosto de ter opinião, eu quero, sabe, que o aluno tenha mais direito do que ele já tem, ter espaço para poder falar e opinar sobre as coisas sabe.

Café Filosófico

o poder não se dá, não se troca nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação, [...] o poder não é principalmente manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo uma relação de força. [...] o poder é essencialmente repressivo. O poder é o que reprime a natureza, os indivíduos, os instintos, uma classe. [...] o mecanismo do poder é fundamentalmente de tipo repressivo, [...] o poder é guerra, guerra prolongada por outros meios (FOUCAULT, 2015, p. 274-275).

Figura 11 – A escola

Fonte: Elaborada pela Nala (2015)

Aqui a escola era pra ser bonita, né. Mas eu me sinto, vou fazer eu sentada, com uniforme, tô sentada, tá, com as perninhas pra cá. Finge que têm várias pessoas aqui, a Solange, que é a diretora, não é um amor de pessoa, parece ditadora, sabe?! Colocar mais gente aqui, ó. A Ariane, saindo muito som da boca dela.

Café Filosófico

Um corpo disciplinado é a base de um gesto eficiente (FOUCAULT, 2015, p. 147).

Figura 12 – Nala na escola



Fonte: Elaborada pela Nala (2015)

Café Filosófico

A regra é o prazer calculado da obstinação, é o sangue prometido. Ela permite reativar sem cessar o jogo da dominação; ela põe em cena uma violência meticulosamente repetida (FOUCAULT, 2015, p. 69).

Ahh! Eu gosto de ter espaço e aqui você não tem, sabe, me sinto sufocada. Foi isso o que eu senti no primeiro dia de aula, porque eu tava com o pezinho na cadeira, tenho mania de sentar assim, porque eu tenho probleminha no joelho e o máximo que eu fico é com ele dobrado, pois é confortável para mim. E eu tava assim, no primeiro dia de aula, aí chegou a diretora na porta da sala, junto com a Ariane, e ela fez, tipo, um show, porque eu tava com o pé na cadeira. Ela olhou, tipo assim, pra mim: Você tá com o pé na cadeira? Quem você pensa que é? De que escola que você veio? Esse lugar não é pra você. Já estou vendo o tipo de pessoa que você é. Só porque eu tava com o pé na cadeira. E antes disso, ela disse: Gente, vamos recepcionar direitinho a nova aluna. E depois deu esse show, porque eu tava com o pé na cadeira.

Esse é um movimento de insurreição contra o próprio corpo, sentar na mesa e colocar o pé na cadeira. Os alunos fazem e eu já fazia. É insurreição porque vai contra a ordem.

Me sinto sufocada. A escola é bonita, ela era pra ser agradável. Não era? Era pra ser. Aqui a escola, bonitinha, cheia de árvores, ela é bem arborizada, banquinhos pra gente sentar, mas acaba não sendo um lugar agradável, por causa disso, entendeu? Mas vale ressaltar, também, que tem

amigos que eu gosto aqui. Tem pessoas agradáveis que deixa o ambiente mais agradável.

Café Filosófico

Um mundo de silêncio e imobilidade... onde os papéis de cada um [...] estão previamente determinados O aluno cala, escuta, obedece, é julgado[...] o professor sabe, ordena, decide, julga, anota, pune (FREIRE , HARPER, *et al.*, 1985, p. 47-49).

Distante do aprender COM o professor e muito próximo de aprender COMO o professor faz!

A escola possui duas entradas: uma para alunos e outra para professores, funcionários e pais de alunos. Para professores e funcionários existe um estacionamento para carros e motos, cujo chão tem pedras tipo britas. A entrada social tem o chão cimentado e piso guia para cegos, como mostram as imagens abaixo:

Figura 13 – Entrada restrita a professores, funcionários e pais de alunos



Fonte: Acervo pessoal (2015)

Entrar na escola por esses portões requer, depois, passar por um segundo e terceiro portões. O segundo portão é alto, de ferro e, geralmente, fica trancado no recreio, tanto matutino, quanto vespertino, momento em que os alunos estão fora da sala de aula para comer, se divertir, descansar, brincar e conversar com alguns colegas. O terceiro portão é uma grade com um trinco e serve para dividir a administração com as salas de aula.

Café Filosófico

[...] a escola também tem por objetivo disciplinar os corpos, a mente, garantir a produtividade, normalizar os indivíduos, preparar os cidadãos sempre a partir dos interesses do Estado (RODRIGUES, 2015, p. 166).

Podemos observar do lado de fora desse portão alguns bancos, tanto de madeira quanto de pedra ardósia. Todos os dias, ao meio dia, chegam alguns alunos do período vespertino. Eles ficam sentados naqueles bancos, esperando dar o horário de abertura do portão dos alunos. São alunos que vão de van escolar ou que o pai leva mais cedo e, para não ficarem esperando quase uma hora em frente ao portão dos alunos que fica direto para a rua, esperam sentados nesses bancos. Mas é proibida a entrada dos mesmos por esse portão, exceto por alunos que tenham alguma necessidade especial, caso contrário, os alunos devem dar a volta, e entrar pelo portão dos alunos. Mesmo assim, sempre tem alguns alunos que quando veem algum professor entrar, correm e entram por ali mesmo.

Figura 14 – Portão de acesso à administração



Fonte: Acervo pessoal (2015)

Um indivíduo – um guarda oficial (inspetor de alunos e professores) a serviço do poder escolar – fica responsável por cuidar desse portão para que alunos não saiam da escola, quer dizer, não fujam desse ambiente escolar, já que o portão dos alunos só é aberto no horário de entrada e saída dos alunos. Ao passar por esse portão social, foi possível observar alguns vasos de plantas e um outro banco de cimento à esquerda, caso algum sujeito necessite sentar e esperar por atendimento, tanto na secretaria quanto na diretoria.

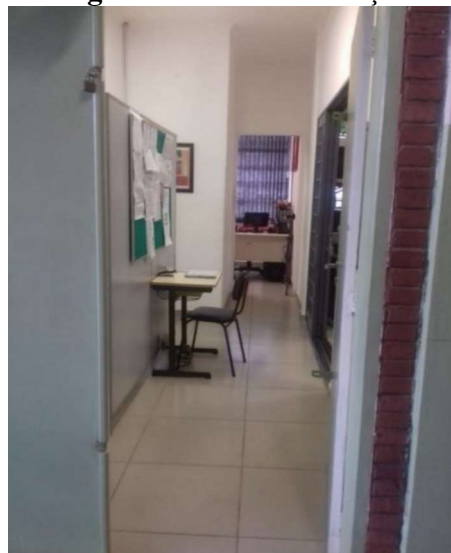
Figura 15 – Recorte da planta baixa - Administração



Fonte: Acervo pessoal (2017)

É possível observar uma porta à direita, que é a entrada para a administração da escola. Tem um corredor que leva até a sala da diretora e da vice-diretora. Ao seu lado direito, encontra-se a secretaria e, ao lado esquerdo, os dois banheiros dos funcionários e dos professores, sendo um masculino e o outro feminino. Nesse mesmo corredor, pode-se notar uma mesa com o livro ponto para os professores e funcionários assinarem diariamente, e, em cima dessa mesa, existe um quadro de aviso com algumas informações da Diretoria de Ensino – Região de Araraquara.

Figura 16 – Administração



Fonte: Acervo pessoal (2015)

Café Filosófico

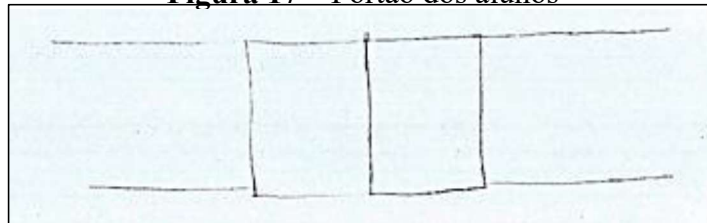
Rodrigues (2015), ao apresentar uma pesquisa realizada na cidade de Paranaíba no estado do Mato Grosso do Sul, realizada dentro de um ambiente escolar entre os anos de 2013 e 2014, trouxe a mesma questão de vigiar os alunos no portão social:

[...] a fim de controlar a entrada e saída dos alunos, a escola já mantinha uma funcionária que tinha o objetivo de cuidar especificamente do portão que dá acesso ao prédio da escola [...] (RODRIGUES, 2015, p. 213).

A entrada dos alunos é realizada pelo portão abaixo, o modelo do portão dos alunos é diferente do portão da administração. O portão dos alunos é **FECHADO, ALTO** e com **MUROS** nos dois lados e é direto na calçada, não tem bancos para sentar e nem uma área verde, somente árvores na calçada.

No período da manhã foi possível observar os alunos sentados na calçada para esperar o portão abrir. Orquídea nos apresenta o portão:

Figura 17 – Portão dos alunos



Fonte: Elaborada pela Orquídea (2015)

*Aqui é o muro e aqui é o **PORTÃOZÃO**¹⁹, mais ou menos.*

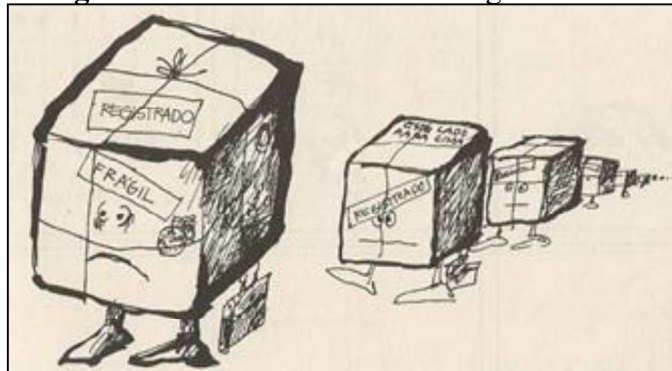
Os muros e o portão “tendem” a querer esconder os alunos do que acontece do lado de fora da escola, pois muro tipo alambrado, faz parte somente dos portões dos professores, funcionários e pais de alunos, enquanto que o restante da escola são muros de blocos de cimento.

¹⁹ Grifo nosso.

Café Filosófico

Um mundo à parte. Fechado e protegido... onde a criança é confiada como um pacote registrado, cujo acesso é cuidadosamente controlado [...] separado da vida [...] um mundo de ritos imutáveis (FREIRE , HARPER, *et al.*, 1985, p. 42-46).

Figura 18 – Como o aluno é entregue à escola



Fonte: (FREIRE , HARPER, *et al.*, 1985, p. 43).

Atrás das salas de aula tem muros altos, mas isso não impede os alunos de conversarem com indivíduos fora da escola, pois presenciei alunos conversando com indivíduos que estavam em cima desse muro. Eles não pularam para dentro da escola, porém ficaram sentados no muro. Abaixo tem uma figura que mostra o espaço atrás do bloco que contém cinco das oito salas de aula da escola:

Figura 19 – Corredor atrás de algumas salas de aula



Fonte: Acervo pessoal (2015)

A escola possui uma quadra coberta para as aulas de Educação Física, para os jogos interclasse e para os ensaios de dança como, por exemplo, a quadrilha para as festas juninas.

Ao observar os muros, as janelas, o chão da escola foi possível notar que não tinham pichações ou vidros quebrados ou lixo no chão, pois, existia um sujeito responsável pela limpeza tanto do pátio, quanto das salas de aulas. A manutenção da limpeza era feita de um turno para o outro, já no pátio, era realizada a limpeza após cada recreio.

A escola conta com o apoio de um casal de zeladores que cuida da escola no período em que a mesma está fechada. Eles moram numa casa que fica dentro da escola separada por um alambrado, como mostra a figura abaixo:

Figura 20 – Casa do zelador



Fonte: Acervo pessoal (2015)

Café Filosófico

Recreio

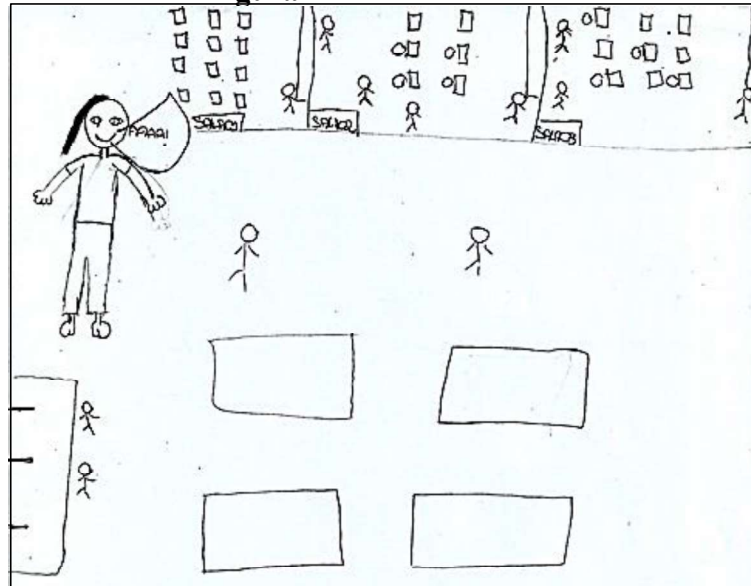
As horas ou módulos da jornada escolar são divididos entre si por recreios, lapsos de descanso entre dois ou mais blocos de trabalho. Seu nome provém do latim *recreare*, “criar de novo”, “restabelecer”, “restaurar”. Tal significação abarca o âmbito das coisas humanas: assim, *recreare* é também “restabelecer-se” e, inclusive, “reanimar-se do abatimento anímico”. O último sentido deu lugar à ideia de “recreação” como “divertimento”, “distração” ou “deleite” (CASTELLO e MÁRSICO, 2007, p. 83, grifo do autor).

O pátio conta com dois bebedouros, sendo que um bebedor tem somente água gelada e o outro tem água gelada e natural. O pátio também possui quatro mesas retangulares de madeira com bancos também de madeira para os alunos realizarem suas refeições. Tem banheiros masculino, feminino e para alunos com deficiência Física. A Bob Esponja desenhou o pátio da escola:

Eu desenhei os professores dando aula, que é o que acontece, alguns alunos prestam atenção, outros não, outros ficam andando para fora da sala. A Ariane eu desenhei ela maior, que, como eu disse, acho que ela, ela é quem manda na escola, é isso. Pra fora é os alunos e aqui é o bebedouro, aqui as

mesas. Ah, eu acho que sei lá, eles [os alunos] querem afrontar sabe, mostrar que não sei, que não é só ela que grita, não sei²⁰.

Figura 21 – Pátio da escola



Fonte: Elaborada pela Bob Esponja (2015)

Outro ponto importante de ressaltar é que o pátio conta com um palco de madeira que existe há alguns anos, pois, na época em que eu estudava ali, já existia e o utilizávamos como apoio para colocar os aparelhos de som nos recreios e como banco para sentar e conversar com amigos. Essas duas formas são utilizadas até hoje pelos alunos. Quantas conversas, risos e choros aconteceram naquele palco – peças trágicas ou cômicas – nunca saberemos. Ele serviu para realizar as apresentações dos alunos nas festas, como, por exemplo, a Festa Junina, o Halloween, a Festa das Nações, Festa das Crianças e tal.

Café Filosófico

[...] **só é permitido o que não é proibido** (FREIRE , HARPER, *et al.*, 1985, p. 52, grifo nosso).

No pátio existiam duas mesas com cadeiras em que dois indivíduos estavam sentados e vigiando o pátio para que os alunos não saíssem da sala, desde o momento em que chegavam até irem embora da escola. Só não ficavam indivíduos sentados nessas mesas no horário do almoço, momento que não tem alunos na escola. Qualquer indivíduo que colocasse a cabeça para fora da sala de aula era questionado. Mecanismo utilizado para tornar o aluno um indivíduo

²⁰ Grifos nossos.

dócil. A quantidade de indivíduos cuidando do pátio, auxiliando no controle faz a escola parecer um panóptico:

Café Filosófico

O Panóptico é uma máquina de dissociar o par ver-ser visto: no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver; na torre central, vê-se tudo sem nunca ser visto (FOUCAULT, 2013, p. 191).

O sujeito aprisionado a um panóptico se sente vigiado o tempo todo. Pode acontecer lembrar da avó dizendo: “Olha, papai do céu tem um livro lá em cima, tudo o que você faz de errado, ele anota e depois ele vai te cobrar” e o indivíduo ficava olhando para o céu procurando, mas “não adianta se esconder”, porque “Ele” vê tudo, quer dizer, a questão da onipresença. Assim, ele que tudo vê te obriga a nada ver. Essa é a contradição do panóptico. O preso tem que ser iluminado e sempre vai ser iluminado, ele nunca vai habitar uma região escura, ele sempre será visto. O guardião não. Ele não vai ser visto e, por não ser visto, ele não precisa existir fisicamente, pode ser uma abstração e é assim que as escolas e a sociedade fazem com toda a educação.

Figura 22 – Mesas para vigilância



Fonte: Acervo pessoal (2015)

Café Filosófico

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadilha, o desarticula e o recompõe. Uma [...] “mecânica de poder” está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas [...]. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis” (FOUCAULT, 2013, p. 133).

A escola contava com alguns armários de aço que estavam nesse corredor. Eles geralmente ficavam trancados com cadeados e/ou chaves. Os armários de aço eram utilizados por professores, por funcionários e por alunos de graduação que participam do Programa Escola da Família aos finais de semana.

Descrevemos abaixo um episódio que Silvia falou durante a entrevista. Esse assunto surgiu porque, no meio da nossa conversa, a voz da coordenadora soou mais alto, gritando com alguns alunos no pátio e perguntando quem era a professora responsável pelo segundo ano A do Ensino Médio, nesse caso era a Margarida, professora de Arte:

É a Margaridinha, a professora de Arte, que estava lá quando você foi me buscar. Tadinha, eu tenho uma dó dela quando a Ariane briga com ela²¹. *Ela é distraída sabe, ela faz chamada, faz tudo errado, a nota ela dá qualquer nota para qualquer aluno, os outros vai lá e fala que fez e ela dá nota. “Ah! Eu fiz!”, “Você fez então, tá!”, ela vai lá e dá nota, não dá visto em nada. Não faz, o pessoal tira nota 10 com ela porque ela coloca lá qualquer coisa. Não acho certo. Dá dó dela, eu falo pra ela: “Professora, você tem que começar a ficar esperta”, se falar para a professora que fez, se o aluno fez o trabalho pede para ver mesmo. “Ah! Não tem como! Eu peço, eles não dão!” “Então a professora não dá nota!” “Ah! Mas eu já coloquei!” Eu falo: “Ai, meu Deus do céu!” Ela faz chamada assim: os que faltou, ela coloca presença e os que está presente, ela coloca falta. Inverte tudo tadinha, mas ela é um amorzinho, muito legal. Ela é. Ela pegava o ônibus com o meu tio, porque meu tio trabalhava na Paraty²², todo dia ela chegava aqui e falava “Aí fia, hoje eu vi seu tio”, ficava toda feliz. Aí meu tio fez amizade com ela e pegou e falou “Aí, eu vi sua professora”, aí ela ficou triste, porque meu tio foi demitido. Aí ela falou: “Aí, fia! Não tô mais vendo ele” [risos] “Ele não tá mais trabalhando”. Nem é ela que escreve na lousa, ela pede para os alunos. Tipo ela dá um texto, você copia e ela vai e dá um visto. Ela não explica. Aí tem vezes que ela não dá caderno, nada, só dá apostila, ela manda você fazer cinco, seis páginas na mesma aula, aí você vai lá faz tudo. Aí você fala: “Aí, eu não entendi”, ela fala: “Vai lá e*

²¹ Grifos nossos.

²² Empresa responsável pelo transporte urbano em Araraquara no período de realização da pesquisa.

leia de novo!" "Mas eu li, professora! Não consigo pegar, não entendi muito bem!" Ela: "Ah! Deixa em branco e faz outro então." Eu falo: "Então tá, né". É assim, ninguém faz nada na aula dela, mas se a Ariane chega lá e brigar lá nós defende a professora, a gente fala que ela não tem culpa, é nós mesmos que não faz. Aí a Ariane não gosta, ela fala que "tem que pegar no pé", mas ela fala "eu pego". Dá dó dela, ela é um amorzinho de pessoa, mas os outros abusam muito.

Bob Esponja também disse a respeito da professora de Arte:

*Já gritei com a Ariane e o que recebi em troca: Suspensão. Já discuti várias vezes com a Ariane, porque eu não acho certo, sabe, ela querer falar: "Você está errada!" Eu não acho... eu não acho que tem que ser assim, tem que ser "Por que você fez isso? O que aconteceu? Vamos sentar, vamos escutar a história toda certa". Não. "Vem cá que vou ligar para a sua mãe!" Já gritando, acho que não tem que ser assim, acho que tem que ter mais, não sei, não acho certo, o jeito que ela trata, sabe, sair lá fora gritando com todo mundo. Acho que se ela passasse na sala conversasse com todo mundo, eu acho que eles iriam entender, que na hora que bate o sinal tem que ir para dentro da sala, não tem a necessidade dela ficar gritando lá fora, não sei. Acontece muito, ainda mais quando ela entra gritando com a professora de Artes. Eu acho que ela humilha muito a professora de Artes, fico muito chateada, eu lembro. Eu e a Nala conversa muito sobre isso. Simone²³, se você vê o que ela faz com a professora de Artes, de verdade, ela humilha de verdade a professora, ela humilha mesmo! É muito triste o que ela faz com a professora, sabe. **"Você não sabe dar aula! Isso não é pedagogicamente correto!"** Ela faz muita coisa também que não é pedagogicamente correto. **Ela fica gritando, sabe, ela vê o que as pessoas têm de errado, mas ela não vê o que ela tem de errado.***

A sala de informática possui 22 computadores e todos estão funcionando e ligados à rede de internet, segundo a coordenadora. Tem um portão de ferro e uma porta de madeira, ambos ficam trancados quando o local não é utilizado.

²³ A aluna se refere diretamente à pesquisadora.

Figura 23 – Laboratório de informática



Fonte: Acervo pessoal (2015)

Nos dias que estávamos presentes, observamos que nenhum professor levou os alunos para realizar uma atividade nessa sala. Os computadores são uma realidade nessa escola, mas observamos que são mais utilizados por professores, principalmente no final de cada bimestre, quando a sala de informática é utilizada para a inserção das notas dos alunos no sistema da Secretaria do Governo do Estado de São Paulo. Eles utilizavam a sala de informática como serviço de secretaria. Dezembro foi o mês que observamos alguns professores reclamando desse sistema, pois precisavam inserir as notas e depois voltar ao mesmo sistema para verificar se as notas estavam “redondas”. O sistema não “arredondava” as notas dos alunos. Quase todos os docentes utilizaram os computadores da escola para essa função. Alguns argumentaram que não sabiam manusear o computador, porém a coordenadora os auxiliou.

A escola conta com uma biblioteca que não é tão importante como na cadeia. Alguns alunos frequentavam, geralmente, a biblioteca para pegar as apostilas que o Governo do Estado de São Paulo fornece semestralmente e, também, buscar cartolina ou papel crepom que ficam na parte de baixo do armário da televisão. Esse lugar é exatamente o mesmo onde ficavam a televisão e o DVD quando eu estudava ali. Verificou-se que nada mudou.

Professores e funcionários da escola almoçavam na biblioteca numa mesa retangular de madeira. Nessa mesma mesa, foi realizada a contagem do dinheiro resultante da venda de balas, doces e salgados na cantina da escola. Alunos também almoçavam na escola e depois iam direto para o serviço, porém a refeição era realizada no pátio da escola.

Café Filosófico

Buscamos um excerto da carta “*Vida de preso por quem está preso*”, que foi escrita dentro do presídio por José Dirceu. Ele é conhecido no meio político, foi preso e condenado por lavagem de dinheiro e corrupção.

Publicado em 31 março 2017, às 12h17min

[...] ler, estudar e escrever, um pouco de tudo. Aqui tem biblioteca – e é boa. Em geral, literatura brasileira e mundial, autoajuda, espiritismo, cristianismo, catolicismo, correntes evangélicas. Nossos clássicos – e outros atuais — estão à disposição. Há cursos de alfabetização. Na cadeia, você passa a dar importância às pequenas coisas. À rotina. À limpeza coletiva em sistema de rodízio. E, muito, à disciplina. Preso primeiro chora, depois chama a mãe e seus santos, e faz remissão. Cada três dias trabalhados valem um dia de pena cumprida; cada livro lido e resenhado vale mais quatro dias; cada 12 dias de estudo, um dia de remissão. Assim, em 12 meses, o preso pode remir seis meses, cinco em geral.

Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/vida-de-preso-por-quem-esta-preso-escreve-jose-dirceu-da-cadeia/>>. Acessado em 25 set. 2017.

A biblioteca não era utilizada pelos alunos para realizar leituras, e sim como um território para realizar prova. Na cadeia, a biblioteca é importante, pois é utilizada pelos detentos para diminuir a pena, conforme relatou José Dirceu acima.

Tive uma experiência desagradável, em uma outra escola, com a biblioteca. Território também controlado por um poder. Não aconteceu uma vez, mas foram algumas vezes no meu primeiro ano do Ensino Fundamental, no ano de 1996. Frequentei por dois anos seguidos essa escola, cujo nome, hoje, é Escola Municipal de Ensino Fundamental “Anna Maria Mazzali”, localizada na cidade de Boa Esperança do Sul, interior do estado de São Paulo. A escola não está mais situada no mesmo prédio que estudei, é a Diretoria Municipal de Educação da cidade que está localizada atualmente nesse recinto.

O prédio contava com porão embaixo de toda a extensão das salas. Já era um casarão antigo quando a escola funcionava, com janelas grandes e retangulares, o chão de madeira que fazia barulho a cada pisada. A professora tinha como “talismã” o porão, pois me recordo que ela falava para que não houvesse conversa na sala e que, se não fizessemos a atividade proposta, ela nos colocaria no porão no horário do recreio. E nós ficávamos olhando, todos os recreios, dentro do porão, para ver se tinha algum aluno de castigo. Encontrávamos uns homens barbados ali e, assim, nosso medo foi ficando cada vez maior, mas ela nunca enviou nenhum aluno.

Ela, a professora, utilizava, de fato, a biblioteca da escola como um ambiente de punições. Cursei meu primeiro e segundo ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental naquela

escola. Ainda bem que foi somente o primeiro com ela. Um dos castigos era escrever, no meu caderno, o Hino Nacional Brasileiro inteiro duas ou três vezes, dependia do “humor” dela naquele dia. Para minha sorte, a letra estava impressa atrás dos livros didáticos e isso talvez tenha me “ajudado” a habitar aquele ambiente. Na biblioteca, me lembro de ter um indivíduo que me vigiava e, assim que terminava, era solicitado a minha volta para a sala de aula.

Café Filosófico

Um território de “[...] de punições [...] de castigos (FREIRE , HARPER, *et al.*, 1985, p. 55).

Outro castigo que me recordo com a mesma professora, era escrever, também algumas vezes, no meu caderno “EU NÃO DEVO FAZER BAGUNÇA NA AULA”, “EU NÃO DEVO ESQUECER O LIVRO EM CASA”, “EU NÃO DEVO BRIGAR COM O COLEGA DA CLASSE”, “EU NÃO DEVO...”, “EU NÃO DEVO...”. Eram muitas razões para colocar alguns alunos de castigo na biblioteca. Um outro fato que acontecia e que nunca mais observei foi essa mesma professora colocar sal grosso em todos os cantos da sala de aula, desde a porta até as janelas e, depois, ela pedia que todos realizassem o sinal da cruz, rezássemos o Pai Nosso e a Ave Maria. Isso seguiu até o final do ano letivo. Abaixo tem uma fotografia da minha turma do ano seguinte à essa professora, o segundo ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O ano é 1997. Estamos “distribuídos” em fila, numa das escadas da escola. A direita e ao fundo de onde estamos, se encontra o porão.

Figura 24 – Escada da antiga E.M.E.F. "Anna Maria Mazzali"



Fonte: Acervo pessoal (1997)

Espera-se que o território biblioteca seja valorizado na escola, mas observamos que isso não aconteceu. Vale a pena para o indivíduo preso que tem apenas o corpo para oferecer, pois com três dias de trabalho, ele irá diminuir um na pena – isto é pouco dado que os trabalhos são pesados. Já o encarcerado que tem a cabeça e o corpo para oferecer, pode trabalhar na biblioteca e, assim, terá tempo livre, enquanto está trabalhando, para folhear livros e realizar as resenhas, em troca, terá mais dias de reclusão para trocar por dias de liberdade. Pelo depoimento apresentado por José Dirceu, cada três dias trabalhados, só um dia de remissão, sendo que, para cada livro lido e resenhado, quatro de remissão. É a lei. O analfabeto na prisão, em geral negro no Brasil, cumpre mais pena que um colarinho branco. Relação 1:4. Aqui talvez o sistema prisional brasileiro tenha uma sugestão para o educacional.

O sistema presidiário, hoje, valoriza a leitura, valoriza a biblioteca, enquanto o sistema educacional não. Absurdos, à parte o território escola não deixa o aluno levar o próprio livro didático para casa, a não ser emprestado. Deve devolver na data certa. E coitado do aluno que não devolver! Existia um caderno onde a secretária anotava todos os livros que eram emprestados. Um aluno da classe pegou um livro emprestado e não devolveu na data prevista. A secretária entrou na sala de aula, um dia, no meio da aula de Matemática e pediu ao aluno que o devolvesse. Absurdo: livro é para ser usufruído, circular de mão em mão de alunos, professores e pais de alunos, ou seja, a comunidade escolar e não para ser deixado no chão, na prateleira ou na mesa da escola como se fosse um troféu. O território escola não valoriza a leitura.

Apresentamos abaixo a entrada do território biblioteca e o nome que consta na placa acima da porta de entrada é “REFEITÓRIO”, pois era o antigo refeitório.

Figura 25 – Biblioteca



Fonte: Acervo pessoal (2015)

Café Filosófico

Buscamos no trabalho de Silva (2014) a biblioteca da escola onde foi realizada a pesquisa.

Lucinéia: Pessoal, e a biblioteca! Pra mim a biblioteca é um lugar importantíssimo na escola, mas ninguém usa aquele lugar, ninguém nem lembrou dela. A sala de informática também é importante. Aliás, todas as salas são importantes.

Durante quase todo o ano de 2012 a biblioteca não foi utilizada para fins de leitura e retirada de livros. Esporadicamente era usada como local para as reuniões da ATPC geral. A biblioteca possui janelas que não funcionam corretamente, gerando pouca ventilação na sala e aumentando o cheiro de mofo e poeira. No segundo semestre deste ano um professor readaptado, por motivo de saúde, assumiu a arrumação da biblioteca. Assim, por alguns meses, ela ficou totalmente fechada devido à nova organização. Com isso, continuou desativada, pois ninguém podia entrar e usar esse espaço da escola. No final do ano era possível ver alguns alunos retirarem e devolverem as apostilas para a biblioteca. No caso, os alunos que esqueciam a apostila podiam emprestar da biblioteca e usar naquele dia. (SILVA, 2014, 118).

A questão da biblioteca aparece em alguns trabalhos do “Grupo UNS – Múltiplos Uns” e pudemos observar que as bibliotecas estão jogadas as traças, entregues as traças.

Abaixo podemos ver a geladeira e dois micro-ondas que também estavam na biblioteca, para uso dos professores e funcionários da escola. Em frente aos micro-ondas tem uma mesa de madeira. Também é possível observar que a passagem, na parede, para a cozinha foi fechada, mas a cozinha continua no mesmo lugar e as mesas desse refeitório foram transferidas para o pátio da escola.

Figura 26 – Biblioteca com micro-ondas e geladeira



Fonte: Acervo pessoal (2016)

A biblioteca conta com algumas estantes de ferro para organizar os livros. As apostilas do Governo do Estado de São Paulo são distribuídas aos alunos no início de cada semestre. A mesa retangular poderia ser usada para leitura e estudos por alunos, mas não observamos nenhum aluno estudando ali, já os professores a utilizam para aplicar prova. Observamos alunos resolvendo exercícios na mesa do refeitório. Chegaram vários livros didáticos e não tinha lugar suficiente nos armários, logo foram utilizados o chão e a mesa para “guardá-los”.

Figura 27 – Corredores da biblioteca



Fonte: Acervo pessoal (2015)

Para Ronaldo, os professores não utilizam o livro didático.

Aqui tem livro, mas você não usa. É difícil o professor usar, usa aquelas apostilas que tem lá, que eles dão.

Café Filosófico

Analogamente podemos comparar a cartilha ao livro didático e a apostila, por compreendermos que é um instrumento que o professor segue e não faz o aluno ir além, a caminhar e ser um indivíduo crítico:

Cartilha é um instrumento de nivelar, retardar, comprometer. Cartilha é voz do que está por cima e só dá as ordens, só traça as linhas em que o rebanho vai pôr os pés (GONÇALVES, 2001, p. 165).

Nala levanta a questão que os alunos não podem levar o livro para casa, somente apostila que é dada a eles. Sobre esse medo de roubar livros nas escolas, pensamos o seguinte: que ele tenha um bom destino; que quem “roubou” gostasse tanto dele, que esteja circulando e deixando mais pessoas felizes do que preso numa estante. O livro é pensado para isso, é feito para ser usado. Silvia pegou o livro didático emprestado e levou para folhear em casa:

Tenho livro em casa, só que é bem poucos. Tenho livros de literatura e o último livro que eu li faz tempo. Ixi! Como eu vou lembrar o nome agora... é Capoeira de Cristal e eu o li, se não me engano, na oitava série, oitava ou sétima. Faz muito tempo que eu não pego um livro pra ler. Livro didático eu peguei uma vez emprestado só e levei para casa, mas só uma vez para folhear. Coloquei na bolsa e levei, depois eu trouxe de volta. Prefiro ver na internet mesmo, quando eu não sei.

Café Filosófico

Cabe à escola garantir o acesso à biblioteca. Não basta o governo comprar o livro, pois o livro tem que chegar ao aluno. [...] A grande pergunta que podemos fazer é: Como alguém pode tomar gosto pela literatura desta forma? (BOVO, 2011, p. 113-114).

Geralmente, tem verba para consertar um vidro quebrado, um ventilador, uma torneira; mas não tem para comprar um livro. Quanto menos cultura é oferecida ao indivíduo, menos respostas são obtidas. Assim, sem cultura e livros, a resposta social do nível da violência nas

escolas sobe. Quanto mais livros forem lidos, quanto mais histórias povoarem o território escola menos violência vai acontecer. Não estamos dizendo que não vai acontecer, estamos dizendo que menos.

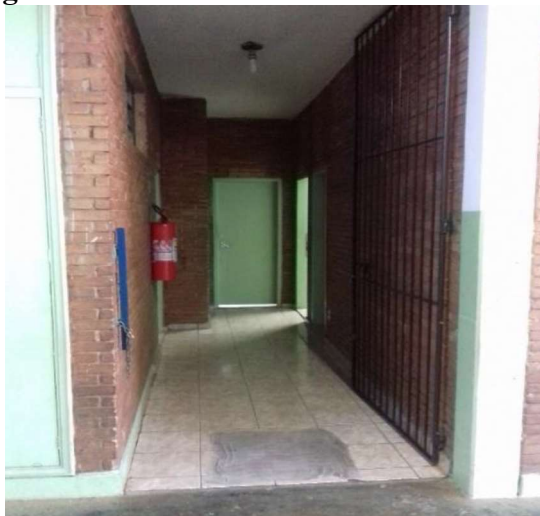
Café Filosófico

Silva (2014) mostrou uma turma que gostava de uma professora, pois a mesma realizava leitura de histórias semanalmente:

No primeiro tema tivemos como resposta dos oito alunos que a aula que mais gostam é a de português. A justificativa dessa escolha também foi unânime, já que todos declararam que a professora de Português era muito simpática e respeitosa com a sala, pois não gritava, nem xingava os alunos. Além disso, todos contaram que semanalmente a professora realizava a leitura de parte de uma história contida em um livro que a professora comprou especialmente para aquela sala. E ainda relatavam que, após escutar a leitura da professora, realizavam individualmente no caderno um resumo e/ou atividade (SILVA, 2014, p. 130).

Vamos apresentar agora a sala dos professores, a sala da coordenadora, a cantina e o depósito – um tipo de arquivo morto. No final de um corredor fica a sala da coordenadora, como mostra a figura abaixo, e a porta estava fechada. Quando a coordenadora está na sala, a mesma fica aberta. Quando ela sai da sala por qualquer motivo, a porta é trancada. Já presenciamos alguns alunos chegando na sala da coordenadora e, ao verem que a porta estava trancada perguntavam, na sala dos professores para quem estivesse presente, se a coordenadora estava na escola ou não.

Figura 28 – Corredor do bloco da coordenação

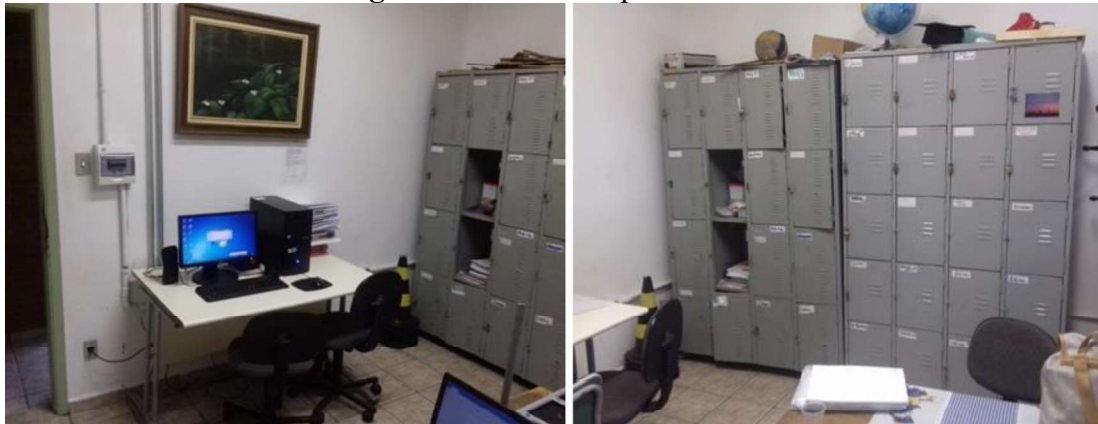


Fonte: Acervo pessoal (2015)

Já a sala dos professores fica ao lado da sala da coordenação. É possível observar a claridade da porta aberta, mas a porta fica fechada caso o ar condicionado esteja ligado. A sala possui um computador com acesso à rede e uma cadeira com rodízios. Esse computador serve para os professores prepararem as suas aulas. Eles também podiam utilizar a sala de informática. Todos os dias tinha algum professor utilizando esse computador. Presenciamos um professor solicitando que outro professor o deixasse utilizar o computador para preparar uma aula, pois o mesmo estava usando para entrar em sites de relacionamentos e não para preparar aulas.

A sala dos professores também possui armários tipo roupeiros de aço para os professores guardarem seus pertences pessoais, alguns estão com as portas quebradas, outros trancados com cadeados e outros com pertences de professores, porém sem cadeados.

Figura 29 – Sala dos professores



Fonte: Acervo pessoal (2015)

A sala possui uma mesa retangular com oito cadeiras, uma geladeira para uso coletivo, até os alunos a utilizavam para guardar comida, pois tem alunos que almoçam na escola e seguem direto para o trabalho.

Figura 30 – Sala dos professores

Fonte: Acervo pessoal (2015)

Tinha um filtro com água gelada e uma mesa (a mesma utilizada pelos alunos na sala de aula) com garrafa de café e biscoitos que fica no canto da parede para os professores e funcionários. O café era preparado sempre na hora da entrada e na hora do intervalo de cada período. E que café gostoso! As imagens foram fotografadas na hora do almoço, pois era o único momento sem professor, as cadeiras estavam postas sob a mesa para que fosse realizada a limpeza da sala.

Já a cantina, que tem a entrada ao lado da sala dos professores, vende salgadinho, bala, pirulito, chocolate, suco, salgado e outras coisas, mas é proibido o consumo dentro da sala de aula. É liberado na sala de aula apenas garrafa com água. Após o recreio, é realizada a contagem do dinheiro na biblioteca e anotado no livro caixa.

Café Filosófico

E como o governo nunca provê às escolas o nada de que necessitam, objetos irrisórios, perdidos no cotidiano, tais como: mimeógrafo que funcione, cartolina, papel para diárias tarefas, qualquer outro material imprescindível a emoldurar e embelezar os trabalhos dos alunos e outros itens de somenos importância, como um projetor de slides que possibilite – segundo a moderna pedagogia – um ensino dinâmico + atraente = eficiente (?) [...] Um dos frequentes e vitalícios recursos é o da venda de doces e refrigerantes: privilegiados alguns logram o alcance da barra de chocolate, da coca-cola, da bala de goma. E os olhos alargados, aprofundados, para as balas de pecado? As bocas salivantes, as mãos se enfiando uma na outra, buscando: esconder esquecer encontrar? E os outros olhos? O mergulho ou: as margens? (GONÇALVES, 2001, p. 13-14).

Figura 31 – Cantina

Fonte: Acervo pessoal (2015)

A cantina fica em frente à biblioteca que, por sua vez, fica ao lado da cozinha da escola. A cozinha é um território reservado, somente indivíduos autorizados podem adentrar. Nele era exalado um perfume todos os dias, pois as cozinheiras faziam a merenda para todos os alunos da escola. A sala de aula onde desenvolvemos a pesquisa no ano de 2015 era a sala 4, quase ao lado da cozinha. Perto do intervalo, o cheiro da comida chamava a atenção da maioria dos alunos. Alguns alunos chegaram a falar da impossibilidade de se concentrar devido ao cheiro de comida:

Professora, é impossível de se concentrar sentido esse cheiro de comida. Assim não dá.

Essa fala se repetiu durante quase todo o semestre por diferentes alunos, exceto quando mudaram os alunos para a sala de aula 6 que fica na parte de baixo da escola. Todos os dias, observávamos alunos na porta da sala de aula, querendo sair, antes do horário, para o recreio e, assim, poder correr para a fila da merenda ou da cantina.

Café Filosófico

Por outro lado, o Panóptico pode ser utilizado como máquina de fazer experiências, modificar o comportamento, treinar ou retrainar indivíduos (FOUCAULT, 2013, p. 193).

E sempre aparecia algum indivíduo para cuidar da porta e não deixar nenhum aluno sair antes do horário marcado, eles tinham que esperar o sinal tocar. Os segundos eram contados no relógio pelos alunos e, quando marcava o horário exato, os alunos começavam a sair, nenhum

indivíduo segurava dentro da sala de aula. Todos os dias formava-se uma grande fila para pegar a merenda.

Figura 32 – Cozinha



Fonte: Acervo pessoal (2015)

As mesas do lado esquerdo eram utilizadas, pelas merendeiras, para servir a comida, já a mesa do lado direito, ao lado do lixo, era utilizada para colocar duas bacias, uma com água e sabão onde os indivíduos colocavam os talheres sujos e a outra para colocar os pratos. Essa lixeira servia para colocar as sobras de comida dos pratos e, todos os dias, nos dois períodos um indivíduo passava para recolher.

Café Filosófico

A atitude dos domadores terá sido sempre louvável. Sabendo que a serpente lhes fornecia o próprio alimento, acatavam as pequenas rebeliões, sufocando, implacavelmente, as grandes. Havia, inclusive, já impressa uma tabela com os valores atribuídos a cada ato em vias de se instaurar. Afixada em lugar visível, a alva folha, estampada em caracteres vermelhos, permitia que se lesse:

- reclamar do sol ou do calor = pequeno ato de rebeldia, boa tolerância;
- queixar-vos do tamanho da fila = idem, sendo um pouco menos boa tolerância;
- queixar-vos da criança da mulher à vossa frente, que acaba de vomitar em cima de vós: excepcional tolerância;
- observar que a fila anda devagar: razoável tolerância;
- pôr em dúvida a capacidade dos funcionários que ali estavam para o atendimento = ato quase considerado sério de rebeldia, tolerância muito pequena, estabelecida sobretudo se o reclamante se desculpasse;
- brigar porque alguém passou à vossa frente: mais-que-excepcional tolerância;
- comentar vossas pequenas e grandes desgraças e infortúnios: razoável tolerância, aumentando à medida que aumentem os cantos de lamento;
- insurgir-vos contra a Ordem = sério ato de rebelião, passível de punição a consistir no deslocamento do infrator para o final da fila;
- questionar a validade do atendimento: idem;
- brigar com quem está atrás porque esbarrou em vós: boa tolerância;
- querer, num momento de loucura, sair da fila = ato extremamente de rebeldia, para cuja punição somente são bastantes a eterna prisão ou a morte (GONÇALVES, 2001, p. 32-33).

A Ordem no pátio funcionava por todos os lugares, até na parte debaixo da escola, onde estavam situadas três salas de aula, conforme na figura abaixo.

Figura 33 – Salas de aula na parte debaixo da escola



Fonte: Acervo pessoal (2015)

As salas de aula, na parte de baixo, têm o teto mais baixo, a área interna é menor que as salas da parte de cima, embora a quantidade de alunos não seja menor. Essas salas também não têm armários embutidos para guardar os livros didáticos e, nesse caso, os mesmos são colocados em cima de duas ou três mesas que seriam para uso dos alunos. O sol da tarde bate nas janelas de vidro que foram pintadas de tinta branca. Todas as salas possuem cortinas.

Essas salas de aula não possuem indivíduos sentados nas carteiras vigiando, como as salas da parte de cima da escola caso algum aluno saia da sala sem permissão, porém ficam em frente às salas da direção e da administração. Ambas ficam com as cortinas abertas. Assim, são poucos os alunos que se arriscam a colocar a cabeça ou o corpo para fora da sala.

Café Filosófico

Um direito de soberania e um mecanismo de disciplina: é dentro desses limites que se dá o exercício de poder. Esses limites são, porém, tão heterogêneos quanto irreduzíveis (FOUCAULT, 2015, p. 293).

Já as salas de aula que ficam na parte de cima da escola contam com armários embutidos para armazenar os livros didáticos e o lugar que o armário ocupa fica do lado de fora da sala, pois a parede do armário foi feita em alvenaria para fora da sala de aula, como é possível observar na figura abaixo na cor verde:

Figura 34 – Armário embutido



Fonte: Acervo pessoal (2015)

As carteiras dos alunos ficavam encostadas nos armários, mas caso fosse necessário pegar algum livro, os alunos afastavam as mesmas para abrir o armário e pegar os livros. Nesses armários ficavam livros de todas as disciplinas e de todas os anos. Quando algum professor precisava utilizar livros, os alunos saiam para procurar em todas as salas de aula da escola até

encontrar. Não existia uma lista para mostrar em qual sala determinado livro estava. Por diversas vezes presenciei a aula ser interrompida por alunos de outras turmas procurando o livro didático.

Existia a questão de as salas não serem iguais na infraestrutura. Uma professora pediu à coordenadora que a turma dela utilizasse a sala onde estávamos, pois tinha televisão e DVD, pois ela precisava passar vídeos e a questão da logística com o carrinho da biblioteca não era simples. A turma que estávamos observando foi a escolhida para realizar a troca. De acordo com um aluno, eles eram considerados a pior sala da escola. Eles permaneceram pouco mais de um mês na sala da parte de baixo da escola. Nesse período, houve reclamação por parte dos alunos e da própria professora em relação ao espaço físico que era bem menor e do ventilador, pois existia somente um. Porém o que eles mais disseram foi:

Sentir o cheiro da comida era bom, mas era melhor ainda ser os primeiros da fila. Agora seremos os últimos.

A professora comentou que pediu a coordenadora para voltar com os alunos para a sala da parte de cima, assim, ela poderia continuar a passar seus vídeos aos alunos:

Lá embaixo é muito ruim. Eu fiz o maior esforço de trazer eles para cá. Porque aqui é mais ventilado, quando eles saíram daqui, eles resmungaram. Têm poucas pessoas nessa sala, pois uns faltam, outros saíram. Mas de vez em quando tem bastante. Mas os alunos que estavam nessa sala são em menor número que a nossa, então eu vou pedir para eles ficarem aqui definitivamente. Na parte da tarde eu dou aula lá embaixo, na quinta série, pega fogo, de todos os sentidos: de idade, porque eles são bem pequeninhos e de calor, pois é muito abafado e os alunos não param. Aqui a disciplina existe mais e eles rendem, lá a disciplina quase não existe e eles não rendem nada, porque as carteiras são bem grudadas e o espaço é menor.

Os alunos voltaram para a antiga sala depois de um mês e meio e, no dia da mudança, alguns alunos comentaram a respeito de voltar para a antiga sala:

Vamos mudar de sala, dona, aqui é um lixo, é muito abafado, não entra ar, nada. Lá é aberto e ventilado. Aqui é uma bosta. O sol bate na cara. O ventilador parece que está sempre desligado. O pior é depois da aula de Educação Física ficamos parecendo um tatu. A gente não pode fazer nem abaixo assinado, pois se a gente faz a gente que é errado, dona. Porque a

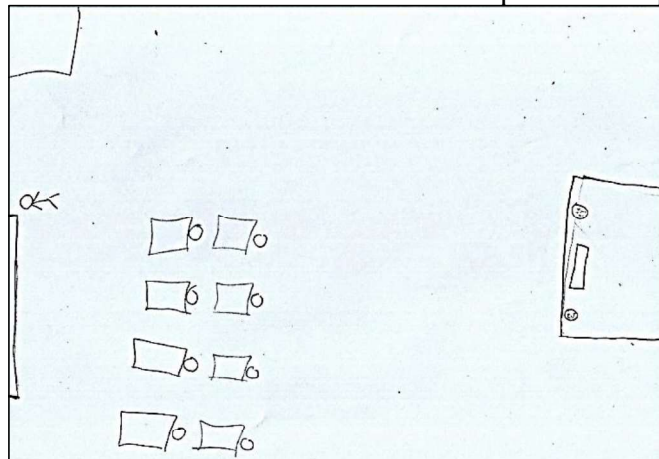
nossa sala é considerada a pior sala da escola. A gente tem que ficar escondido aqui.

Café Filosófico

Cada luta se desenvolve em torno de um foco particular de poder [...]. E se designar os focos, denunciá-los, falar deles publicamente é uma luta, não é porque ninguém ainda tenha tido consciência disso, mas porque falar a esse respeito – forçar a rede de informação institucional, nomear, dizer quem fez, o que fez, designar o alvo – é uma primeira inversão de poder, é um primeiro passo para outras lutas contra o poder (FOUCAULT, 2015, p. 138-139).

Bob Esponja quando desenhou a sala de aula, ela desenhou com o armário no fundo da sala, quer dizer, ela não desenhou a sala que eles ficaram um mês e meio, e sim a sala onde eles ficaram nos outros meses.

Figura 35 – A sala de aula de Matemática para Bob Esponja



Fonte: Elaborada pela Bob Esponja (2015)

A sala de aula não tem muita coisa para fazer, aqui é onde fica a televisão, aqui é todo mundo prestando atenção, aqui a professora, é o que eu percebo: todo mundo sempre prestando atenção.

Como mostra a figura abaixo, é possível observar uma das salas de aula da parte de cima da escola, que tem um armário embutido com televisão de LCD e um DVD, porém fica trancado com cadeado. Caso o professor desejasse utilizá-los, deveria solicitar a chave para a coordenadora. As salas de aula na parte de cima são maiores e mais arejadas, tem o teto mais alto e as janelas maiores:

Figura 36 – Armário embutido para TV e DVD



Fonte: Acervo pessoal (2015)

Nesta descrição, buscamos destacar os pequenos fios que puxam grandes redes. Práticas como o mapa da sala de aula, que determina o local onde cada aluno deve sentar, uniformes, limpeza, grades, zeladores do patrimônio, vigilância na entrada e no recreio e no pôr a cabeça para fora da sala de aula, horários rigorosíssimos de entrada e sinais. Encontramos uma grande rede da ordem e da servidão a esta. Existem pontos de pequenas, mas firmes insurgências em Ronaldo e Nala. Temos que, tristemente, dizer: mais uma escola igual a outra escola que é igual a outra e de certa forma, um aspecto anima: existem, pelo visto, pequenos, mas muito pequenos, espaços de resistência, temos um palco, intervalos com música e insurgências...

EXEMPLOS DE UMA CARTOGRAFIA

Café Filosófico

a intenção é mostrar *uma* forma de Cartografia, admitindo a existência de outras e a impossibilidade de tomar este exemplo como método (RODRIGUES, 2015, p. 16, grifo do autor).

Nossa intenção vai ao encontro do autor Rodrigues (2015) que diz existir outras formas de se realizar uma cartografia, logo esta é apenas mais uma maneira de se trabalhar, de se apresentar uma cartografia.

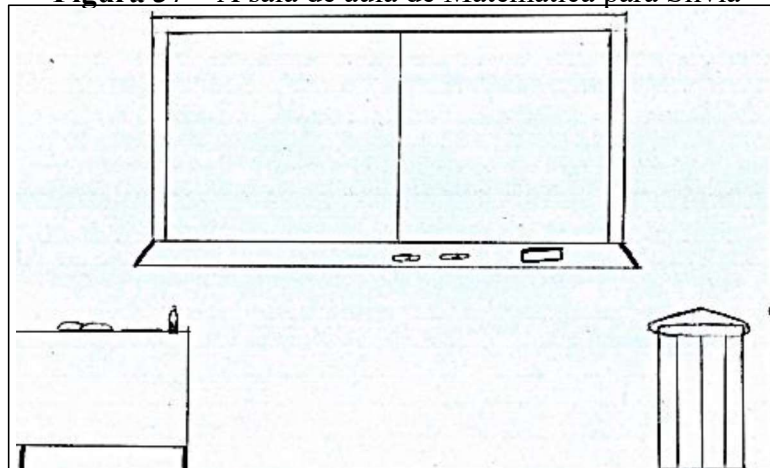
Assim como Roberta comentou sobre uma outra escola logo no início deste trabalho, Sílvia também traz comparações sobre professores de Matemática. Ela diz o que aprendeu na aula de Matemática e não que aprendeu Matemática. Isso faz uma grande diferença.

A professora consegue segurar a sala, consegue, por incrível que pareça. Acho que a aula que mais todo mundo presta atenção, assim, e pega pra fazer é a dela. Não sei porque, todo mundo gosta do jeito que ela ensina, ela ensina muito bem. Na aula dela todo mundo faz, parece que não, mas a maioria faz, presta atenção, consegue sair dali aprendendo, e eu comecei a gostar de Matemática depois que eu conheci ela. Minto, antes eu conheci o João, do EEBA. É outro também que você se apaixona por ele, é só você ter aula de Matemática com ele, você olha... Ele é ótimo no que ele faz, não sei explicar como, mas ele ensina de uma forma que você se apaixona por Matemática. Tive aula com ele durante os quatro primeiros meses que eu fiquei lá. Felizmente eu tive que sair, minha mãe não queria que eu estudasse lá, a escola [Escola Estadual João Manuel do Amaral] que jogou eu pra lá, aí quando eu consegui vaga pra cá eu vim. E eu queria sair, porque lá você só conseguia ter aula com ele. Além de faltar muito professor, não tinha uma estrutura ali igual aqui, dos alunos ficar na sala e ter aula ou coisa do tipo. Lá não, lá você saía, você ficava andando no pátio, você ia pra sala se você quisesse. Eu ficava, mas ficava eu e mais três dentro da sala. Aí os professores olhavam assim, sabe, ia lá falar com o diretor e o diretor também não fazia nada. Eu ficava nisso, eu falava: "Ah! Não tem como eu aprender aqui!". Aí eu vim pra cá e no começo eu sofri bastante, porque aqui já tava muito avançado. Vim no meio do ano passado e foi a própria Marina que me deu aula. Foi ela quem me ajudou bastante, ela teve muita paciência comigo, não sei como! No ano que vem nós está preocupado que ela não vai dar aula pra gente de Matemática. Se pudesse ter aula com o João de novo também seria muito bom, não sei se é que ele dá um ânimo para a pessoa estudar, não sei o que que é. Só que também ele era assim! Vamos supor: batia o sinal, que nem aqui bate o sinal e a maioria fica na porta, lá não, todo mundo saía, todas as salas ia no banheiro

por livre e espontânea vontade, bebia água e voltava e outros ficavam no corredor. Aí quando, vamos supor, se você sabia que era a aula dele, se batia o sinal ele entrava e fechava a porta, não deixava entrar se você tivesse pra fora, não deixava. Fiquei umas duas vezes pra fora da aula dele, minha mãe falou: "Não, fia! Você tá desandando nesta escola!" Eu falei: "Não, mãe, eu precisava ir no banheiro!" "Não, o importante é a aula!" Eu falei: "Ah! Legal viu, mãe!" Aff! Aqui é totalmente diferente. Meu Deus, não tem nem comparação! Quando eu cheguei aqui, eu assustei bastante. Na verdade, o João Manuel era uma escola boa, mas na verdade você vai para uma escola que você desacostuma, que é toda desandada, não tem ordem, não tem nada, vim pra cá eu assustei com a Ariane. No primeiro dia de aula, já entrou gritando dentro da sala, eu falei "Senhor! Que que é isso!" Quem não tá acostumada ver, né. Agora, normal, mas antes não. Eu fiquei olhando assim, né, ela gritando, brigando com a sala, tudo. Ela grita, grita e com vontade ainda. Aí eu entrei assim, de boa, acho que eu estava sentada do lado de cá nos armários, ela falou: "Você é nova aqui?" Eu falei: "Sou!" e eu não tava com o uniforme ainda e ela falou assim: "Você trata de vir com o uniforme amanhã, hein!" Eu falei: "Tá bom!" Fiquei assustada assim, aí os outros falou assim: "Vixi! Essa aí é faixa preta!", porque é difícil de engolir. Mas eu já acostumei com ela, ela já se acostumou comigo, aí fica de boa.

Ela aprendeu só há ordem nesta escola, quer dizer, o signo que ela tem é o signo da ordem, não o signo da Matemática, nem o signo da Educação, mas é o signo da ordem. O professor João é o único “doido” de uma escola aonde todo mundo é **NORMAL**. Ele entra e tranca a porta e todo mundo respeita, um detalhe interessante é que ninguém arromba a porta, já que a escola é uma bagunça, mas tem esse tal professor João que ela quer que volte a dar aula para ela porque seria legal. O que ela aprendeu com o professor João de Matemática? Ela não diz. Ela aprendeu que ele é legal, porque ele fecha a porta, ela aprendeu regra com ele, ela não aprendeu equação do segundo grau, quer dizer, ele foi legal com ela, porque ele a ensinou o truque da ordem, então “se eu for um aluno ordeiro, eu vou ser aceito”, então é isso que ela queria aprender e o que o professor João, com esse gesto de trancar a porta e deixar todo mundo do lado de fora, consegue ensinar para ela.

Figura 37 – A sala de aula de Matemática para Silvia



Fonte: Elaborada pela Silvia (2015)

Tentei desenhar a lousa, aqui eu coloquei a porta, aqui é, tipo, aquele suporte para caneta e apagador que eu tentei fazer, aí eu desenhei o lixo e tentei desenhar a mesa do professor. Ali é a porta, meio coisadinha. É o que eu vejo, que eu consigo ver.

Abaixo, mostramos um excerto de uma música de Gonzaguinha, datada de 1973, mas que, por sinal, é muito atual: um indivíduo lapidado a cumprir regras sem reclamar, a ser obediente e ordeiro para que, no final, dê tudo certo e ele possa receber um diploma e quem sabe poder ganhar até bombons. Podemos observar que ordem está escrito até na Bandeira do Brasil **“ORDEM E PROGRESSO”**, assim, um indivíduo aprende a palavra ordem desde o início, seja assistindo um jogo de futebol ou na escola, quando pedem para desenhar a Bandeira, na época do dia 07 de setembro, a Independência do Brasil. Ordem. Ordenado. Um território com regras, com leis.

Café Filosófico

Você deve aprender a baixar a cabeça
e dizer sempre: "Muito obrigado".
São palavras que ainda te deixam dizer
por ser homem bem disciplinado.
Deve, pois, só fazer pelo bem da Nação
tudo aquilo que for ordenado.
Pra ganhar um Fuscão no juízo final
e diploma de bem-comportado²⁴
(GONZAGUINHA, 1973).

²⁴ Excerto da música *Comportamento Geral* de Gonzaguinha (Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior) lançada em 1973 no EP “Luiz Gonzaga Jr.”

Estivermos imersos dentro da sala de aula, por alguns meses, para mostrar o não oculto (DELEUZE, 2013). E, pensando nisso, voltamos ao diário de campo, para as conversas, para os mapas narrativos, para os dados produzidos ao longo dos meses e, observamos o que estava emergindo: “a ordem”. O aluno deve estar sempre sentado no mapa; deve estar sempre com o uniforme – inclusive no primeiro dia de aula para não ouvir gritos da coordenadora –; não chegar atrasado (mas isso vale somente para os alunos); e não ter aulas na sexta-feira foram alguns dados que emergiram.

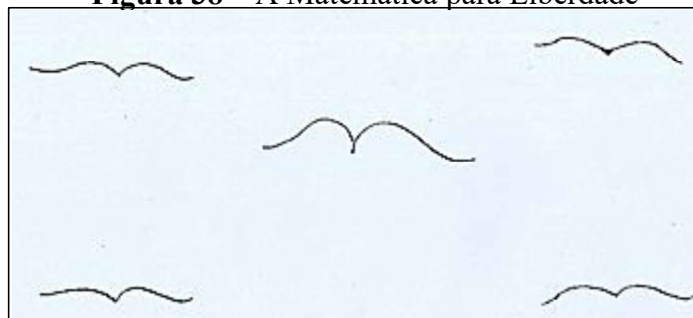
Café Filosófico

Quem diz ‘bom-dia Teodoro’, quando Teeteto passa, quem diz ‘são três horas’, quando são três e meia, quem diz que $7+5=13$? O míope, o distraído, a criança na escola (DELEUZE, 1988, p. 246).

A ordem é um signo fundamental na Matemática Escolar como o CERTO ou o ERRADO. Eles estão além dos símbolos matemáticos, têm signos que a Matemática mostra que são apreendidos pelos alunos como, por exemplo, a clareza, a limpeza do texto, o saber argumentar e o saber demonstrar matematicamente. Temos que o \sum (somatório) é um símbolo da Matemática, e não um signo. Signo da Matemática Escolar é o que um indivíduo aprende, mas para que o aprender aconteça, é necessário pensar. Para Liberdade, a Matemática significa exatamente o próprio nome que ele escolheu para se identificar nesse trabalho: liberdade.

A Matemática é uma certa liberdade, penso nuns pássaros, tipo, uma águia, assim ó. Sabe quando ela imagina longe, consegue voar longe... acho que a Matemática pode-se falar que é isso. Que ela abre a sua mente. Que a águia imagina longe, né, tem uma visão longe, aberta, que a galinha não, a galinha enxerga isso aqui, acho que é isso.

Figura 38 – A Matemática para Liberdade



Fonte: Elaborada pelo Liberdade (2015)

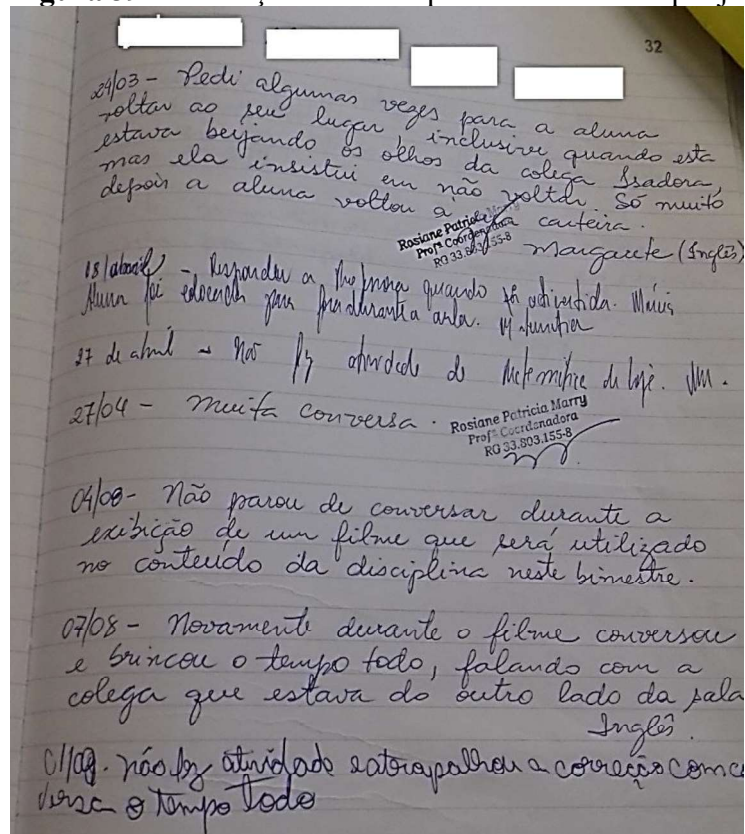
Signo é o que um indivíduo aprende para si e, depois, deve devolver o que apreendeu para a professora. Para Deleuze (1988), somente a sensibilidade apreende o signo.

Café Filosófico

uma sensibilidade que capta e recebe os signos: o signo é o limite dessa sensibilidade, sua vocação, seu exercício extremo. [...] quando então cada uma descobre aquilo que só ela tem o poder de interpretar, cada uma explica um tipo de signo que especificamente lhe violenta. [...] tudo que força a pensar, tudo que é forçado a pensar, todo pensamento involuntário que só pode pensar a essência. Só a sensibilidade apreende o signo como tal (DELEUZE, 2003, p. 93).

Bob Esponja tem algumas anotações no livro preto da classe. Alguns professores anotaram que não fazia as atividades propostas ou não sentava no mapa da sala de aula ou conversava com os colegas e tal. O “seu lugar”, como está registrado por uma professora, era sentar na última carteira da fileira, encostada aos armários embutidos e não tinha colegas sentados, nem à sua frente e nem ao seu lado esquerdo, ninguém ao seu redor. Ela deveria ficar sentada seis aulas por dia, cinco vezes na semana sem conversar com nenhum colega, de acordo com o mapa de sala de aula, como se fosse um castigo.

Figura 39 – Anotações no livro preto sobre Bob Esponja



Fonte: Dados da pesquisa (2015)

Café Filosófico

A disciplina implica um registro contínuo (FOUCAULT, 2015, p. 182).

Pudemos observar no registro de Bob Esponja que ela não copiava a matéria da lousa e, raramente, resolvia os exercícios propostos e, para receber o ponto positivo, ela pegava, algumas vezes, o caderno da Nala ou de outros indivíduos para copiar e assim, ganhar ponto.

Outra observação que pudemos fazer, ao longo dos encontros que tivemos com o segundo ano B, é que a professora de Matemática da classe dizia que se o aluno não sentasse no lugar estabelecido, não ficasse quieto e prestasse atenção na hora da explicação, iria anotar no livro preto. Uma espécie de chantagem: “se fizer bagunça, vou anotar no livro preto”, mas ao observar, no final do ano, as páginas de cada um dos oito alunos, nenhum recebeu anotações da professora de Matemática. Uma das frases que ouvimos, contra um aluno que não fez a atividade proposta, foi:

Quer se defender antes de eu anotar no livro preto?

A atividade era para os alunos escreverem nome, número de chamada, data – na folha de sulfite entregue pela professora – tudo o que eles achassem pertinente para utilizarem na prova que seria no mesmo dia, mas na próxima aula. Os alunos não estavam preenchendo a folha e a professora entrevistou:

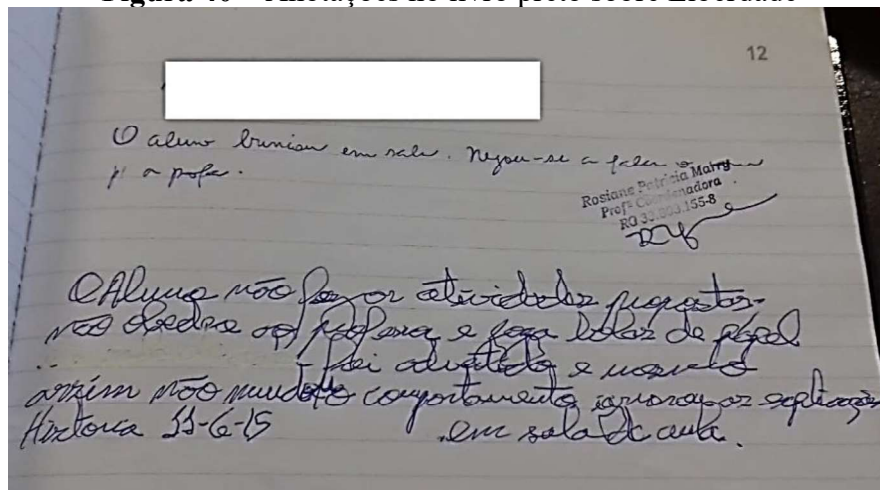
Só vai valer se me entregar nesta aula para eu vistar, se me entregar na segunda aula não valerá e vocês farão a prova sem a minha ajuda.

A professora iria olhar e assinar a folha antes da prova e quem fizesse receberia dez pontos. E só poderia utilizar essa folha na hora da prova, uma espécie de ajuda, segundo ela.

O Liberdade também tinha registros de anotações no livro preto por brincar e não realizar as atividades em sala, mas nas aulas de Matemática, raramente o vimos fora do lugar e preferia pedir ajuda a professora:

Eu peço ajuda, eu peço, mas até na hora que eu quebro a cabeça e falo: "Não tá certo isso aqui, eu não consigo!" Aí eu peço ajuda para a professora, primeiro eu tento. Fico lá até na hora que estresso, na hora que eu não consigo, aí tenho que perguntar para a professora. Aí eu vou lá e pergunto, mas é mais para a professora.

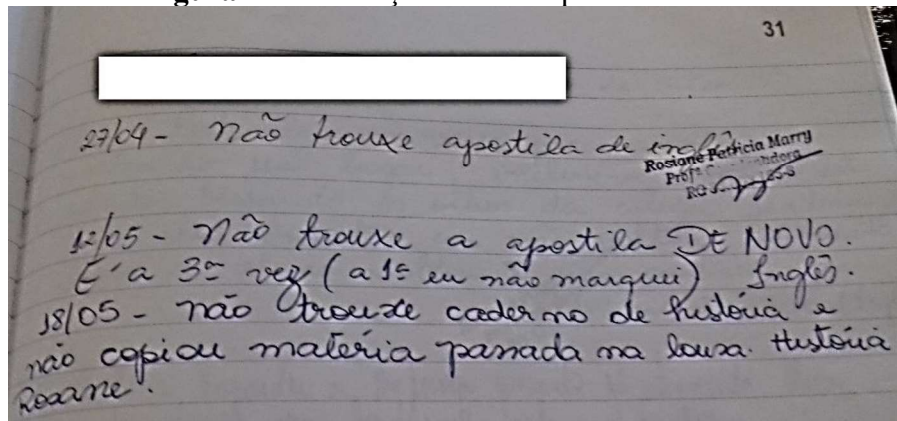
Figura 40 – Anotações no livro preto sobre Liberdade



Fonte: Dados da pesquisa (2015)

Nala também tem registros de anotações a seu respeito no livro preto por não levar apostilas para as aulas, em algumas aulas foi possível observar que ela não copiava a matéria da lousa e dizia que depois pegava a matéria com a Ariel:

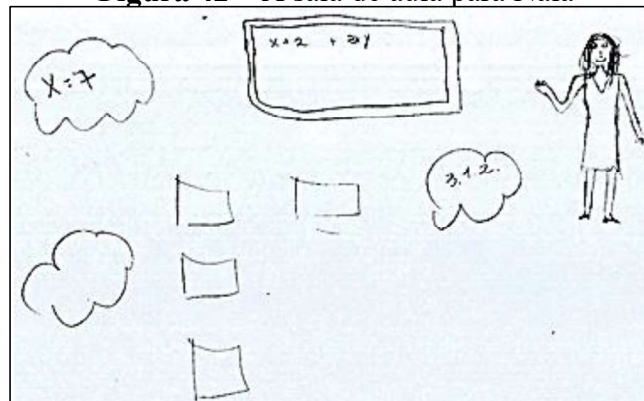
Figura 41 – Anotações no livro preto sobre Nala



Fonte: Dados da pesquisa (2015)

Eu me sinto livre, acredita, na aula de Matemática. Eu vou fazer assim, chega de fazer desenho por cima.

Figura 42 – A sala de aula para Nala



Fonte: Elaborada pela Nala (2015)

A professora aqui, Marina, que é um amorzinho de pessoa [risos]. Não sei... Parece que eu vejo várias nuvens com os números. Sei lá... Parece que as coisas vão vindo, sabe. Você vê que eu estou pensando em alguma coisa é porque eu estou assim, mas não sei, eu me sinto livre pra poder fazer as coisa, sabe. Eu não me sinto obrigada a fazer as coisas na aula de Matemática, como em Biologia, por exemplo. Eu não me sinto obrigada, nossa! Tipo: "Eu tenho que aprender a fazer isso!" Um dever e não uma obrigação. Vamos lá, eu vou fazer as atividades. No dia em que eu não estou a fim de fazer, eu não faço. Mas é bom aprender Matemática.

Foram escolhidos oito alunos para essa pesquisa, sendo que a metade tem registros de anotações no livro preto como a Nala, o Liberdade, a Bob Esponja e o Ronaldo; já a Ariel, Orquídea, Roberta e Silvia não têm registros de anotações no livro preto.

Nala levanta a questão do pensar e que na aula de Matemática se sentia livre para fazer ou não as atividades, porém, para que o pensamento aconteça, é necessário um "arrombamento

do fora”, segundo Deleuze (1988). Um dos ditados populares é de que “pensamos o tempo todo”. Porém, educar é desnaturalizar e precisamos acabar com a naturalidade das coisas, acabar com a ideia de que pensamos o tempo inteiro. Desnaturalizar o “pensar”.

Café Filosófico

É porque todo mundo pensa naturalmente que se presume que todo mundo saiba implicitamente o que quer dizer pensar (DELEUZE, 1988, p. 218).

Todo mundo pensa que pensa, mas será que pensa? As pessoas acham que pensam o tempo todo, mas não pensam, pois pensar requer um arrombamento, requer sentir dor, mas pessoas não gostam de sentir dor. É natural as pessoas dizerem que pensam o tempo todo, mas não pensam. O pensamento não é natural. Pensar não é natural. As pessoas, simplesmente, repetem coisas velhas que estão na cabeça e na memória delas. Entender o que é um pensamento é fundamental para a questão do aprender.

Café Filosófico

o pensamento só pensa coagido e forçado, em presença daquilo que “dá a pensar”, daquilo que existe para ser pensado – e o que existe para ser pensado é do mesmo modo o impensável ou o não-pensado, isto é, o fato perpétuo que “nós não pensamos ainda” (DELEUZE, 1988, p. 238).

Logo, o indivíduo só pensa com agressão do fora, sem ter essa agressão ele não pensa. Para Deleuze (1988), o pensamento só vai ocorrer no momento em que algo o violenta e ele faz algo contra o que o violentou. Pensa.

Café Filosófico

A lógica de um pensamento é o conjunto das crises que ele atravessa, assemelha-se mais a uma cadeia vulcânica do que a um sistema tranquilo e próximo do equilíbrio (DELEUZE, 2013, p. 110).

As questões trazidas aqui possibilitam esse “pensar” de Deleuze.

Sem ter crise, sem ter algo que violenta o indivíduo não é possível pensar sobre o que foi apresentado. Violências existem no mundo de hoje como, por exemplo: violências contra mulher; violências contra homossexuais; violências contra etnias diferentes; violências contra

mendigos; violências contra índios que são queimados em pontos de ônibus ou violências contra “moradores de rua”. **Estas e muitas outras violências estão nos noticiários de jornais diários. Isso é barbárie. Isso faz pensar.**

Café Filosófico

É preciso ser dotado para os signos, predispor-se ao seu encontro, expor-se à sua violência. [...]. Pensar é, portanto, interpretar, traduzir. As essências são, ao mesmo tempo, a coisa a traduzir e a própria tradução; o signo e o sentido. Elas se enrolam no signo para nos forçar a pensar, e se desenrolam no sentido para serem necessariamente pensadas (DELEUZE, 2003, p. 95).

O contra poder de Foucault é o ato de resistir a um poder estabelecido. Foucault não teria escrito *História da Loucura na Idade Clássica* se ele não quisesse resistir, pois aquilo o violentava. Depois registra outra forma de resistir em *Vigiar e Punir: Nascimento das prisões*. Como um dos signos da loucura temos o “hospício”. Geralmente, as pessoas dizem o seguinte: “com essas ideias, você vai para o hospício”, logo, o hospício é o signo da loucura. Um signo de “crime” é a prisão.

Sempre que algo violento o pensamento de um sujeito pode ocorrer de não violentar o pensamento de outro. Ou ao contrário. E diferente. Desta forma, **o currículo escolar é uma grande divagação sobre nada, pois pretende ensinar a mesma coisa para diferentes**. Vamos avançar: imagine uma sala de aula que tenha cinquenta alunos matriculados, é uma besteira, pois não existe um nível de “violência do fora” médio para um indivíduo médio. A “violência do fora” é a violência que diz respeito a cada sujeito, ou ela o atinge ou ela não o atinge. Se atingir devagar o aluno não sentirá, se atingir muito forte ele será esmagado. **Se o aprender não pode ser compreendido *a priori* ou pré-concebido como existem currículos?**

Café Filosófico

Nunca se sabe de antemão como alguém vai aprender – que amores tornam alguém bom em Latim, por meio de que encontros se é filósofo, em que dicionários se aprende a pensar. [...] O método é o meio de saber quem regula a colaboração de todas as faculdades [...]. Mas a cultura é o movimento de aprender, a aventura do involuntário, encadeando uma sensibilidade, uma memória, depois um pensamento, com todas as violências e crueldades necessárias (DELEUZE, 1988, p. 270).

Deleuze (1988) vai nos explicar que, de repente, sabe-se lá porque, o aluno acorda na aula e captura o que quer. O que ele quer dizer é que sabe-se lá qual violência o acordou: o tom da voz do professor, o barulho lá fora ou bateu uma palavra que ele não aguentou. Ele parou, acordou, capturou alguma coisa e dormiu novamente. Por isso, o professor não pode e nem deve se culpar pelo aluno não aprender, pois o aprender é totalmente *uno*, dele, porque seja lá qual força que o atravessar, ele vai responder com o aprender para lutar contra ela. Agora, não há meios de garantir que os indivíduos aprendam Matemática, Geografia, Filosofia, Javanês (ou qualquer outra coisa).

Esse é um movimento rizomático, por ser no *intermezzo*, no entre, no meio (DELEUZE e GUATTARI, 2011). Assim, o movimento do aprender acontece durante o processo, ele é um movimento rizomático.

Café Filosófico

O aprender também pode ser rompido em um lugar qualquer, sem que seja invalidado ou sem que seja necessário retornar ao ponto de corte para retomá-lo, pois sempre existirão outras linhas que farão esta conexão (RODRIGUES, 2015, p. 131).

Assim, podemos observar a impossibilidade de se prever o aprender por meio de livros, programas, apostilas, métodos, pois estes diferem totalmente do significado do movimento rizomático.

Buscamos a etimologia da palavra aprender. Castello e Mársico (2007) explicam:

*Café Filosófico***Aprender**

O termo ‘aprender’ é de origem latina e remota ao verbo *prehendo*, “tomar”, “colher”, com o acréscimo da preposição *ad*. A raiz indo-europeia da qual provém *prehendo* não deixou marcas no grego nem no sânscrito, ainda que as encontremos em outras línguas, por exemplo, no albanês, no irlandês médio, etc. Pressupõe a ideia de que o conhecimento é algo que se toma e se assimila. Se nos guiamos pelas metáforas alimentícias que marcam, por exemplo, o conceito de *alumnus* e, muito provavelmente, contaminam o sentido de *educō*, não nos deve parecer estranho que aqui o conhecimento seja concebido do mesmo modo como algo concreto. Esse costume não é próprio da língua e dos povos “jovens”. De fato, entender o conhecimento como um *prehendere* não difere em muito da explicação piagetiana do comportamento psicológico do sujeito diante do novo conhecimento como “assimilação” e “acomodação”. O acréscimo do prefixo *ad-* confere a *prehendere* um sentido direcional, de aproximação a um ponto determinado e, ao mesmo tempo, um sentido incoativo que marca o começo de uma ação. De modo que, se *prehenderé* se refere a ação de tomar algo, o acréscimo de *ad*, então, confere o sentido de “começar a tomar”, no terreno propriamente intelectual, onde se especializou, indica o começo da apropriação do conhecimento. Vale a pena notar que o sentido incoativo de *ad* é o mesmo que está presente, por exemplo, em “adolescente”, que é, literalmente, “o que começa a crescer” (CASTELLO e MÁRSICO, 2007, p. 120-121, grifos dos autores).

Os autores trazem a palavra aprender como verbo, como ação – tomar para si. A construção da nossa rede se deu com o intuito de ir ao encontro do movimento do aprender atravessado pela Filosofia da Diferença, na qual Deleuze (1988) também mostrou a palavra aprender como verbo, como ação e as palavras aprendizagem e aprendizado são substantivos feminino e masculino.

A sala de aula é um território que ninguém quer habitar, como mostrou Bovo (2011):

Café Filosófico

O jardim é um espaço aberto, livre, considerado por ele bonito, cuidado, florido, com cores. Portanto, a preferência pelos **espaços abertos, pelo verde, pela liberdade** não foi uma opção exclusiva de Carlos. Praticamente, todos os participantes da pesquisa apontaram os **lugares abertos da escola, o exterior, o fora, como ambientes mais agradáveis, preferidos, os habitáveis** (BOVO, 2011, p. 97, grifos da autora).

A sala de aula é uma questão de território. Território de quem? É dos que não estão lá, pois a maioria, nem o professor quer estar lá. Como que um indivíduo, num território que ninguém quer habitar, pretende que o ensino faça alguém aprender? O ensino só faz o outro aprender quando ele é técnico, quando ele é feito de fatos contra os quais a gente não pode lutar.

No ensino técnico²⁵, o indivíduo é capaz de ensinar alguma coisa, porque ele vai se pôr a prova, diferente da sala de aula onde isso não existe. Se o professor quer ensinar Matemática, ele não deve deixá-la ser factual.

Um exemplo: quando um aluno vai para um curso de marcenaria e um professor pede para fazer um cubo. O aluno irá pesquisar o que é um cubo de madeira, ele irá construí-lo e apresentá-lo ao professor. O professor irá dar alguns os palpites: “você deveria ter feito isso” ou “você deveria ter feito aquilo”. E o aluno vai lá e reforma até ficar de acordo com um cubo. O cubo é a materialidade, ou seja, o cubo é o que ele apresenta, é a prova, é um fato.

Quando o professor fala para um aluno de segundo ano do Ensino Médio: pensa na diagonal de um cubo. A materialidade disso é zero. O aluno devolver isso: “professor, pensei isso, na diagonal do cubo”. Aonde está a materialidade disso?

Café Filosófico

dá-se um curso sobre aquilo que se busca e não sobre o que se sabe (DELEUZE, 2013, p. 177).

Até a tabuada pode ser considerada um ensino técnico. Temos alguns indícios que o aluno não teve e não tem um ensino que possa contribuir com o aperfeiçoamento da força dele que luta contra a força do fora que vem contra ele que ele já apontou qual é. Se o professor quer ensinar Matemática, ele não pode deixá-la ser factual, porque há em determinado momento que $2 \times 2 = 4$ e isso é um fato do real, logo, isso o professor pode ensinar como fato. A tabuada o aluno até aprende a base do chicote, como Ronaldo diz que aprendeu. O aluno pode decorar tudo e passar de ano, tirar uma nota 10, ganhar até bombom, mas não saber nada. A escola apresenta alguns indícios de que a Matemática é trabalhada como fato. Fatos podem ser decorados e, por serem decorados, respondidos na prova e o aluno ser entendido como um indivíduo que “sabe” Matemática, História, Geografia, Português e, assim, ganha até bombons, **mas o aprender está em outro nível de compreensão que não é o factual.**

Existem alguns indícios de que a Matemática da escola é factual, de que os signos que os alunos aprendem não são os da Matemática, e sim os signos que estão por trás da lousa, que se aprende o tempo todo **numa aula de Matemática que não é a Matemática.** Um exemplo é a própria quantidade de aulas de Matemática e de Física, dessa classe. Ao todo são seis aulas

²⁵ Aqui estamos tratando o Ensino Técnico aqueles ministrados nas escolas tipo SENAI, SENAC, ETEC.

de Matemática e duas aulas de Física²⁶, distribuídas ao longo da semana, conforme o quadro abaixo:

Quadro 2 – Horários das aulas de Matemática e de Física do 2ºB – 2015

| | Segunda-Feira | Terça-Feira | Quarta-Feira | Quinta-Feira | Sexta-Feira |
|----------------|-------------------|-------------------|--------------|-------------------|-------------------|
| 7h00 às 7h50 | Matemática | | | | Matemática |
| 7h50 às 8h40 | | | | | |
| 8h40 às 9h30 | Matemática | | | Matemática | Física |
| 9h30 às 9h50 | Recreio | Recreio | Recreio | Recreio | Recreio |
| 9h50 às 10h40 | | Matemática | | | |
| 10h40 às 11h30 | | | | | |
| 11h30 às 12h20 | | Física | | | Matemática |

Fonte: Dados da pesquisa (2015)

Até o mês de outubro, a quinta aula na sexta-feira era de Física, mas foi alterada para a terceira aula do mesmo dia, pois uma outra professora precisou conciliar os horários com uma outra escola. Segue abaixo um comentário da professora Marina sobre o que é ser professor – formada em Licenciatura em Ciências com ênfase em Matemática; Biologia; Pedagogia; Especialização em Ciências Educativas e com mais de 20 anos de experiência em sala de aula – no término de uma aula:

Eu gosto, eu gosto de ser professora. Ando muito decepcionada, porque o papel da gente, com alguns, deixa de ser professora para ser outra coisa, às vezes, mãe, porque tem que educar a criança, porque o professor está ali. E, às vezes, você é assistente social, eu sei que a gente tem que ter uma visão de tudo para compreender o ser ali. Nivelar ele tem que conhecê-lo, mas resolver a problemática não dá, e o professor está assumindo o papel de resolver toda a problemática social. E ser professor não é isso: resolver toda a problemática social; é ministrar aquele conteúdo que você se dedicou, que você se especializou.

Café Filosófico

A cartografia introduz o pesquisador numa rotina singular em que não se separa teoria e prática, espaços de reflexões e de ação. Conhecer, agir e habitar um território não são mais experiências distantes umas das outras (ALVAREZ e PASSOS, 2014, p. 149).

²⁶ Apresentamos as aulas de Física por ser a mesma professora que ministrou as aulas de Matemática.

Não separamos teoria e prática, não separamos ações e reflexões, assim foi construído cada nó e um deles foi compreendido pela força que a professora tem nessa classe, por ter quase um terço das aulas por semana, com a classe.

Perguntamos a professora como foram ministrados os conteúdos no primeiro semestre e ela nos respondeu o seguinte:

Então, eu tenho menos aulas de Matemática aqui nessa escola. As professoras mais antigas, que são duas, fizeram o planejamento no início do ano juntas e pediram se teria algum problema se eu fizesse o mesmo. Disse que não e assim eu fiz, estamos seguindo o mesmo planejamento anual. Porém, existe uma lei maior, uma série de conteúdos que eu deveria ministrar em cada bimestre, mas eu não segui essa lei maior e acabei me dando mal. Vi que foi um erro, mas fazer o que. Não vou mais seguir ninguém. No ano que vem eu vou fazer o meu planejamento como de costume, seguindo a lei maior, o currículo estadual, se ele existe e cai na prova isso, é isso que eu vou fazer.

No final do ano de 2016, fomos até a escola conversar com a professora a esse respeito e ela nos disse o seguinte:

*Esse ano eu segui a ordem certa. Eu senti que não foi muito bom trocar a ordem, eu peguei e segui ao pé da letra esse ano o plano pedagógico, porque essa obediência ela é importante, pois alunos que vão de uma escola para outra, são poucos, mas eu acho que eles têm que estar no mesmo conteúdo, e eu recebo uns que estão em outro. Então, eu segui do meu jeito, porque se eu faço essa inversão pensando no meu mundinho, e os alunos que vem de uma escola para outra? **E se a lei maior é para seguir aquilo, então vai ser a lei maior**²⁷. Agora eu sigo direitinho o que é o padrão, mesmo engolindo as buchas de seguir o padrão, mas eu sigo. E qualquer coisa que der errado você está ali amparada pela lei maior. Você tem que ficar dentro da obediência.*

A sala contava com uma lista de chamada com cinquenta alunos matriculados, porém alguns tinham sido transferidos. Raramente observamos a sala com mais de trinta alunos e os dias que tinham eram sempre no final de cada bimestre.

A professora e a classe tinham a presença de um professor-auxiliar toda segunda-feira. Ele cursava Licenciatura em Química e pegou aulas de Matemática para auxiliar.

²⁷ Grifos nossos.

Café Filosófico

Buscamos uma matéria, no *site* da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, com o título “*Escolas estaduais terão professor-auxiliar e novos modelos de recuperação*” que traz a questão do professor-auxiliar dentro da sala de aula, juntamente com o professor da disciplina, como aconteceu quase toda segunda-feira (algumas o professor-auxiliar não aparecia na escola, outras ele cobria um professor que faltava). Segue um excerto da matéria:

Publicado em 13 jan 2012

Educadores atuarão nas aulas regulares, simultaneamente ao docente titular, na assistência aos alunos dos ensinos Fundamental e Médio que necessitarem de reforço de aprendizagem. Serão criadas também classes de até 20 estudantes para recuperação intensiva. [...]. Os novos mecanismos visam a atender às diversas características e ritmos de aprendizagem, a fim de melhorar o desempenho dos estudantes. A iniciativa integra o plano de ações para reestruturação do atual sistema educacional, inserido no programa Educação – Compromisso de São Paulo, cujo objetivo principal é posicionar a rede estadual entre os 25 melhores sistemas do mundo e tornar a carreira de professor uma das mais prestigiadas pela sociedade. [...] o professor-auxiliar poderá atuar, em cada turma [...] do Ensino Médio com mais de 40 alunos [...] em até três horas-aula semanais, distribuídas entre até três disciplinas. Os alunos [...] das 1ª e 2ª séries do Ensino Médio contarão ainda com instrumento de avaliações semestrais. A Avaliação da Aprendizagem em Processo visa proporcionar intervenções mais rápidas e pontuais, a tempo de melhorar o aprendizado do estudante no mesmo semestre letivo.

Disponível em <<http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/escolas-estaduais-terao-professor-auxiliar-e-novos-modelos-de-recuperacao>>. Acesso em 14 out 2017.

Poucas semanas após o início da nossa pesquisa, a professora nos falou o seguinte:

*Essa turma é bem fraquinha, precisa ir devagar com a matéria, não posso correr senão não vai. É bem difícil trabalhar com eles, porque eles são muito fraquinhos, muito fraquinhos. Não sei se está te ajudando, mas se você quiser, pode fazer sua pesquisa. Mas eles são assim, bem fraquinhos. Eu sou muito confiante, sabe, embora a educação esteja este caos, mas eu sou confiante que eles participam, gostariam de aprender mais, mas eu sinto que eles têm muitas barreiras, que não dá para resolver momentaneamente, que eles são fraquinhos, mas participam, **na pequenez deles, participam**²⁸.*

²⁸ Grifos nossos.

Café Filosófico

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (FOUCAULT, 2015, p. 364).

Mostramos abaixo alguns dispositivos em que os mesmos levaram a formação de alguns nós. Como já foi explicado anteriormente, ocorreram entre alguns pontos de exercícios de poder e na ligação com os outros nós, constituíram as relações de poder dentro do território sala de aula. Esses movimentos compuseram a construção do nosso mosaico e o primeiro movimento a se mostrar é o “movimento vídeos”, pois todos os alunos disseram que gostavam quando a professora passava e alguns disseram anotar o nome do professor para depois pesquisar no *YouTube* para rever quantas vezes fosse necessário até aprender.

Movimento dos vídeos e da internet*Café Filosófico*

quando se envereda por um caminho, tantos outros ficarão para trás. A opção pela cartografia é feita no sentido de um caminho **através** das questões, permeando os mapas narrativos, mas sempre na medida em que o entrevistado se deixa ver. Não há lugar para suposições do que a pessoa gostaria de dizer, mas há caminhos traçados em torno do que ela realmente disse (GASPAROTTO, 2010, p. 21, grifo da autora).

O mapa narrativo é compreendido como a união da fala dos indivíduos mais o desenho realizado por eles, pois, a medida que desenha, o indivíduo fala a respeito do desenho e somente é compreendido em torno do que é dito e não do que poderia ter sido dito. Dessa forma, percorremos alguns caminhos para construção dos movimentos, mas tantos outros ficaram para trás.

O processo de voltar para a antiga sala, conforme já foi dito anteriormente, demorou quase vinte minutos, sendo que a aula tem cinquenta minutos. O motivo pelo qual a professora conversou com a coordenadora para fazer os alunos voltarem para a antiga sala era para poder

voltar a ministrar os vídeos que ela julgava ser importante aos alunos. Logo, nessa mesma aula, ela passou um vídeo a respeito de multiplicação de matrizes:

Nesse vídeo, que são três minutinhos, é só para passar o básico e a gente finaliza a multiplicação e avança um pouquinho. Só quero avisar que nesse vídeo tem algumas questões de multiplicação que vai cair na prova, então refaçam todos os exercícios, pois a prova é na quinta-feira.

Os vídeos que a professora trazia para a sala eram de indivíduos explicando a matéria com exemplos e, em alguns deles, tinham exercícios resolvidos. Sempre que chegava na parte dos exemplos e dos exercícios, a professora apertava o *pause* e pedia para que os alunos copiassem no caderno e depois resolvessem. Após os alunos resolverem, a professora apertava o *play* para mostrar a resolução. Eram vídeos sobre como, por exemplo, uma matriz é formada, de adição e subtração de matrizes, de multiplicação de matrizes e de probabilidade. A cada conteúdo novo, tinha um vídeo para apresentar aos alunos que segundo a professora não passava de dez minutos:

*Os vídeos nunca passam de dez minutos, é sempre de dez minutos para menos o tamanho dos vídeos, e alguns é só um exercício, aí eu dou um pause para eles copiarem e fazerem e aí depois eu os deixo ouvir a explicação do vídeo, **porque eu também acredito que forma diferente de explicar, até a presença diferente, ajuda muito, aí eles ouvem a minha explicação, a do outro professor, a sua e a do vídeo**²⁹.*

Café Filosófico

O entrevistado, à medida que desenha, expõe sua verdade, não de maneira direta, pergunta e resposta, mas com um olhar que atravessa o óbvio das questões e dá a responsabilidade de mostrar aquilo que o afetou e que produziu as marcas sobre as quais ele está falando (GASPAROTTO, 2010, p. 11).

Nesse momento, estávamos conversando a respeito de ter três professores na sala de aula. A professora não desenhava mapas narrativos e não realizamos uma conversa da mesma maneira com alguns alunos, ela preferiu que fosse utilizado todos os áudios que gravamos durante o semestre letivo, por isso não aparece nenhum desenho dela.

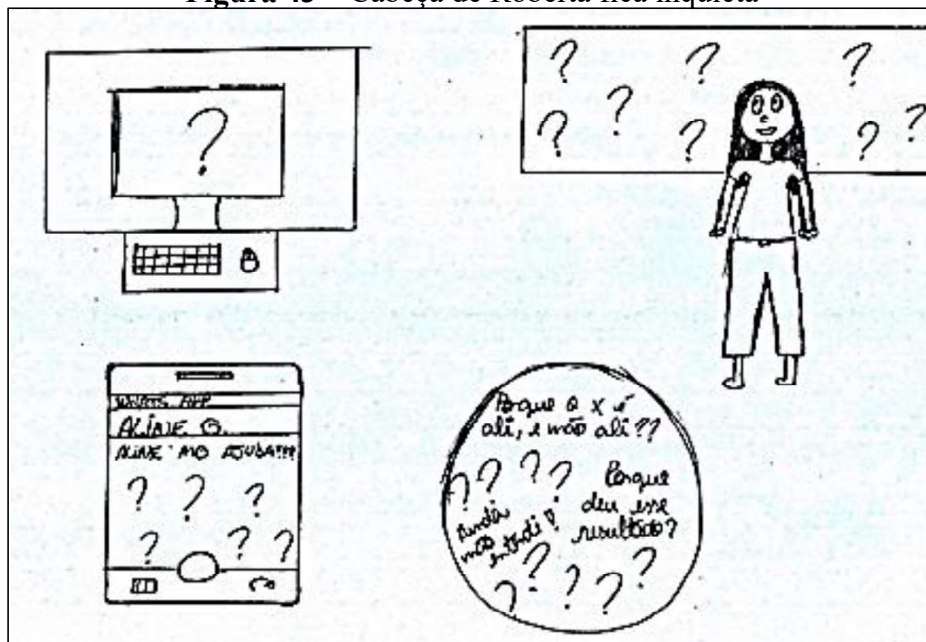
²⁹ Grifos nossos.

Roberta refazia os exercícios de Matemática em casa quando não entendia na sala e tinha o auxílio da internet. Depois, ela discutia com Silvia pelo WhatsApp e ela anotava os vídeos que a professora passava em sala para rever em casa no *YouTube*:

Eu estudo Matemática em casa, quando eu não aprendo aquela conta, ela fica martelando na cabeça, martelando, aí eu pego em casa e faço um monte. Eu procuro na internet. Eu procuro! Se eu não consigo, aí fica martelando, martelando, aí eu vou procurando, até eu achar, aí quando eu acho fica aquele alívio. Eu e a Bob Esponja, a gente ficava vendo vídeo até aprender. Eu tava na minha casa e ela tava na dela, a gente via e ficava trocando mensagens pelo WhatsApp, foto, vídeo, eu fazia a conta mandava pra ela, ela mandava pra mim. Estudo duas ou três vezes por semana, eu vejo a matéria que eu estou com dificuldades e estudo. A tecnologia ajuda, porque o que ela passa na lousa e eu não entendo, eu entendo com o vídeo. E o que eu não entendo com o vídeo, eu entendo com ela. Aí dá certo.

Roberta fez um desenho de como se sente quando não consegue resolver algum exercício de Matemática:

Figura 43 – Cabeça de Roberta fica inquieta



Fonte: Elaborada pela Roberta (2015)

Observamos sua cabeça quando tinha dúvidas matemáticas: com vários pontos de interrogação e com perguntas do tipo: “Ainda não entendi?”. Observamos a lousa na sala de aula e a tela do computador em seu quarto com ponto de interrogação e a tela de seu celular com uma pergunta encaminhada para Silvia: “me ajuda?”, pois ela pedia ajuda a uma outra

colega de sala pelo *WhatsApp*. Tem indivíduos que “*aprendem*” melhor com o colega do que com o professor. O colega “*ensina*” melhor do que com o professor. Fica essa lenda! **Na realidade, o que o colega faz é a mediação de “como” copiar ideia. Neste sentido, aqui o aprender e o ensinar secundário – de colega para o colega – entende-se como copiar e/ou reproduzir melhor do que com o professor.**

Ela encontrou formas de resolver um exercício, uma dúvida ou uma inquietação, com isso, podemos observar que são caminhos outros que ela aprendeu, logo não é somente com o professor que se aprende.

O Ronaldo também pesquisa na internet, que segundo ele:

Em casa tem que usar, porque ajuda, porque explica na hora que não tem ninguém para explicar. É só digitar no Google.

Já o Liberdade nunca tinha pensado em pesquisar tarefa na internet, somente os trabalhos:

Tarefa se eu aprendi, eu já faço já, sem procurar nada, sem olhar nada eu já faço. Agora trabalho, eu procuro na internet. Nunca tinha pensado em pesquisar tarefa no Google, nunca tinha pensado nisso, boa ideia. Não tô brincando, nunca tinha pensado mesmo. Eu vejo com a professora.

Alguns alunos comentaram que gostavam quando a professora passava os vídeos e, como Roberta disse, anotavam os nomes dos professores que apresentavam os vídeos para pesquisar em casa. Silvia também fazia o mesmo, pesquisava no *YouTube* a mesma forma de aprender Matemática que Roberta, pois elas trocavam mensagens, vídeos e tudo que elas julgassem interessante.

Costumo ver vídeos do YouTube em casa, a maioria é tudo os que ela passa. Eu gosto dos professores que ela passa, eles explicam bastante. Que nem, às vezes, que ela dá aulas em vídeos que ela passa, eu sempre procuro anotar o nome quando ela passa as coisas, para rever em casa e eu tenho um caderno de estudo em casa de Matemática também, aí eu faço. Vamos supor que nem da matéria do log [logaritmo] eu fiz todas as questões que ela passou durante o bimestre inteiro, aí no final do bimestre eu sempre trago o caderno pra ela e ela olha e dá um vistinho lá. É um outro caderno, é um caderno de estudo que eu tenho em casa. Aí eu refaço tudo que ela deu, eu só copio a questão e refaço sozinha, aí, depois, eu trago para ela e ela dá um vistinho lá para mim. Faço isso pra aprender, pra fazer, vamos supor, mais de uma, duas, três vezes a mesma conta e não fica na cabeça,

áí me ajuda bastante. Que nem, em casa mesmo, eu preciso ver duas, três vezes o vídeo pra entender. Foi a primeira vez que fiz isso, comecei a fazer este ano pela primeira vez e ajuda muito, muito, muito, muito, porque tipo eu consigo manter tudo anotado, pra estudar é mais fácil, caso eu não lembre de alguma coisa, eu já tenho lá. É muito difícil manter um caderno de Matemática, de sala de aula organizado, eu pelo menos, não consigo. Por isso, a maioria das vezes, eu tinha o costume de passar a limpo quando chegava em casa, áí eu parei, mas é muito difícil. Peço ajuda para algumas pessoas, de alguma coisa que, às vezes, que não lembro, que faltei, fora isso a maioria que vem na minha mesa é para encher o saco. Me irrita. Me irrita porque, vamos supor, eu não ligo de ajudar, só que eu quero fazer primeiro, e eles não esperam eu acabar de fazer pra vim, pra pedir ajuda áí fica aquele círculo em volta, e eu falo: deixa eu fazer depois eu ajudo, como é que vocês quer que eu ajudo, áí eu sempre acabo ficando por último. Áí eu saio da minha mesa e ajudo os outros, áí os outros acaba e vai dar visto e eu venho, volto, refaço o meu e depois eu dou pra ela. Por isso que eles falam que eu não tenho paciência, pergunta na sala pra você vê. Ninguém! "Nossa! Ela é muito brava!" Mas "Não é questão de ser brava! A questão é que vocês não me dão a chance de fazer as coisas pra me pedir ajuda" Pessoa que me irrita também é o Guilherme, meu Deus do céu, ele fica atrás de mim, ele fica subindo assim ó [ela mostra por cima de mim], eu falo: "Levanta e vem me pedir ajuda! Não complica, meu filho!"

Café Filosófico

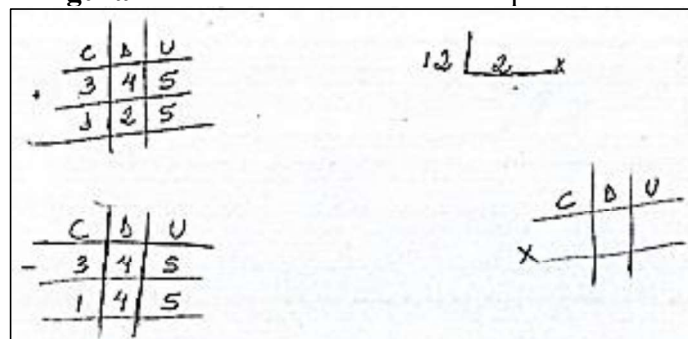
pretendemos mapear as linhas de forças [...] ressaltando que tal processo não tem função de análise, e sim tem função de expor o não oculto que ninguém vê. [...] cartografar é descrever (por meio de palavras, desenhos, expressões corporais) (SILVA, 2013, p. 217).

Descrevemos um episódio a respeito da infância de Roberta. É sobre um “caderninho” que ela construiu quando estava no primeiro ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental para poder resolver as equações básicas da Matemática. Ela pedia para suas irmãs escreverem números aleatórios num caderno especialmente para essa função e ela também coloria este caderno. Abaixo podemos observar um desenho de como era montado o caderno por ela. Talvez se não fosse desenhado não poderíamos expor tal situação:

Pedia ajuda para as minhas irmãs, quando eu tava aprendendo a fazer continha de mais e de menos. Que eu fazia uns desenhinhos, fazia desenhinhos assim, acho que era assim, assim, e assim. Áí eu fazia aqui mais, unidade, dezena e centena, né, eu fazia assim. Eu montava um monte, no meu caderno inteiro, um monte, um monte, um monte. Eu fazia de menos também, aqui assim, menos, áí eu falava para elas colocarem o

número para mim. Mas eu fazia no meu caderno inteiro! Eu pegava lápis, eu enfeitava, eu deixava tudo bonitinho. Aí elas faziam o número, aí, por exemplo, ela dava o número trezentos e quarenta e cinco, mais cento e vinte e cinco, aí eu fazia a continha. Aí aqui a mesma coisa, eu vou fazer o mesmo número, aí aqui sempre eu colocava o resultado. Era todo dia! O problema é que elas brigavam comigo que eu fazia isso. É, eu enchia o saco! Eu enchia o saco por causa dessas continhas, parei quando eu aprendi na escola em frente à minha casa. Isso me ajudou muito. Dividir também, eu fazia assim. Fazia tudo certinho, né, fazia assim! Aí vezes era a mesma coisa, fazia o joguinho da velha, o sinalzinho, opa, aí elas sempre davam um número, aí eu respondia, e elas corrigiam, aqui também sempre foi assim. Eu comecei acho que na primeira série e fui parar na quarta. Todo dia eu pedia, aí tinha vezes que elas ficavam brava, aí não fazia, mas no final de semana passava tempo fazendo isso, para mim era diversão, eu preferia ficar fazendo isso do que ir brincar, eu gostava. Parei de pedir ajuda porque eu já fui aprendendo melhor, já fui para quinta série, já era continha diferente. Eu enchia tanto o saco delas e elas brigavam tanto comigo por causa disto e eu tenho os cadernos lá em casa comigo ainda. Eu acho que são cinco. Todos cheinhos e coloridos, eu pegava, sabe, aquelas canetinhas de brilho, é caneta de brilho, e enfeitava, enfeitava tudo, aqui ó! Eu fazia um de cada cor, tudo colorido, para mim era a alegria, adorava.

Figura 44 – Matemática na infância para Roberta



Fonte: Elaborada pela Roberta (2015)

De acordo com esse episódio de infância relatado por Roberta, é possível observar que ela arrumou um mecanismo para aprender as operações básicas da Matemática que não foi com a professora na sala de aula.

Nela não usa nenhuma tecnologia para aprender Matemática fora da escola.

Não utilizo a tecnologia para aprender Matemática, na verdade, eu tiro dúvidas com a professora. Se eu tenho uma dúvida, eu espero outro dia pra perguntar pra ela. Não estudo [em casa], somente quando é necessário, tipo prova, e prefiro estudar na minha cama, em cima da minha cama. Não

*gosto de estudar em mesa, só na minha cama. A Matemática em si, eu acho que é uma das poucas matérias que entra fácil na minha cabeça. Não tenho muita dificuldade de aprender, não. Se eu paro e tipo essa matéria de agora, qual é o nome? Probabilidade e estatística, então, eu achei muito chata! Então quando a professora começou a passar, eu não estava nem tchum! Eu não estava prestando atenção para o que ela falava. Eu ficava conversando, aí ela **começou a cobrar atividades, aí agora eu tenho que correr atrás**³⁰, aí a professora me explicou e eu já peguei.*

Movimento de quatro professores

Café Filosófico

Mais do que um aprendizado de regras, o aprendizado da cartografia implica uma ambientação aos espaços do campo, onde realmente podemos treinar nossa paciência e atenção aos acontecimentos [...] esvaziando o aprendiz das armadilhas que os pré-julgamentos e verdades gerais acabam por nos levar (ALVAREZ e PASSOS, 2014, p. 147-148).

A sala de aula contava com três professores durante a segunda-feira – a professora, o professor-auxiliar e eu (a pesquisadora). Nos outros dias da semana tinha dois professores – a professora e eu. O Liberdade disse que “tacaram” três professores na sala e, de acordo com uns alunos, eles eram considerados a pior sala da escola (conforme foi dito anteriormente).

Eu acho que a aula de Matemática, os alunos aprendem mais, porque é uma coisa difícil assim sabe, acho que eles aprendem, aí quando eles veem assim... “Ah! Não gostei um pouco dessa matéria”, aí eles começam a conversar. Não sei, não sei! Esse é meu ponto de vista, sabe, mas a aula de Matemática, a professora que tá dando a aula pra gente consegue pegar a atenção de todo mundo assim e os professores ajudando também, sempre em cima ajudando, acho que é isso, gostei desse ano. O ano passado a gente tinha dois professores na sala também, só que este ano a gente tem três, a gente ficou com três, acho que eles pensaram assim: “Vamos tacar três professores”, mas eu acho que foi legal, acho que deu para aprender mais assim.

³⁰ Grifos nossos.

Abaixo segue uma aula de Matemática na qual a professora sugeriu que nós explicássemos o mesmo exemplo do vídeo que ela estava passando aos alunos. A ideia foi a seguinte: cada um de nós apresentaria para a classe a maneira como resolvemos ou como aprendemos a resolver multiplicação de matrizes. A professora começou explicando o modo como ela resolve:

Tem vários jeitos de fazer, vocês vão acompanhar esse, a Simone vai mostrar um outro, e ele um outro jeito. E cada um escolhe o seu jeito de fazer. Então vamos lá. Olhem lá galera [no vídeo]. Vou explicar bem passo a passo, novamente, que é para vocês não esquecerem, pois, semana que vem tem prova.

O exemplo que ela utilizou foi retirado do vídeo que ela estava passando aos alunos, era para multiplicar a matriz $A \begin{pmatrix} 2 & 4 & -5 \\ 6 & 3 & 7 \end{pmatrix}$ pela matriz $B \begin{pmatrix} 3 & 5 \\ -7 & -4 \\ 6 & -3 \end{pmatrix}$.

Foi liberado um tempo para que os alunos pudessem copiar da tela da televisão para o caderno e, também, para que ela pudesse copiar os números na lousa, conforme apresentamos abaixo:

$$A * B = \begin{pmatrix} 2 & 4 & -5 \\ 6 & 3 & 7 \end{pmatrix} * \begin{pmatrix} 3 & 5 \\ -7 & -4 \\ 6 & -3 \end{pmatrix}$$

Para resolver uma matriz que eu quero trabalhar, igual a essas duas, primeira observação: verificar se elas podem ser multiplicadas, porque eu tenho que fazer A vezes B, eu tenho que ver se pode: 2 linhas por duas colunas e a segunda três linhas por duas colunas, o último número aqui com o primeiro são iguais, então, dá para fazer multiplicação de matrizes. Mas qual vai ser a estrutura da matriz resposta: esse primeiro número com esse segundo que será a minha matriz resposta. Assim você já tem a estrutura da matriz montada, o lugar para colocar os números da minha matriz, ok?! Não é novidade, mas alguém tem alguma dúvida nisso? Agora vamos começar a multiplicar, pega a matriz A. A primeira linha dessa primeira matriz e multiplica pela primeira coluna da segunda matriz, a matriz B, logo formará um número que formará a matriz resposta. E já temos um lugarzinho para ela. Todo mundo me acompanhando aqui. Vamos ficar quietos para ouvir a explicação. Esse número deve ser colocado na primeira linha e na primeira coluna desta nova matriz, a matriz resposta. Certo! Depois, multiplicamos a primeira linha, da primeira matriz, pela segunda coluna, da segunda matriz, e esse número deverá ser colocado na primeira linha, da segunda coluna, na matriz resposta. Todo mundo junto comigo? Vejamos que temos a segunda linha da primeira matriz que deverá

ser multiplicado pela primeira e segunda coluna da segunda matriz. E os dois números formados colocados, respectivamente, na primeira e segunda coluna da segunda linha da nova matriz. Logo, temos o seguinte resultado, né, galerinha:

$$\begin{aligned}
 A * B &= \begin{pmatrix} 2 & 4 & -5 \\ 6 & 3 & 7 \end{pmatrix} * \begin{pmatrix} 3 & 5 \\ -7 & -4 \\ 6 & -3 \end{pmatrix} = \\
 &= \begin{pmatrix} (2 * 3) + [4 * (-7)] + [(-5) * 6] & (2 * 5) + [4 * (-4)] + [(-5) * (-3)] \\ (6 * 3) + [3 * (-7)] + (7 * 6) & (6 * 5) + [3 * (-4)] + [7 * (-3)] \end{pmatrix} = \\
 &= \begin{pmatrix} 6 - 28 - 30 & 10 - 16 + 15 \\ 18 - 21 + 42 & 30 - 12 - 21 \end{pmatrix} = \begin{pmatrix} -52 & 9 \\ 39 & -3 \end{pmatrix}
 \end{aligned}$$

Ela explicou toda a sequência para os alunos e quando os alunos começaram a fazer perguntas em relação a esse exercício, ela pediu que o professor auxiliar explicasse a forma como ele resolveria.

Como uma pessoa explica de uma forma a outra pessoa também tem a forma dela de explicar, da mesma forma que vocês fazem com seus colegas, um explica para o outro da maneira como entendeu. Então, vou chamar o professor aqui para explicar a forma como ele resolve a matriz e depois a Simone entra e explica a maneira como ela resolve, ok? Está todo mundo junto comigo? Pode explicar.

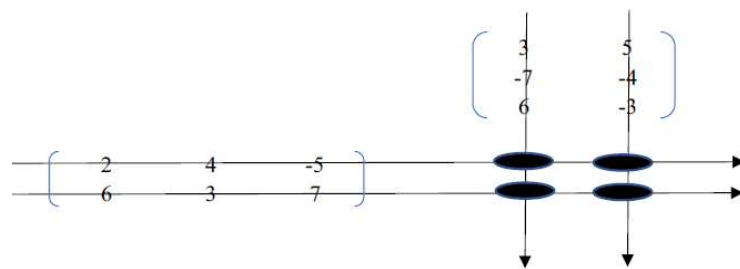
Ele já tinha comentado que não gostava muito de matrizes e que era bom estarmos presentes na sala para ajudá-lo, caso fosse preciso, e, quando ele foi para a lousa, fez a seguinte explicação:

Não gosto muito dessa coisa de ficar colocando os parênteses e os colchetes, então, geralmente, eu fazia os cálculos nos cantos do caderno e depois somava ou subtraía quando necessário, para poder colocar a resposta. Mas o lance é o mesmo, não faço diferente de você. Só diminuo os passos.

E assim terminou a explicação dele e chegou a minha vez. Comecei explicando que a resolução dos cálculos era a mesma que a professora fez na lousa, porém, como me perdia na

questão de quem multiplicava com quem, na época do Ensino Médio, uma professora, explicou um modo de montar a matriz que me ajudou bastante.

O primeiro passo era montar a matriz A $n+1$ linhas abaixo da matriz B . O número n era igual a quantidade de linhas da matriz B e somado a mais um era para ter uma boa organização no caderno. Depois que organizamos na lousa as duas matrizes, passamos uma seta por cima de todas as linhas da primeira matriz e uma seta por cima de todas as colunas da segunda matriz. A intersecção das setas das linhas com as setas das colunas eram o local, o posicionamento correto do produto da multiplicação de matrizes, conforme apresentamos abaixo:



Utilizei esta forma de resolução durante todo o meu Ensino Médio. Colocar a primeira matriz abaixo do local que, normalmente, a professora utiliza e passar o lápis por cima das linhas da primeira matriz e das colunas da segunda matriz, gerando uma terceira matriz. Ali já me mostrava quais números teria que multiplicar. Mas não era só isso, tinha a questão de entender que existe uma linha e uma coluna e que se formava um par, no qual se multiplicava e resultava em um produto aonde no final eram somados.

$$\begin{pmatrix} (2 * 3) + [4 * (-7)] + [(-5) * 6] & (2 * 5) + [4 * (-4)] + [(-5) * (-3)] \\ (6 * 3) + [3 * (-7)] + (7 * 6) & (6 * 5) + [3 * (-4)] + [7 * (-3)] \end{pmatrix}$$

Após a explicação dos três professores presentes na sala, a professora colocou novamente o vídeo com a explicação do “quarto” professor. Após esta última, a professora passou mais alguns exercícios na lousa e pediu que ajudássemos os alunos nas carteiras.

Olhando individualmente as dificuldades dos alunos, notamos que não estavam em multiplicar uma matriz pela outra, e sim, na famosa “regra de sinais” e em colocar o resultado no lugar correto na matriz resposta.

No mesmo dia, porém na segunda aula, uma aluna nos pediu para sentar-se ao seu lado e explicar o porquê um dava mais e outro dava menos. Ali pudemos observar a real dificuldade dela, pois só foi perguntar a respeito de como ela havia resolvido o exercício anterior, pois

estava correto, a resposta foi que ela copiou da lousa. Um outro detalhe nos chamou a atenção: embaixo da carteira, ela mantinha uma folha com as dez tabuadas, mas ela não queria expor para a classe, disse que deixava debaixo da carteira e, se caso precisasse, era só olhar.

Observamos a forma como a classe reagiu mediante aquela situação: alguns alunos esperavam os colegas terminarem para poderem copiar, outros nos disseram que estavam esperando a própria professora resolver na lousa e, assim, copiar. Muitos alunos copiaram da lousa e já correram para levar até a professora e receberam o visto no caderno e ganharam o tal do ponto positivo, pois o caderno estava em ordem.

Faltando alguns minutos para o fim da aula, a professora disse o seguinte:

*Pessoal, vocês tiveram três formas diferentes para aprender multiplicação de matrizes, então façam os exercícios e venham me mostrar para eu dar o ponto positivo. Quem não me mostrar vou anotar quem não fez no livro e mostrar para a coordenadora. A coordenadora está procurando o povo que não faz. **Vai procurando qual a melhor maneira de fazer**³¹, porque eu quero que vocês acertem na prova. A hora é essa de perguntar. Qual o caminho que você vai seguir não importa, importa você chegar lá. Gente, na prova terá duas questões de multiplicação de matrizes e qualquer errinho de sinal ou de número, a matriz inteira estará errada, então prestem bem atenção, ou você acerta e leva o ponto da questão ou você erra e leva zero. Entenderam? Basta chegar e estudar em casa, refazer todos os exercícios que nós fizemos, provavelmente a prova está no caderno, nas questões feitas em sala.*

No meio do discurso da professora, soou uma voz mais alta, era da Roberta pedindo para um menino deixá-la resolver os exercícios.

Sai daqui ó. Deixa eu fazer.

E assim, terminou mais uma aula. Os alunos ganharam o visto, conseqüentemente, o ponto positivo e a professora anotou o ponto de cada aluno na caderneta, logo ela teria uma nota para “dar” aos alunos no final do bimestre. E todos ficaram felizes. O aluno aprendeu a melhor forma de ganhar a nota. Pronto. Resolvido o problema.

Movimento do ponto positivo

³¹ Grifos nossos.

Começamos com uma explicação da professora do porquê verificar o caderno do aluno e assim anotar o tal do ponto positivo:

*Sabe que essa coisa de ponto é uma coisa que eu tenho que cumprir, mas eu acho que só de eu estar perto do aluno e que ele me traz, ele está trazendo verdadeiramente o que ele é mesmo, ele não está por pressão e nem dividindo com o colega e nem colando, quando ele traz uma dúvida, é ali que eu avalio ele, eu vejo: "Ele chegou até aqui e construiu isso!", e tem outros que faz umas perguntas que, entre aspas, "Mas que burrice!", sabe. Eu vou ajudar, mas ali eu já o avaliei. Tem uns que são muito fraco e, para chegar aonde eu quero, vai demorar muito, pois ele está muito distante. Ali eu já sei que ele não vai chegar, não é uma vez só. Mas aí você vai... seis aulas por semana e você vai conhecendo todos eles, e aí, **se você não der prova também, você já sabe a nota de todo mundo**³², porque você conhece o potencial de todos. Conforme ele traz o exercício para você, você conhece ele, porque a prova não dá para você conhecer ele, primeiro porque ele pode copiar de alguém e também pode ser que ele pode saber só aquele e, por sorte, só aquele. E se você mudar alguma coisa naquele, ele embarça. Sabe, avaliar momentaneamente, com três ou quatro questões não diz, mas é um parâmetro, mas não é tudo. Você sabe qual aluno seu está desenvolvido, que aprende, que faz, que dá conta. Tem uns que demora muito para dar conta, os que são folgados que estão esperando para copiar. Isso é na rotina. É na rotina que você sabe como tem que olhar: aquele ali é folgado, então: "Eu quero ver o seu caderno", "Mas por que só o meu caderno?" Porque eu sei se eu não fizer assim, ele não faz. Eu não preciso ver caderno de fulano, porque eu sei que ele faz. Então, você sabe aonde tem que ter energia e aonde não tem.*

Tivemos alguns indícios que os signos que são aprendidos na escola não são os que estão em frente da lousa, a Matemática, mas os que estão por trás da lousa: a ordem. Os alunos apreendem os signos de acordo com uma lógica anterior. Ela é proposta pela sociedade, pela escola e tal, mas veladamente, quer dizer, em regras e normas, faz um movimento. É um movimento que faz compreender que o significado só faz sentido se o aluno tiver os signos, então, se determinado indivíduo quer saber o significado de determinada palavra em um discurso, na realidade não está querendo saber o significado, quer saber o signo que está por trás. Saber o signo é uma coisa. Aprender o signo é outra coisa. Pensar o signo é outra coisa.

Signo é aquilo que desperta para o indivíduo determinado sentimento e quando falamos que atrás da lousa está o signo da ordem, é porque tivemos indícios que estes são os que foram apreendidos pelos alunos. Um exemplo do que é um signo: quando uma mulher vê o batom na

³² Grifos nossos.

blusa do marido, ela não vê o batom, ela vê a traição. O signo está ali numa ordem, tem um rosto, tem um desenho, tem uma aparência. Outro exemplo que abordamos mais para frente é a respeito da classe organizada em fileiras. O que Foucault (2013) mostra são os signos daquela ordem e que são os indícios que é isso que os alunos aprenderam: os signos da ordem. A farsa do ponto positivo nos mostra isso.

Mostramos um episódio que aconteceu com a filha de um amigo, chamada Mariana e tem 43 anos hoje. É a filha mais velha dele, sempre detestou Matemática e tinha notas baixas. Mas, de repente, no terceiro ano do Ensino Médio, ela começou a aparecer com notas dez, dez, dez e ele falou para a esposa: “O que deu nessa menina?” e a esposa disse que iria ver na escola, pois ela trabalhava na mesma escola que a filha estudava. Em conversa com a professora da classe, ela achou a professora meio devagar e a filha é bem agitada. Quando terminou o ano letivo, a Mariana não abriu o jogo do que aconteceu e dizia que havia feito prova, que ela tinha estudado e tal. Depois de um tempo, abriu o jogo do que aconteceu naquela sala: os alunos jogavam truco a aula inteira e a professora dava nota dez para todos. Hoje ela tem 43 anos, mas, na época, ainda tinha 16 ou 17 anos.

Trouxemos essa história para ver que o tempo passa, mas as fraudes continuam a existir, as escolas continuam “dando diploma” e o território continua igual, sereno, tranquilo. Porém não é **NORMAL** os alunos saírem do Ensino Médio aprendendo menos que a turma dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. **A escola serve para os alunos aprenderem a seguir normas e regras.**

Aquele aluno que está no processo de aprender com mais calma é exatamente o aluno que está “pegando” de acordo com a velocidade dele, de acordo com a “violência” que o faz pensar, então fica difícil para acompanhar um ritmo de cinquenta “diferentes” alunos como tinha na classe do segundo ano B. A Ariel compartilha com a gente que na hora da prova lhe dá um branco e assim ela não consegue resolver a prova:

Acho, às vezes, que na prova assim dá um branco e a gente acaba, sei lá... às vezes, você sabe a resposta, não sabe como montar, assim, e, depende, se eu souber resolver, eu já vou pulando os passos, sei lá! Às vezes, têm coisas meio óbvias. Assim, se tem que fazer $1 + 1 + 1$, eu não vou ficar fazendo toda hora, porque eu sei que vai dar dois ou três, mas, claro, se alguma coisa que eu não sei ou que eu não tenha certeza, aí eu acho que faço tudo. Acho que, sei lá, essa questão, essas matérias que a gente vê agora, no primeiro e no segundo ano, acho que não ajuda muito na vida. Mas a Matemática em si acho que ajuda pra somar, pra você receber um troco, você precisa saber quanto você tem que dar e quanto você tem que receber. É... que mais? No meu serviço também tem que ficar contando as

folhas também, pra ver se está tudo correto, então eu acho que uso pouco Matemática, não uso assim, essas fórmulas mais difíceis, que a gente está aprendendo agora e as que vi no ano passado. É que é assim... a gente vai pelo mais obvio, né, que a gente não fica é... tem alguma coisa pra solucionar no meio do dia e eu não vou ficar fazendo uma conta Matemática com uma fórmula entendeu. Acho que é isso. Mas acho que usa sim. A Matemática é assustadora [risos]. Acho que eu me empenho um pouco para aprender Matemática, às vezes, acho que a gente deixa a desejar, né, com as conversas, as coisas, mas eu tento. Hum... Nossa! O que eu desenho? Acho que Matemática, ela é, tipo, um ponto de interrogação se a pessoa não sabe o que fazer, mas se tiver alguém que ajude ou alguém que ensine e a pessoa quiser também, né, ela prestando atenção, é uma coisa legal.

Figura 45 – Como a Ariel vê a Matemática



Fonte: Elaborada pela Ariel (2015)

A terra do *logos* (razão) não é uma terra de se “achar”, é uma terra na qual se tem as coisas prováveis, demonstradas, justificadas, nenhum conhecimento é solto e todos vêm do trabalho, vêm do eu interior (o indivíduo pensa com os braços, indivíduo pensa com as pernas, indivíduo pensa com o corpo inteiro).

Café Filosófico

É no singular que aprendemos (ALVAREZ e PASSOS, 2014, p. 148).

A violência vem do fora, lutamos contra essa força que vem do fora, que tenta nos atravessar. Algo como uma luta se estabelece no sujeito. O corpo inteiro está na luta contra aquela violência. Uma luta que produz faíscas de tão forte. O apreender, como diria Nietzsche, em *A Gaia Ciência* (NIETZCSHE, 2016), “é fagulha desta luta”. O apreender só por atravessamentos, afetações e forças que nos atravessam sem luta gera um mundo da *doxa* (opinião) do acreditar, do achismo, da reconhecimento. O lutar contra as forças do fora implica

conhecimento, aprendizagem, que signifique os signos corretamente. Mas os signos são muito mais que símbolos matemáticos: o signo é o que te remete ao todo.

Café Filosófico

O que se estabelece no novo não é precisamente o novo, pois o próprio do novo, isto é, a diferença, é provocar no pensamento forças que não são da reconhecimento, nem hoje, nem amanhã, potências de um modelo totalmente distinto, numa *terra incógnita* nunca reconhecida, nem reconhecível (DELEUZE, 1988, p. 225, grifo do autor).

Outro ponto a se levantar aqui é o motivo da Nala preferir utilizar lápis e papel para resolver os exercícios, pois

Com lápis e papel é mais fácil, porque eu consigo visualizar aquilo que eu estou pensando. Mentalmente não encaixa, tipo montar uma conta mentalmente não vai, sabe, não consegue encaixar na minha cabeça. Tenho que pegar a caneta e escrever, isso facilita.

Estávamos resolvendo algumas multiplicações, Nala preferiu pegar uma caneta e eu resolvi as contas com o dedo na parede. No final, chegamos à mesma resposta da multiplicação, mas o assunto já não era mais a resposta, e sim como resolver uma conta com o dedo na parede.

Bob Esponja disse preferir aprender com a professora explicando na lousa para todos os alunos, se caso ela não conseguir aprender, ela recorre aos colegas da classe:

Prefiro aprender com a professora explicando na lousa, eu já aprendo já. Às vezes, eu fico com alguma dúvida e eu chamo ela na carteira, mas são dúvidas, mas eu aprendo na lousa. Eu prefiro tirar as dúvidas com a professora ou com as amigas que sentam ao meu lado. Primeiro eu pergunto para elas, se elas não souberem eu pergunto para a professora.

Ao realizar algum cálculo, Roberta também prefere que seja com lápis e papel:

Acho que eu prefiro lápis, acho que é mais porque eu sinto que pode errar né, mas sendo lápis você não se perde, acho que é mais fácil se perder mentalmente, porque você está pensando naquela coisa aí passa uma mosquinha, já puff! Bagunça.

Mais uma semana começa. São sete horas da manhã. Ao chegarem à sala de aula, os alunos verificaram que a mesa da professora estava quebrada, mas a professora deu um jeito, pegou duas carteiras dos alunos para poder se acomodar e, em seguida, falou:

Meninos, bom dia e boa semana para nós. É semana de prova. Número um, número dois, vamos prestar atenção na chamada, por favor. Número três... Gustavo, abre o caderno de Matemática, tem exercício!

Um aluno interrompe a professora para perguntar qual exercício do caderno irá cair na prova e a resposta foi a seguinte:

Os exercícios do caderno são uma referência para prova, se você estudar o caderno você irá bem na prova, mas ele tem que estar completo, né.

Na outra aula do mesmo dia, a professora deu um tempo para os alunos continuarem com os mesmos exercícios, pois alguns alunos pediram mais tempo para resolver. Nesse momento, ouvimos um aluno falando para o colega que estava errada a forma como resolvia, que não era como a professora resolvia. Enquanto a professora pedia para a classe "*anotar rápido o que tinha na lousa*", pois tinha mais exercícios para passar. O erro identificado pelo colega era a forma como ele preenchia a matriz resposta. Ele começava a responder pela coluna, mas a professora começava pela linha. O colega disse que não importava a ordem, seja começar a preencher a matriz resposta pela coluna ou pela linha, desde que seja respeitada a posição de cada elemento.

Ronaldo nos contou que fez a prova, entretanto ele não sabia que naquele dia teria prova e muito menos que era com consulta. Ele fez de acordo com o que aprendeu, sem precisar olhar o caderno, sem "estudar anteriormente" e ainda disse que foi fácil.

Aprender se aprende em qualquer lugar, desde que haja uma violência do fora, mas aqui acontece no território escola. Ninguém aprende Matemática porque está nos currículos, aprende porque talvez seja um desejo dele, porque houve uma música...

A Doutrina³³ não facilita em nada o aprender, só atrapalha. A Doutrina depende dos signos que são emitidos em sala de aula, no pátio, na merenda e nas conversas com o corpo administrativo, pois, na escola existem normas que o aluno tem que seguir: a ordem; a

³³ Para maiores informações sobre a Doutrina, procurar na tese do Thiago Donda Rodrigues defendida em 2015.

disciplina; a correção; o acertar; ou o sucesso; entre outras, porque toda Doutrina tem seus signos.

Não se sabe se a escola serviu para alguma coisa ou não, para os indivíduos que se submetem às práticas doutrinárias dos professores serviu para doutrinar, mas não para aprender Matemática. Tanto é verdade que, como apresentamos no início desta dissertação, a Roberta não resolveu os exercícios propostos, precisou de ajuda para crescer. O Ronaldo não, ele vai e resolve, foi o momento de ele dar o troco, foi um elogio ele dizer que foi fácil e ainda perguntou o porquê não demos um exercício mais difícil, quer dizer: “podem vir com sua Doutrina para cima de mim, porque todo mundo pensa que eu sou idiota, a “ovelha negra”, mas eu não sou”.

Na semana seguinte da prova, a professora olhou o caderno dos alunos para poder atribuir uma nota.

Café Filosófico

Insurgir: Amotinar (-se), revoltar (-se), sublevar (-se); opor-se, reagir.

Insurreição: Ato ou efeito de se insurgir; sublevação; revolta (BASTOS, 2009, p. 190, grifo do autor).

Nala levanta uma questão a respeito do que é, para ela, ter liberdade na escola.

Ter espaço na escola para poder falar e opinar sobre as coisas, sabe. A Ariane acabou de chegar na sala e o que que ela é daqui da escola: a coordenadora. Ela acabou de chegar na sala e proibiu a gente de poder fazer experimentação para toda escola de um docinho para a Festa das Nações. A gente já tinha se organizado, cada um iria dar quatro reais e a gente iria fazer. Se organizou, sabe. Nós da sala junto com a professora coordenadora da nossa sala. Ela chegou na sala e falou assim: "Vocês não vão fazer!" "Mas por que a gente não vai fazer? A gente já se organizou!" "Não, porque eu não quero!". A outra sala não conseguiu fazer, não se organizou e ela acha que a gente também não poderia ter essa capacidade. E ela disse que não, não era pra gente fazer. Pra Festa da Nações a gente queria fazer algo legal e ela chega e proíbe, sabe. O que eu posso fazer? Só eu vou chegar lá e falar: "Não! Nós vamos fazer!" Só eu! Eles já se acostumaram com isso, sabe. É por isso que eu não gosto daqui, porque eu sou a minoria que pensa desse jeito.

Café Filosófico

O poder não existe. [...] o poder é um feixe de relações mais ou menos organizadas, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado [...] (sem dúvida mal coordenado) de relações, então o único problema é munir-se de princípios de análise que permitam uma analítica das relações do poder (FOUCAULT, 2015, p. 369-370, grifo do autor).

Nala, juntamente com alguns colegas da turma, tentou organizar uma apresentação na Feira das Nações sobre os doces típicos da Argentina, porém, momentos antes da nossa conversa, a coordenadora entrou na sala de aula e os proibiu de fazer a degustação de doces. Nala não gostou dessa atitude e para ela a escola não lhe dá liberdade. Não presenciamos este ocorrido, em razão de estar conversando com outro aluno, pois alguns professores não liberaram as aulas para as nossas conversas e os alunos preferiram que as mesmas acontecessem no horário das aulas, e não no período contrário. Assim, as conversas ocorreram simultaneamente às aulas de Matemática.

Mostramos abaixo uma aula de Matemática, não foi muito diferente dos outros dias, aconteceu numa segunda-feira do mês de setembro. Poderíamos até colocar no movimento de sexta-feira, mas preferimos colocar nesse movimento para mostrar como eram as aulas de Matemática, como os alunos ganhavam o ponto positivo.

A aula começou com a professora passando alguns exercícios na lousa e, enquanto os alunos copiavam, ela começou a fazer chamada para anotar na caderneta os alunos presentes e os ausentes, para, depois, passar na pasta da sala os alunos ausentes. Os alunos estavam conversando, uns estavam em pé, outro com fone de ouvido, outro nem tinha tirado o caderno da bolsa, a outra aluna estava passando batom. Eram sete horas e vinte minutos da manhã, já estava bem quente e tinha um ventilador na sala. De repente, fez-se um silêncio absoluto na sala e a voz da coordenadora, visivelmente alterada, se fez presente aos gritos:

Tira o pé da cadeira, Maurício. Eu liguei na casa de todo mundo que faltou. Todo mundo que faltou eu liguei.

Verdade, ligou lá em casa – disse uma aluna.

Quando eu ligo na casa, eu ligo perguntando para a mãe: seu filho está em casa? Liguei, porque seu filho está faltando à aula, porque, têm umas

peessoas, que faltam a inteligência. Oh! Presta atenção todo mundo no que eu vou falar: têm umas pessoas que parece que caiu do berço, sei lá, alguma coisa aconteceu para ser tão idiota, tão idiota assim, não é possível, chegar aqui na frente, falar com a Margarida e vai embora. É tanta idiotice, né. É muito burro, é muito burro. Tem que ser idiota demais, né.

Após a saída da coordenadora da sala, todos começaram a rir e a procurar quem entrou na escola e depois foi embora na sexta-feira. Um aluno se identificou com a mão e disse que a coordenadora ligou em sua casa. Posteriormente, a professora pediu, insistentemente, para que os alunos parassem com a conversa e se concentrassem na matéria, mas não deu muito certo, naquela aula ela não conseguiu o silêncio que tanto pedia:

Vamos galera. Acelera. Acelera. Abra o caderno de Matemática.

Enquanto alguns alunos diziam que na sexta-feira anterior, na parte da manhã, eles aproveitaram para dormir e não para irem à escola, um rapaz, no fundo da sala, falou:

Eu já fiz isso muitas vez já, vir e ir embora. Tomo café e como bolacha e vou embora. Simples, véio.

Ele acordou cedo, foi à escola, tomou seu café da manhã e foi embora, sendo que o café da manhã na escola é servido num período de 10 minutos, das 6h50min às 7h00min. O sinal toca e o que sobrou do café é recolhido.

A professora não comentou nada a respeito da fala da coordenadora e já começou a explicar um exercício que estava na lousa:

Pessoal, antes que vocês comecem a resolver todas as multiplicações, não é necessário fazer todas as multiplicações. Deu para perceber? Que está faltando uma numeração de um encontro? O encontro de qual?

Nenhum aluno a respondeu e ela voltou a falar:

Para vocês ver, oh, a pergunta é: qual o encontro da segunda linha com a segunda coluna. Então se prepare, porque vocês não precisam gastar o tempo de vocês fazendo esforço, porque depois você vai escolher a opção correta. Parece grande, mas é uma continha de nada.

$$\begin{bmatrix} 2 & 1 \\ 0 & 3 \end{bmatrix} * \begin{bmatrix} -3 & 4 \\ 6 & 1 \end{bmatrix}$$

- a) 1
- b) 2
- c) 3
- d) 4

Os alunos não ficaram quietos a aula inteira, todos ficaram conversando com os colegas e a professora sempre pedindo o silêncio, mas foi inútil. Ela encheu a lousa com exercícios e alguns alunos copiaram no caderno. Trinta minutos após o início da aula, a professora continuou a fazer chamada e depois ela voltou a passar mais exercícios na lousa. Nesse tempo, outro detalhe nos chamou a atenção: uma aluna que nunca nos deixou aproximar para explicar a matéria e, todas as vezes que chegávamos perto, ela fechava o caderno.

Começamos a observá-la e logo pudemos notar que ela não resolvia seus exercícios, mas copiava da lousa a matéria e os exercícios, depois esperava um colega que sentava ao seu lado terminar de resolver no caderno para poder pegar o caderno e copiar. Em seguida, ela mostrava para a professora e ganhava o tal do ponto positivo. Algumas vezes, o aluno explicava a matéria para ela, mas com ela copiando do caderno dele, ela não parava de copiar. Num certo dia, perguntamos se ela queria a nossa ajuda, porém nos respondeu que não entendia com ninguém, exceto com o colega:

Não entendo quando as pessoas me explicam, somente com ele eu entendo, vou esperar ele terminar para ele me explicar.

E, quando ele terminou, emprestou o caderno novamente para ela copiar, mas desta vez, depois que ela terminou de copiar, ele lhe explicou o exercício. Em seguida, ela se levantou e foi até a professora para mostrar o caderno e ganhar o tal do ponto positivo para aquela aula.

A professora pedia aos alunos que quem terminasse de resolver ajudasse o colega que ainda não tinha conseguido, que um aluno ajudasse o outro.

Um aluno estava ouvindo músicas com fone de ouvido e copiando matéria da lousa. Perguntamos porque que ele fazia aquilo e ele nos respondeu que se inspirava:

Me inspira. É sério. Eu sempre ouço música fazendo a matéria. Estava ouvindo funk até agora.

A resolução dos exercícios foi, por ele, copiada da lousa e em seguida ele levou o caderno para a professora ver e anotar o ponto positivo. A Roberta, que estava sentada ao lado dele, ouviu nossa conversa e nos disse não consegue estudar ouvindo música, pois a desconcentra:

Ai, dona, eu não consigo fazer nada ouvindo música, desconcentra.

Episódio a parte: eu mesma tive uma professora de Matemática no último ano do Ensino Médio, nesta mesma escola, que tinha um caderno pequeno de capa dura para cada bimestre. Em cada folha daquele caderno, eram anotados os nomes de todos os alunos para quem ela ministrava aula, tanto da minha escola quanto de outras escolas em que ela trabalhava. O caderno era utilizado para anotar os pontos positivos na cor azul dos alunos que terminavam corretamente os exercícios e era “negociado” com a turma quantos alunos seriam em cada exercício, às vezes, eram três alunos a ganhar o ponto, outras vezes, eram cinco alunos. E, se algum aluno fizesse qualquer tipo de bagunça na classe, ela anotava em vermelho, era o ponto negativo.

Naquele caderno eram utilizadas somente duas cores: caneta de tinta azul e de tinta vermelha. No final de cada bimestre, ela realizava a contagem do saldo dos pontos. Lembro-me de indivíduos na turma que dificilmente conseguiam pontos positivos por não terminarem os exercícios antes dos outros, e, também, que eram sempre os mesmos alunos que eram mais rápido em resolver os exercícios e ganhavam o tal do ponto positivo. Não havia outra forma de ganhar o ponto positivo, mas o ponto negativo era só fazer algo que a professora julgasse ser errado. Existia um campeonato para conseguir ganhar os tais pontos positivos.

A Nala era uma das poucas alunas que nos pedia ajuda, às vezes, ela nos chamava só para verificar se estava fazendo igual ao que a professora pedia. E, logo em seguida, ela explicava os mesmos exercícios para a colega Ariel, que sentava a sua frente de acordo com o mapa de sala.

Como de costume, faltando cinco minutos para o término da aula, a professora falou:

Galera, faltam cinco minutinhos para terminar a aula, quem quiser trazer o caderno estou dando o visto. Galerinha, estou dando o visto, traz aí. Galerinha, o visto. Traz aqui, oh!

Era comum, no final de toda aula, a professora ficar uns minutos a mais para dar o visto nos cadernos dos alunos e depois anotar o ponto positivo. Sempre tinha algum aluno atrasado,

pois alguns deles precisavam esperar o colega resolver para poder copiar a resposta e, assim, quase todos os alunos mostravam o caderno para a professora, para que eles tivessem o tal do ponto positivo. Para a professora, o motivo de o aluno ter o caderno em ordem mostrava que ele estava envolvido com a disciplina, pois ela sempre falava nas aulas também que:

Mostra para a professora que você está envolvido, porque o que pesa não é a nota, e sim, seu envolvimento na disciplina³⁴.

Essa foi uma das frases que a professora repetiu ao longo do semestre. Outra frase foi para que os alunos mostrassem o caderno para obterem o tal do ponto positivo:

Galera, vamos terminar esse exercício hoje para ganhar o ponto positivo, temos que finalizar nessa aula. Ontem teve pessoas que não conseguiram ponto e amanhã esse já não vale mais. Vamos lá terminar para ninguém ficar sem ponto.

A professora falou o seguinte para nós, num tom mais baixo, mas no final da conversa. Ela expõe para a classe que os exercícios iriam cair na prova e que talvez fossem até iguais. Realmente, foi o mesmo que caiu na prova.

Vi quando você os ajudou e você viu o que aconteceu: a Nala virou ajudante e a outra também virou ajudante. Esses exercícios são bem fáceis de fazer. Viu, gente: "Esses exercícios que eu estou dando esses dias são bem parecidos com o que vai cair na prova, então estudem, porque, às vezes, é até igual ao da prova. Tudo bem?"

Logo o Liberdade, que sentava na frente, disse para todos da classe:

E mesmo assim ainda tem gente que vai errar, pode ter certeza!

E a professora respondeu, prontamente:

*Não vai, não! Mas a minha experiência diz que sim! Mas é tanto tempo que eu gasto explicando a mesma coisa, Jesus, para você ter certeza que eles entenderam! **Mais alguém quer nota? Porque está acabando a aula e vou guardar o material***³⁵.

³⁴ Grifos nossos.

³⁵ Grifos nossos.

Alguém responde:

Eh! Dona, calma! Não consegui acabar!

Café Filosófico

Vê se entende
O meu grito de alerta
Veja bem!
(GONZAGUINHA, 1979)³⁶

Acelera então – responde a professora.

É o grito de alerta dos alunos. A professora não poderia dar aquele tema como compreendido ou que os alunos aprenderam, nem poderia cobrar, posteriormente, o caderno em ordem. A questão de resolver ou de copiar os exercícios e, em seguida, levar até a professora para ganhar o ponto positivo aconteceu em quase todas as aulas, exceto naquelas que não tinham exercícios ou com bem poucos alunos (cinco ou menos). Próximo aos cinco minutos finais das aulas, alguns alunos começavam a andar pela sala de aula com o caderno e o lápis na mão a procura de colegas que tivessem feito para poder copiar, depois chamavam a professora ou iam ao encontro dela, para apresentar o caderno com os exercícios escritos e o ganhar o tal do ponto positivo. Pronto. Tudo resolvido. **A farsa estava posta, pois o aluno recebeu o ponto e a professora teve a nota que precisava para colocar no boletim no final do bimestre.**

Pronto dona. Pronto dona. Terminei. Marca meu ponto aí.

A aula terminava e a professora ainda estava com o material aberto para anotar o ponto positivo na caderneta. Observamos que, após o término dos exercícios, os alunos se levantavam para ir até a professora e mostravam o caderno para ganhar o tal do ponto positivo. Depois, as duas alunas emprestavam o caderno para alguns colegas que sentavam ao lado para copiarem as respostas e, assim, eles também ganhavam o tal do ponto positivo.

³⁶ Excerto da música “Grito de alerta”, composta pelo Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior, mais conhecido por Gonzaguinha, e lançada em 1979, pela cantora Maria Bethânia, no álbum chamado Mel.

Café Filosófico

a cartografia não comparece como um método pronto, embora possamos encontrar pistas para praticá-lo. Falamos em praticar a cartografia e não em aplicar a cartografia, pois não se trata de um método baseado em regras gerais que servem para casos particulares. A cartografia é um procedimento *ad hoc*, a ser construído caso a caso. Temos sempre, portanto, cartografias praticadas em domínios específicos (KASTRUP e BARROS, 2014, p.76, grifo das autoras).

Esse é um exemplo de cartografia que descrevemos a partir da observação e participação de alguns meses de convívio nessa escola. E convivendo com a professora, ela falou o seguinte quase no final do ano:

*O que a gente está exercendo não é de dar aula, então eu não falo para você que eu estou vivendo a realização de dar aulas. Eu gosto de dar aulas, mas, às vezes, o que eu faço não é dar aulas. Alunos que escrevia errado, agora escrevem certo. Mas a maioria das vezes não sou realizada por muitas barreiras. É a situação da sociedade, não é esta escola, é a sociedade e, de repente, a gente recebe esta sociedade e, também, a gente está num contexto de muitas regras e o sistema, eu convivo no sistema, não tem que fazer do jeito que eu quero, do jeito que eu acho. O comprometimento dos alunos com os exercícios também é uma grande dificuldade, porque **é uma ciência que só aprende fazendo, então se você não tem comprometimento de fazer, não existe aprendizado**³⁷. Então esse querer fazer ele vem muito de casa, **ele vem muito de não ter tido recepções com o conteúdo anterior, por isso existe traumas, barreiras dos períodos anteriores, das séries anteriores que eu estou ministrando e que faz com que eles não são abertos para aquela disciplina, já como um trauma: "Não gosto!" "Não quero!" Não sei! "Não vou fazer!" Eles trazem uma resistência, a gente percebe que alguns momentos foram assustadores**³⁸.*

Num dia de novembro, a professora, primeiro, passou alguns exercícios na lousa e depois pediu a atenção dos alunos para uma conversa:

Psiu, galerinha, vocês estão no mapa? Vamos. Presta atenção! Psiu! É sério, vamos! Olha aqui, meninos! Vamos! É o seguinte: vamos recordar alguns exercícios, são exercícios que já foram trabalhados em sala de aula, então quem já viu é só recordar, quem não viu, ou não lembra de ter visto, vamos

³⁷ Grifos nossos.

³⁸ Grifos nossos.

aprender agora. Então vamos recordar. Vamos trabalhar, gente. São exercícios de probabilidade. Vamos copiar e fazer. [Depois de um tempo] Galerinha, vamos fazer o seguinte! vamos fazer esse exemplo e, depois, vocês fazem esses dois que é igual e, aí, a professora olha, dá um visto e dá uma notinha, porque este mês a gente precisa fazer nota. Temos que pensar num trabalhinho.

Ouvimos um aluno no fundo:

Não dona, não vem, não! Trabalho não! E nem com prova! Não vai ter prova porque não tem onde imprimir, então não vem com trabalhinhos!

Ela respondeu o seguinte:

Mas a gente precisa de alguma coisa, alguma nota. Alguma coisa a gente vai ter que fazer³⁹. Galerinha, eu vou vistar os cadernos. Oh! Quando eu vier para este exercício, eu visto os cadernos. Oh! Temos duas aulinhas hoje, vou até deixar uns exercícios para vocês fazerem depois.

Oh, dona, faz um aí! Resolve um na lousa? Vai, dona!

Alguns alunos pediram para juntar em dupla ou trio para poderem resolver os exercícios e a professora liberou. Eles juntaram as carteiras e começaram a resolver e, logo em seguida, a professora explicou e resolveu o primeiro exercício:

Já fiz o primeiro. É igual aos demais. Vamos tentar fazer no caderno? Galera, oh! Quem ainda está com dificuldade, procura hoje, porque nós temos três professores que podem te auxiliar, esses dois eu deixei a resposta para vocês não precisarem pegar no livro. **Vou dar um visto e já estou dando a nota. Então, vamos trabalhar. Galerinha, vamos terminar esses exercícios, porque eu preciso marcar a nota⁴⁰.**

Terminou a aula e nem todos mostraram o caderno para a professora. Na aula seguinte, no mesmo dia, a professora entrou na sala de aula e já pediu aos alunos que sentassem no mapa:

Vamos, galerinha, sentados no mapa.

³⁹ Grifos nossos.

⁴⁰ Grifos nossos.

Mas, dona, como vamos terminar de fazer o trabalho? Deixa sentar em dupla?

Tudo bem! Vamos terminar os exercícios!

Oferecemos ajuda e observamos que uns estavam copiando a resposta do caderno do colega e obtivemos a seguinte resposta de um deles:

Não, dona, eu vou copiar, é mais fácil. Já tô acabando e é só pra ganhar nota mesmo!⁴¹

Pessoal, quem quiser pode ir pela árvore. Em alguns casos, é melhor optar pela árvore. Ela ajuda na visualização. Galerinha, a árvore ajuda, lembra que vocês fizeram na aula passada? Vocês viram a árvore no videozinho lá, lembram? Guilherme, você viu a árvore na última aula, você lembra? Os arranjos?

Não, professora.

Até o Guilherme faltou. A Roberta estava aí? Então, pedem ajuda para ela também.

A professora deu visto em vários cadernos e todos terminaram os exercícios. A farsa, como dissemos anteriormente, estava posta para qualquer indivíduo ver o que não está oculto Deleuze (2013). A professora disse o seguinte aos alunos:

*Gente, eu estou muito preocupada, entre aspas, com os bons alunos falando que a professora está muito rápida, porque eu sinto que a professora é uma lentidão em pessoa e vocês acham que a professora é rápida. Isso leva a professora a ficar muito preocupada em eu ficar mais lenta do que eu já sou, pois a gente não vai chegar em lugar nenhum. Então, o meu pedido, eu levei em conta aqueles pedidos de vocês, estou refletindo o pedido de vocês, não estou desdenhando, a professora só está pedindo a vocês um esforço maior de vocês, porque se a professora avançar, **então se esforcem, se a professora começou a copiar: copiem**⁴², a professora está explicando: prestem atenção, façam, porque eu e vocês estamos muito lentos, e bons alunos falaram para mim que a professora está rápida, então o que eu faço com isso? Eu demorei mais que cinco minutos para escrever essa lousa inteira! Então gente, se esforcem*

⁴¹ Grifos nossos.

⁴² Grifos nossos.

mais, eu estou levando em conta o que vocês falaram, mas vocês precisam se esforçarem mais. Eu estou esperando vocês copiarem, mas eu também quero ver o esforço de vocês! Os dois lados precisam melhorar. Tá bom, meninos?! Meninos, eu vou explicar essa lousa e quando eu apagar não tem mais como explicar. É a partir dessa condição que a gente vai avaliar essa parte. Meninos, recordando, esse aqui é linha e em pé é coluna. O número três está indicado para nós, que vamos considerar o quadradinho pintado, por que três? Porque ele me indicou que são três. Então, são três na horizontal e como só tem três vamos pintar os três.

| | | | |
|----------|----------|----------|----------|
| | 2 | 1 | 1 |
| 3 | | | |
| 0 | | | |
| 1 | | | |

Na horizontal, temos o número três na primeira linha, temos o número zero na segunda linha e o número um na terceira linha. Mas qual a ordem que vamos pintar os quadradinhos? Vamos ver. Esses detalhes a gente têm que ver, se temos três quadradinhos na primeira linha e ele pede para pintar três, então vamos pintar os três. Certo? Porque de acordo com a coluna, eu estou certa, pois temos que pintar dois, já pintamos um. Agora, na segunda linha ele me diz o que? Não podemos pintar nenhum quadradinho. Agora eu vou para a terceira linha, e ele me pede para pintar um quadradinho, mas qual eu vou pintar? Agora, vamos olhar a coluna, qual delas ainda está faltando pintar? A segunda e a terceira coluna só me diz para pintar um em cada e já pintamos, agora a primeira coluna me diz para pintar dois quadradinhos. Pintamos dois? Não, então vamos pintar o último que falta. Entenderam?

| | | | |
|----------|----------|----------|----------|
| | 2 | 1 | 1 |
| 3 | | | |
| 0 | | | |
| 1 | | | |

A professora, logo em seguida, explica aos alunos sobre como podemos montar uma matriz com estas informações:

Galerinha, podemos montar uma matriz com números um e zero. Aonde eu preciso pintar eu coloco o número um e aonde eu não preciso pintar eu coloco o número zero. Assim, temos a seguinte matriz:

| | | |
|---|---|---|
| 1 | 1 | 1 |
| 0 | 0 | 0 |
| 1 | 0 | 0 |

Parece uma foto, aonde está colorido e aonde não está. Agora vocês têm que caminhar nos exercícios, vamos pintar os quadradinhos e montar a matriz correspondente. Eu vou até o exercício seis, só estou esperando a lousa para terminar de copiar, só estou esperando vocês terminarem de copiarem. Podem se organizar! Galera, estou aqui aguardando, oh. Posso apagar, né. Essas cinco questões vai virar um trabalhinho que vocês terão que entregar para a professora, faz no caderno organizado, depois vocês passarão numa folhinha para a professora na segunda-feira. Lógico que vocês vão querer, porque, se não fizerem, não terão nota. Tá. Então, é para trazer segunda-feira! Vamos continuar no três.

Depois dessa fala da professora, os alunos começaram a se movimentar mais, e um aluno foi até a carteira do colega e puxou o caderno na tentativa de copiar, porém o colega começou a brigar com ele e soltou uns palavrões. A professora ouviu essas palavras e disse:

Cuidado com as palavras meninos. Cuidado com as palavras.

Dois alunos sentaram ao lado da Nala para perguntar se ela tinha feito o exercício um, e como ela já tinha feito, eles pediram para copiar no caderno deles e ela liberou. A professora, depois de alguns minutos, disse o seguinte aos alunos:

O seu caderno irá receber visto e em casa você vai rever os exercícios, montar o trabalhinho e me entregar na segunda-feira. Quem não entregar esse trabalhinho vai perder esses pontos. Faz numa folha de almaço e a hora de passar a limpo é uma forma de estudar um pouquinho, rever o exercício em casa e entregar para a professora.

Assim que alguns alunos terminaram de resolver os exercícios e deram para a professora visar o caderno, eles começaram a fazer o trabalho na aula, pois era somente para passar a limpo os exercícios numa folha. Porém, quando a professora observou que alguns alunos estavam fazendo isso, logo disse:

*Não é para fazer em sala de aula, pois, **senão não é trabalhinho**⁴³. É para fazer em casa e trazer na próxima aula. Entenderam?*

⁴³ Grifos nossos.

No dia seguinte, a professora faltou na primeira aula e não recolheu o trabalho. Na segunda aula, disse que não iria recolher o trabalho, pois teria mais alguns exercícios. E assim ela conduziu durante algumas aulas: passava exercícios e selecionava qual entraria no trabalho para os alunos copiarem na folha de almoço. Segue uma fala dela para os alunos:

*Bom dia, turminha! **Vou deixar para vocês agora esses exercícios que vocês estão trabalhando, que agora vocês têm no caderno, esse é o mesmo que está no caderno só que vocês vão me entregar em forma de trabalho. Entenderam?***⁴⁴ *O que tem no caderno terá no trabalho, aquele outro trabalho que vocês já caminharam um pouco, mas não caminharam mais, eu não recolhi de ninguém. Esse trabalho está sendo oferecida mais uma chance de entrega hoje. Como ele deve ser montado: nesse esqueminha que vai para o trabalho e, aí, vocês vão ver que vocês já trabalharam a primeira aula esses exercícios, estão no caderno e agora a professora quer que vai para o trabalho. **Vocês já responderam e a respostinha que está no caderno a professora quer que vá para o trabalho. A folhinha que está no caderno que será entregue para a professora estão todas as datas, certo? E agora que nós chegamos nessa fase, nós vamos encerrar o trabalho.***⁴⁵ *E, agora, a professora vai marcar a data de entrega. Quem perdeu alguma fase, corre atrás, pode se organizar e entregar. Algum aluno vai perguntar assim: Ué, esse aqui eu já fiz hoje? A professora está falando que você já fez hoje, a professora sabe que você tem no caderno, mas a professora quer que você tenha também no trabalho. Esse aqui vai ser do trabalho. Galera, para quem perdeu uma aula, pegue com o colega, pois o trabalho tem várias fases. Hoje vamos assistir um vídeo para complementar a minha explicação, é uma outra forma de explicar.*

Movimento de sexta-feira no período matutino

Precisamos reforçar, aqui, que esta pesquisa foi realizada no período matutino.

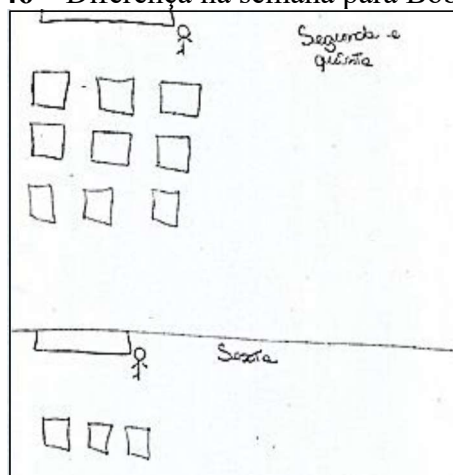
Presenciamos, no nosso primeiro dia dentro da sala de aula, apenas quatro alunos. A professora relatou que o motivo por ter poucos alunos era o fato de ser sexta-feira e que era “**NORMAL**” ter poucos alunos. A rotina da escola de sexta-feira era das merendeiras passarem em todas as salas de aula para realizar a contagem de quantos alunos tinham e, assim, prepararem a merenda, sem que houvesse sobras. A ausência em massa de alunos às sextas-feiras nos chamou a atenção.

⁴⁴ Grifos nossos.

⁴⁵ Grifos nossos.

Bob Esponja dificilmente aparecia nas aulas de sextas-feiras. De acordo com o mapa de sala de aula, ela sentava isolada dos demais colegas. Mesmo sem ninguém a sua volta, ela podia contar com alguns colegas, como Ronaldo, que saiam dos seus lugares para sentar no fundo da sala e lhe fazer companhia. Eles saiam dos seus lugares demarcados para sentar no fundo da sala:

Figura 46 – Diferença na semana para Bob Esponja



Fonte: Elaborada pela Bob Esponja (2015)

De sexta-feira tem menos pessoas e acaba não tendo aula, mas quando tem bastante gente a aula é normal. A aula é mais interessante de segunda a quinta, mas a sexta eu gosto, mas é porque já está chegando final de semana, então eu prefiro como semana de segunda a quinta, porque de sexta muitas vezes eu não venho, venho poucas sextas para a escola, foram bem poucas mesmas, acho que eu estou interessada ainda durante a semana, estou no pique de ir para a escola. As carteiras no desenho representam a quantidade de pessoas.

Portanto, outra farsa posta na escola são as aulas de sexta-feira. A professora lecionava, por semana, cinco aulas de Matemática e duas aulas de Física sendo que na sexta-feira eram duas aulas de Matemática e uma aula de Física. Assim, a professora lecionava um terço das aulas de Matemática e metade das aulas de Física. Ao todo, os alunos tinham 30 aulas semanais e observamos que, ao longo do semestre, as aulas de sextas-feiras são fraudadas, pois quase não compareciam alunos. No mês de outubro, somente uma sexta-feira teve três alunos, as outras não apareceu ninguém, logo, não teve aula. Aula na sexta-feira, normalmente, acontecia no máximo duas vezes por mês e, com no máximo, dez alunos. A sala contava com uma lista de presença com 50 alunos.

A Ariel mostra em sua fala que gostava da professora, de sentar perto da professora na sexta-feira, pois o **NORMAL** era ela sentar ao lado do armário:

A professora trata a gente como filho, sabe, ela é bem acolhedora, eu gosto muito dela e aí, quando vem pouca gente, a gente tem três aulas com ela na sexta-feira, então a gente fica bem próximo dela. Às vezes, junta todo mundo lá perto dela na aula, onde, às vezes, ela aproveita e tira alguma dúvida e repassa a matéria e ela pede muito a nossa opinião também: "Vocês acham que eu devo começar outra matéria ou porque faltou muita gente eu não passo, devo continuar nesta?" "Ai, tanto faz, começa outra." "Não, continua nessa".

Figura 47 – Sexta-feira para Ariel



Fonte: Dados da pesquisa (2015)

Os alunos, geralmente, não pediam matéria nova, mas que ela revisasse algum exercício ou que ficasse conversando a respeito de algum assunto. Quando compareceram três alunos, foi isso que aconteceu.

Na sala dos professores ocorreram algumas conversas a respeito de não marcar prova ou entrega de trabalho de sexta-feira. Num certo dia, algum professor do primeiro ano do Ensino Médio marcou entrega de trabalho e uma outra professora chegou na sala dos professores e levantou essa questão e todos que estavam presentes começaram a conversar. Segue a conversa de alguns professores:

Gente, quem que marcou coisas com o primeiro ano A? A sala veio em peso.⁴⁶

Mas como assim? Tem muitos alunos? Senhor!

Espero que a tarde ninguém tenha marcado nada! Hoje preciso colocar a caderneta em ordem.

E esse calor, meu pai! Ali pega fogo!

Café Filosófico

O dispositivo [...] está sempre inscrito em jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que deles nascem, mas que igualmente o condicionam. É isto o dispositivo: estratégias de relações de forças sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles (FOUCAULT, 2015, p. 367).

A escola torna-se uma farsa, pois a ausência de aula na sexta-feira e o crescente estímulo a não frequência de alunos nesse dia por boa parte da equipe escolar não era condizente com a fala de que é preciso cumprir a ordem. Aqui aparece um outro signo que é a farsa andando nas sextas-feiras, quer dizer, “como fazer de conta que funciona quando não funciona”. É a sexta-feira dessa escola. Agora quem dita as regras parece que são os alunos.

Café Filosófico

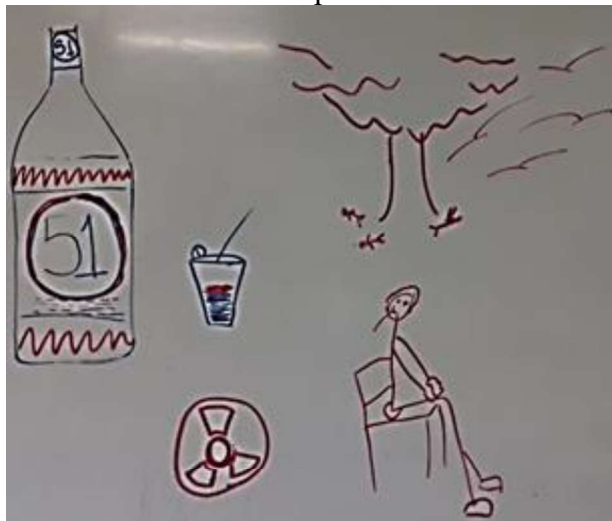
Buscamos o trabalho de Silva (2014) e verificamos que também é “natural” não ter aulas as sextas-feiras. A pesquisa foi realizada em outra cidade do interior do estado de São Paulo. Segue abaixo, um excerto da fala do professor James à Silva:

James: Por aqui também é natural não dar aula quando tem pouco aluno, deixar os alunos à toa na escola fazendo qualquer coisa. E numa situação dessas se você fala: Ah, quatro alunos, beleza! Peguem o caderno e... Aí vêm os alunos e falam: Mas, como assim, o senhor vai dar aula hoje? Só tem quatro alunos? E a situação ficaria mais complicada se eu tivesse marcado uma prova pra hoje, os próprios professores reprovariam esse tipo de comportamento dizendo: Nossa! Porque você vai marcar prova numa semana que não é nem pros alunos virem na escola? Infelizmente o que eu tenho para dizer é que a maioria dos professores afirma que escola boa é escola sem aluno. Também é natural não ter aluno na sexta-feira. A impressão que tenho é que quando chega à sexta-feira os professores não aguentam mais nada e não veem a hora de ir embora da escola. (SILVA, 2014, p. 84)

⁴⁶ Grifos nossos.

Na primeira sexta-feira de novembro havia apenas sete alunos presentes e três deles realizaram o seguinte desenho na lousa. Três alunos pediram autorização para a professora para utilizar as canetas e a lousa. A professora liberou. Levantamos uma consideração: foi a única vez que observamos os alunos desenhando na lousa. Segue abaixo a conversa dos alunos:

Figura 48 – Desenho realizado por três alunos numa sexta-feira



Fonte: Elaborado por três alunos da classe (2015)

Dona, essa 51 é boa, mas não pode sempre, né! Por isso colocamos esse símbolo ao lado. A gente sempre fica sentado nas aulas, né, pelo menos é o que nos pedem né. Eu não gosto muito não, por isso, quando pode, eu ando pela sala.

*É bom assim: **debaixo de uma árvore e olhando os passarinhos com sombra e bebida fresca.**⁴⁷*

É "nóis", né, dona! Assim que é bom!

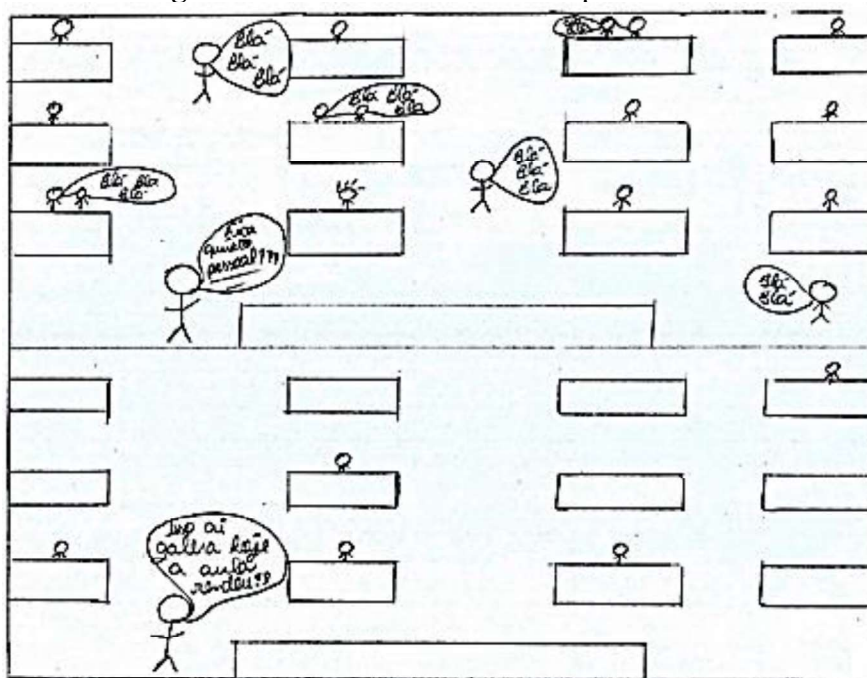
Eles comentaram que não queriam habitar o território sala de aula e, naquele momento, a professora estava olhando os cadernos dos alunos e atribuindo uma nota, ou seja, fazendo o que a outra professora disse: “colocar a caderneta em ordem”.

Roberta também comentou a respeito da diferença nas aulas de segunda à quinta-feira e de sexta-feira:

⁴⁷ Grifos nossos.

Aula de segunda à quinta tem muita gente, todo mundo falando, uma bagunça aqui, né! Tem gente de pé conversando e o professor pedindo pra ficar quieto. Na sexta-feira, tem pouca gente e a professora falando que a aula rendeu, ouço, principalmente da professora de Matemática.

Figura 49 – Sexta-feira na escola para Roberta



Fonte: Elaborada pela Roberta (2015)

Roberta desenha uma sala de aula toda organizada em matriz, com linhas e colunas. A escola fez, então, uma matriz com habitantes específicos, em que a distribuição dos indivíduos, segundo o que Foucault (2013) diz abaixo, serve ao poder disciplinar e é tudo que deve ser feito para que o poder disciplinar funcione.

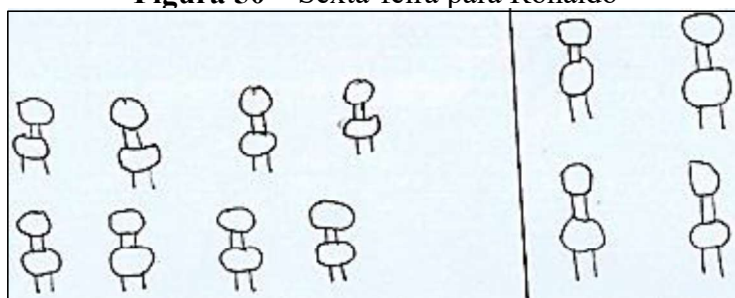
Café Filosófico

A disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço. Para isso, utiliza diversas técnicas.

- 1) A disciplina às vezes exige *a cerca*, a especificação de um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo. Local protegido da monotonia disciplinar. [...]
- 2) [...] cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, tem um indivíduo. [...] O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quanto corpos ou elementos hão de a repartir. [...] Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar. A disciplina organiza um espaço [...]
- 3) [...] Lugares determinados se definem para satisfazer não só à necessidade de vigiar, de romper as comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil. [...]
- 4) [...] A disciplina, arte de dispor em fila, é a técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações (FOUCAULT, 2013, p. 137-141).

Ronaldo estava pouco tempo estudando nesta escola, veio de Minas Gerais, e, para ele, às sextas-feiras, a professora conseguia ir de mesa em mesa auxiliando quem tinha dúvida na disciplina de Matemática:

Figura 50 – Sexta-feira para Ronaldo



Fonte: Elaborado pelo Ronaldo (2015)

Nas sextas-feiras, as aulas são sempre vazias. Acho que pelas pessoas mesmo, que sei lá, pela zoeira de que sexta-feira não é dia de vir para a escola. Alguns pensam assim. Eu não penso. Para mim é bem melhor de sexta-feira, bem melhor, porque a sala fica com bem menos alunos e aí dá para aula ficar bem mais, sei lá, dá pra entender melhor, aprender melhor, dá pra professora tirar a dúvida de cada um, de mesa em mesa.

O mês de novembro não teria prova conforme relatado pela professora, mas as duas primeiras semanas do mês foram suficientes para a professora finalizar a matéria, olhar os cadernos de todos os alunos e aplicar uma prova. Para a professora, a verificação dos cadernos

na sexta-feira, com poucos alunos, facilitaria para a próxima semana, pois ela não poderia começar uma matéria nova, então:

*É melhor assim, olhar o caderno de alguns agora e na segunda-feira olho o caderno dos restantes que faltam. Dessa forma me ajuda e muito. **Como tem poucos alunos, não posso começar matéria nova, então faço isso**⁴⁸.*

Alguns alunos estavam conversando enquanto a professora ainda colocava a caderneta em ordem, era final do terceiro bimestre. Segue a conversa:

Aqui nessa escola, o ensino não é bom, isso aqui é... não é que o ensino não seja bom, eles pegam muito no pé, só isso que é bom.

*Ah, mas é muito fácil!
Bom pra você aprender e ruim pra quem não quer.*

*O nível aqui, o ensino é muito fraco, muito fraco, muito fácil, muito fácil!
Mano, as matérias aqui...*

Não é bom o ensino!

Você tinha que ver lá em Minas, você acha que é apostilinha assim, lá é um livro de 300 páginas cada matéria. É assim que aprende.

Aqui o que é bom é a coordenadora, só. Isso aqui, quando não tinha a coordenadora, era muito pior a escola.

Mas é assim que aprende.

Se fosse um povo mais humilde, assim, que não pegasse muito no pé, eu ficaria de boa, só peguei raiva por causa disso, o povo aqui é muito ignorante. Eu não posso sair e ficar no pátio, aí é suspensão! Porque eu não posso, aí eu vou expulso! Se peitar a coordenadora, eu vou expulso! Se falar com ela mais alto, ela vai querer me expulsar já!

"Nóis" faz uma coisinha e já quer chamar a mãe! Já quer expulsar! Tem um moleque aí que solta bomba e não fazem nada com ele, só porque ele tem um probleminha na casa dele. Problema todo mundo tem. Aí eu vou

⁴⁸ Grifos nossos.

correndo e ela: "Vou mudar você de escola!" Não sei que tem... "Vou expulsar você!" Esse cara faz um tempo que está aí e não acontece nada com ele.

Ela faz isso para querer irritar.

Aí, dona, fala as notas já.

Quantos minutinhos nós ainda temos? - Diz a professora.⁴⁹

Quatorze minutos.

Ah, sim! Não dá para começar a passar matéria! Vou terminar de fechar as notas.

Os alunos estavam apreensivos para saber a nota do terceiro bimestre. Em uma conversa com a Ariel e Nala na mesma aula, enquanto a professora ainda não tinha terminado de fechar as notas, o assunto foi a respeito de como elas fazem para aprender Matemática, a primeira que começou a falar foi a Nala, seguida pela Ariel:

*Eu só aprendo Matemática, ela entra na minha cabeça, a professora passa e eu guardo o jeito de fazer. Eu nem estudo em casa! **Eu sempre aprendi Matemática muito fácil, independentemente de professor**⁵⁰. Existe professora mais rápida, professora mais devagar e **eu só pego o jeito de resolver o exercício**⁵¹. E eu chegava na professora e pedia explicação.*

Eu não gostava da professora de Matemática do ano passado, não. Ela não explicava para todos. Só para os que sentavam na frente.

Matemática é uma das matérias que mais entram na minha cabeça.

Matemática é uma das matérias mais óbvias que existe. É só decorar⁵². Física tem aqueles exercícios que não são óbvios. Matemática é aquilo, o exercício que foi passado, é daquela forma, por isso é óbvio o que vai cair na prova.

Mas a Matemática é mais números, é mais do que a gente vê. Eu acho linda.

⁴⁹ Grifos nossos.

⁵⁰ Grifos nossos.

⁵¹ Grifos nossos.

⁵² Grifos nossos.

Se eu prestar atenção na explicação em sala de aula, na primeira ou segunda explicação da professora, eu vou bem [na prova]. Entendeu, mas, às vezes, a gente se ajuda também. Se ela entendeu, ela me explica, se eu entendi, eu explico.

Passar a cola, também, é a B ou é a C. É assim, a nossa cola, sabe.

A gente sabe fazer, mas é só para conferir os resultados.

*É assim que a gente cola. Eu gosto de ensinar, eu gosto, mas o povo dessa sala é muito criança. A minha irmã, quando tinha quatro anos e na creche a professora ainda não havia ensinado a ler, eu fui lá e a ensinei a ler e escrever. Hoje ela sabe ler e escrever, **porque ela quis que eu a ensinasse, então vai muito da pessoa querer aprender**⁵³, porque gosto de pessoas que se interessam a querer aprender. Aqui é assim: você vai querer comigo ou com a professora? Eu ainda não me decidi que faculdade eu vou querer fazer, dona. **Eu não vou querer ser professora, porque eu não gosto de fazer as pessoas ficarem decorando, sabe. Eu não suporto isso. E aqui, todos os professores fazem isso.**⁵⁴*

Café Filosófico

Se o educador é aquele que sabe, se os alunos são os que não sabem nada, cabe ao primeiro dar, entregar, transmitir, transferir seu saber aos segundos. E este saber não é mais aquele da “experiência vivida”, mas sim o da experiência narrada ou transmitida.

Não é de surpreender, então que, nesta visão “bancária” da educação, os homens sejam considerados como seres destinados a se adaptar, a se ajustar. Quanto mais os alunos se empenham em arquivar os “depósitos” que lhes são entregues, tanto menos eles desenvolvem em si a consciência crítica que lhes permitiria inserir-se no mundo como agentes de sua transformação, como sujeitos. Quanto mais se lhes impõe a passividade, tanto mais, de maneira primária, ao invés de transformar o mundo, eles tendem a se adaptar à realidade fragmentada contida nos “depósitos” recebidos (FREIRE, HARPER, *et al.*, 1985, p. 99).

Educação bancária se relaciona muito com que as alunas Nala e a Ariel comentaram. A Matemática, para essa classe, foi somente decorar fórmulas, ter caderno em ordem para passar de ano. Os alunos copiaram da lousa para o caderno, copiaram da apostila para o caderno, refizeram o mesmo exercício que estava no caderno numa folha separada. Os alunos são

⁵³ Grifos nossos.

⁵⁴ Grifos nossos.

atarefados com tantas cópias, só gastam tinta e papel, aprendem a ser ordeiros, a fazerem o que mandam e assim passar de ano, mas isso está longe de os alunos aprenderem Matemática.

Figura 51 – Como alguns alunos são devolvidos aos pais



Fonte: (FREIRE , HARPER, *et al.*, 1985, p. 99).

Os alunos decoram fórmulas e não é somente decorar fórmulas, mas decoram a sequência operacional das mesmas, sem saber o porquê e para que servem; simplesmente decoraram o passo a passo, da execução das fórmulas. Eles decoram os exercícios que a professora diz, antecipadamente, que cairão na prova, sabem a mecanização de como resolver determinados exercícios, o que cada exercício pede com suas variáveis ou incógnitas. O aluno memoriza cada detalhe daquele exercício, cada etapa do exercício que ele já conhece, que ele já fez em sala, que ele já conhece a dinâmica, logo esse aluno vai tirar 10 e ganhar bombons da professora.

Isso é qualquer coisa, menos Matemática, pois os alunos saem da escola cheios, com a cabeça, corpo, braços, pernas, tudo saturado de tantas informações que eles devem fazer e seguir, mas isso, não é, nem de longe, Matemática. E aprender Matemática passa longe.

Café Filosófico

Pode até haver métodos para ensinar (eles pelo menos servem para tranquilizar as consciências perturbadas dos professores), mas não há métodos para aprender. O método é uma máquina de controle, mas a aprendizagem está para além de qualquer controle; a aprendizagem escapa, sempre. (GALLO, 2016, p. 84-85).

A conversa entre Nala e a Ariel aconteceu na sala de aula enquanto a professora ainda realizava o fechamento das notas. Depois, como a aula já estava no final e faltavam alguns minutos para o término, a professora passou um exercício na lousa para a turma e a sala ficou em silêncio para poder copiar, mas esse silêncio durou pouco tempo.

Café Filosófico

Um excerto do filme “Mudança de hábito 2 – Mais loucuras no convento⁵⁵”, lançado em 1993 nos Estados Unidos se assemelha com essa classe do interior do estado de São Paulo, no ano de 2015. Observamos que nada mudou, quer dizer, atualmente não é preciso frequentar as aulas para poder ter nota e passar de ano:

Tudo o que temos que fazer é comparecer as aulas – diz uma aluna.

Então vocês vêm à aula, não fazem nada e passam? – diz a professora.

Não, não exatamente nada, nós nos divertimos também. – responde a aluna (Mudança de hábito 2 - Mais confusões no convento, 1993).

Perguntamos ao Ronaldo se ele precisava de ajuda e ele respondeu o seguinte:

Não dona, essa matéria é mó fácil. Química é mais difícil.

A professora chega ao fundo da sala e pergunta para os alunos que estavam conversando sobre balas e o número que calçam:

Vocês já fizeram os exercícios?

Não dona, mas nós vamos fazer. Calma.

E, de repente, bateu o sinal, os alunos guardaram o material e saíram da sala para o recreio. Terminou mais uma aula de Matemática. É possível observar nessa aula, que a aula de Matemática não aconteceu, que os alunos queriam estar em outro lugar, menos nesse território, que Nala aprendeu que decorar vai fazê-la tirar uma nota boa.

Mostramos abaixo uma conversa da professora com um aluno, que aconteceu numa segunda-feira do mês de setembro. Ela começou a aula passando exercícios na lousa e após a

⁵⁵ “Mudança de hábito 2 – Mais loucuras no convento” é um filme americano lançado em 1993, sob direção de Bill Duke.

lousa estar cheia de exercícios e os alunos copiando a matéria da lousa, a professora começou a fazer chamada, quando notou a falta de um aluno, porém ele tinha “aparecido” na sexta-feira anterior. Ela disse o seguinte a respeito desse episódio:

Um aluno nunca aparece durante a semana e chega na sexta-feira, ele vem! Isso não é legal, né, gente!

Não faz diferença ele aparecer ou não! Ele nunca faz nada mesmo, nunca copia a matéria!

É, dona, ele só vem para bagunçar e comer a comida da escola. Não faz diferença mesmo!

Esse aluno tinha acabado de ser remanejado de outra turma para o segundo ano B, pois havia brigado com a professora de Matemática e, segundo a coordenadora, era mais uma chance que ele estava tendo, mas que não poderia vacilar.

Numa das conversas com a professora, surgiu o assunto a respeito do aprender dos alunos e ela nos contou que:

*Eu me preocupo com a aprendizagem dos meus alunos, ainda que pareça ridícula, porque a educação anda muito no faz de conta. Nesses 20 anos, eu posso afirmar isso para você, é muito diferente de antes: a gente tinha o compromisso de ensinar mesmo e o aluno tinha o super compromisso de aprender. **Mudou bastante. Eu sinto que não tem muito comprometimento do aluno com a gente, de aprender. Ele não tem sede de aprender e o professor não pode assumir toda a responsabilidade de dar essa sede para ele, porque nós não conseguimos, só o professor, dar a sede para eles, nem os pais conseguem dar a sede para eles!**⁵⁶*

Por falar em sede de aprender, nos deparamos com a festa junina da escola, que aconteceu na última sexta-feira do mês de junho. A festa junina é tradição na escola, pois acontece há vários anos. Conversamos com alguns alunos semanas antes, que caso precisassem de ajuda, estávamos à disposição deles para ajudá-los, pois geralmente alguns alunos apresentam algo na festa. A resposta veio imediata:

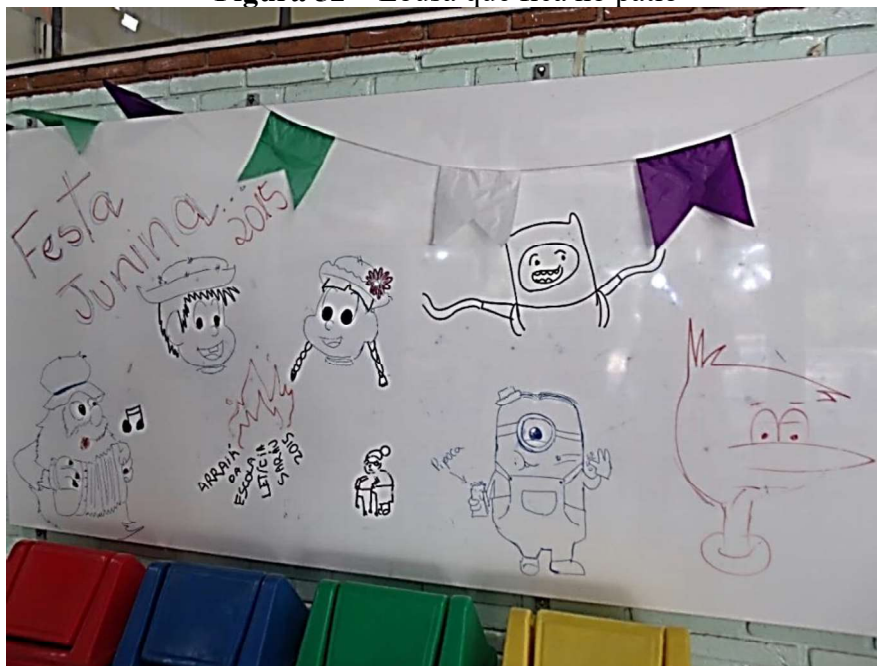
⁵⁶ Grifos nossos.

Não estamos preparando nada e nem adianta você vir porque não terá ninguém da nossa turma nessa festa. Já estamos avisando você antecipadamente pra não vir.

É dona, não vem não hein. Não vamos participar. Eles não ajudam ninguém, então também não vamos ajudar a festa ficar bonita.

Mesmo assim, fomos na sexta-feira e, realmente, não apareceu nenhum aluno dessa classe, mas apareceram alunos de outras salas, que apresentaram algumas atividades. Alguns alunos participam da festa desde os Anos Finais do Ensino Fundamental, como, por exemplo, os alunos do primeiro ano do Ensino Médio, que apresentaram um coral com teclado, guitarra e violão. A tradicional quadrilha também aconteceu com alunos de diversas classes e a coordenadora participou.

Figura 52 – Lousa que fica no pátio



Fonte: Acervo pessoal (2015)

No pátio da escola ficava essa lousa que servia para os avisos das festas comemorativas que ocorriam durante o ano letivo, a Festa Junina foi uma delas. Cada aluno recebeu uma ficha para pegar um *kit* de lanche. Nesse dia não teve comida como de costume, mas doces e salgadinhos típicos de festa junina e também um copo de suco. A própria diretora comprou os produtos durante a semana e os professores e funcionários ajudaram na montagem dos *kits*.

Numa sexta-feira de agosto, todos os alunos faltaram. Perguntamos na segunda-feira da semana seguinte o motivo de todos faltarem, se eles se comunicavam entre si para que isso acontecesse e a resposta também veio imediata:

Dona, a gente fala que vai faltar e falta. Um passa para o outro, mas a dona não acha isso ruim, assim, não precisa trabalhar! É melhor, né?

O signo “sexta-feira não tem aula” significa que o professor não precisa trabalhar, mas o dinheiro ele vai receber e a aula vai ser computada como dada, segundo o calendário letivo. Nas aulas de Matemática foram utilizados lápis, caneta, caderno, lousa e vídeos para os alunos copiarem as questões e ouvirem a explicação.

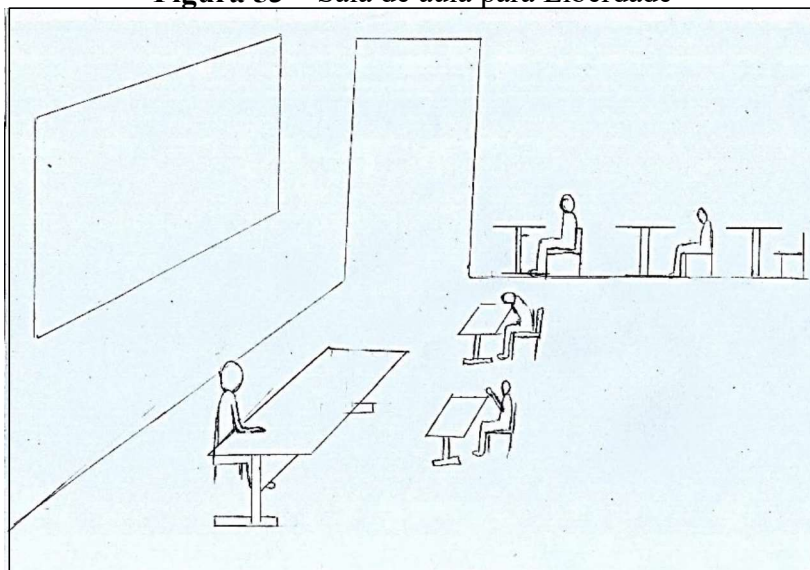
Movimento do mapa de sala de aula

Café Filosófico

Determinando lugares individuais tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos (FOUCAULT, 2013, p. 142).

Começamos com o desenho de Liberdade que mostra como é a sala de aula de Matemática:

Ah, acho que não vai sair um desenho! Ainda bem que não precisa pintar! Hum, acho que já está bom, né! Há alguns desinteressados outros prestando atenção. Esse tá quase dormindo, esse dormindo, esse tá perguntando. Opa! Esqueci! Ah, vou pôr a professora sentada, é mais fácil! Quando começa a aula, os outros dormem. Eu acho que é assim. Essa é a professora.

Figura 53 – Sala de aula para Liberdade

Fonte: Elaborado pelo Liberdade (2015)

Podemos observar pelos desenhos apresentados até aqui e do desenho de Liberdade que a sala sempre estava posta em fileiras. Mas observamos algumas vezes os alunos pedindo para a professora para sentarem em grupos e, assim, “produzirem”, termo utilizado por ela quando pedia aos alunos para sentarem em duplas porque, assim, um explicaria para o outro. Não era sempre que ela liberava, mas um dia ela liberou que os alunos sentassem juntos e ficou a critério deles a formação dos grupos, ela apenas pediu para que os grupos tivessem a mesma quantidade de alunos. A formação dos grupos foi para resolverem alguns exercícios. Não demorou muito, ela pediu para um aluno parar de cantar:

Leonardo, para de me trazer problemas, vou separar você. A professora não gosta disso e você sabe.

Quando a maioria dos grupos terminou de resolver, ela pediu que se separassem, pois era o momento da explicação dela.

Galera, vamos olhar aqui na lousa um pouquinho. Vou passar a correção. Vamos lá! Galera, então vamos ver a resposta aqui. Maurício, vamos prestar atenção.

Ela chamou a atenção de vários alunos que não se separaram e pediu diversas vezes para os mesmos sentarem nos lugares demarcados pelo mapa de sala, pois o momento era da explicação. Numa conversa com a professora a respeito do “momento da explicação”, ela disse o seguinte:

*Olho se eles estão olhando para mim fixamente, não gosto que olhe nem para os lados. Eu acho que o momento é de olhar inteiramente para mim, mesmo **que esteja fazendo de conta que está me ouvindo. Naquele momento, ele tem até que me dar o respeito de fazer de conta que está me ouvindo, se necessário**⁵⁷. E depois tem momentos que eu acho riquíssimo é quando um aluno que captou mais rapidamente o conteúdo, que é natural as diferenças, senta com outro para ajudar, porque ele aprende muito ajudando e o outro fica também muito favorecido. Nesse momento, eles sentam juntos. Nesse momento, eu vou organizando as duplas, eu mesma peço auxílio de um aluno mais espertinho. É muito rico este momento, ele tem que existir, então, cada momento é uma forma de organização. Se eu percebo que eles aprenderam bem, eu uso menos aluno ajudando aluno, quando eu vejo que eles estão com dificuldades, vai muitas aulas. Eles mesmos vão definindo como deve ser.*

A escola é secular, muda a época, mas ela continua igual. De um lado isso é bom, porque ela vai continuar do jeito que está; do outro é ruim, porque ela já está dessa forma há muito tempo e o mapa de sala de aula é um grande exemplo, pois existe há vários anos. Para alguns indivíduos isso pode parecer **NORMAL**, pois existe há tanto tempo que acabaram se acostumando, **mas não é NORMAL, não pode ser considerado NORMAL.**

Café Filosófico

as disciplinas têm o seu discurso. Elas são criadoras de aparelhos de saber e de múltiplos domínios de conhecimento. [...]. As disciplinas são portadoras de um discurso que não pode ser o do direito; o discurso da disciplina é alheio ao da lei e da regra enquanto efeito da vontade soberana. As disciplinas veicularão um discurso que é o da regra, não da regra jurídica derivada da soberania, **mas o da regra ‘natural’, quer dizer, da norma; definirão um código que não será o da lei, mas o da normalização** (FOUCAULT, 2015, p. 293, grifos nossos).

Na época em que eu era aluna dessa escola, o mapa já existia e deveria ser seguido à risca. Não era somente nessa escola que ele existia, estudei em outras escolas que também utilizavam o mapa como forma de organizar e separar alunos que tinham algum tipo de amizade. E assim ainda funciona atualmente. Nessa classe, era obrigatório que os alunos sentassem no mapa de sala, todos os dias, caso contrário, a sala da coordenação estava com a porta aberta para receber quem desobedecesse, quem descumprisse a norma imposta. A professora da turma pedia aos alunos que sentassem no mapa, mas ela também pedia para que sentassem em duplas

⁵⁷ Grifos nossos.

ou trios para um ajudar o outro nos exercícios, quer dizer, quem fazia o trabalho pesado de aprender era o colega.

A Silvia gosta do mapa de sala de aula, mas ela acha que não deveria ter para os alunos do Ensino Médio:

Eu acho bom ter o mapa⁵⁸, porque eu reparei nos alunos da minha sala, quando tem uma oportunidade eles não aproveitam, eles pisam muito em cima, sabe, tipo, não sabe aproveitar, eles acabam abusando [da liberdade de sentar em dupla ou grupo], por isso não vai dar certo. Você tenta ajudar a pessoa e a pessoa não colabora, iria virar uma anarquia, apesar que pro colegial, obviamente não deveria existir⁵⁹ [o mapa]. No começo do ano nem tinha, no começo deste ano tentaram tirar, mas não deu muito certo não. Aí, virou isso!

A sala tinha uma pasta que continha: uma lista dos nomes dos alunos; uma folha impressa semanalmente pela coordenadora para anotar os números dos alunos que faltaram ou para anotar o número dos alunos presentes, caso esse fosse menor que dos alunos ausentes, e também anotava o nome dos alunos que precisassem sair mais cedo ou que precisassem se ausentar naquela semana por algum motivo; e também uma folha com o mapa de sala de aula para que todos os professores, mesmo os eventuais, pudessem ter acesso e cumprissem a norma estabelecida. Segue abaixo uma fotografia do mapa da sala de aula do segundo ano B do Ensino Médio do ano de 2015:

⁵⁸ Grifos nossos.

⁵⁹ Grifos nossos.

Figura 54 – Mapa de sala de aula



Fonte: Acervo pessoal (2015)

A sala de aula evolui de uma matriz simples para uma matriz com habitantes específicos com nomes em cada carteira, em cada lugar. Antigamente a sala era montada como matriz para o professor controlar melhor os alunos, porém, atualmente vai muito além: habitantes específicos em cada lugar. Se um aluno conversa demais, é colocado separado dos demais num canto da sala, um tipo de punição sem dizer claramente que é punição.

E o mapa da sala eu acho que não precisava também, mas tem também aquele aluno que não ajuda, senta em algum lugar e não cala a boca e fica enchendo o saco. Aí eu acho que deveria existir o mapa, mas eu queria sentar em outro lugar.

Na opinião de Orquídea, o mapa não deveria ser obrigatório, para que os alunos pudessem sentar perto de quem tem mais afinidade para conversar.

Movimento do uniforme escolar

Café Filosófico

Desde o início da escolarização no Brasil, o uniforme escolar tinha o mesmo sentido que tinha o uniforme para o presidiário e para o interno no manicômio: servia para identificar o aluno e saber se ele estava fazendo algo de errado ou não (TUCHAPESK, 2004, p. 227).

Esse movimento emergiu para mostrar que a utilização do uniforme é obrigatória e, todos os dias, a professora da sala, ou a coordenadora, ou a funcionária Margarida, realizavam a vistoria para verificar se os alunos estavam utilizando ou não o uniforme. Até para levantar a blusa de frio era pedido aos alunos.

Roberta gosta de usar uniforme:

Eu gosto do uniforme, porque você não vem com qualquer roupa e nem com roupa muito curta, eu gosto.

Café Filosófico

A função que o uniforme tem hoje é muito mais “econômica” e de “proteção” ao aluno do que era há cinquenta anos atrás, de vigilância sobre os estudantes (TUCHAPESK, 2004, p. 229, grifos da autora).

Um dia que a coordenadora entrou na sala, pois a professora da turma não tinha aparecido para dar aula. Segue a conversa entre a coordenadora e alguns alunos:

Por que você está sem uniforme?

Porque tava sujo.

Tem um só?

Tenho três, mas aí minha mãe não teve tempo de lavar.

Você não tem vergonha na cara! Você tem três e não lavou nenhum. Vou anotar no seu prontuário e vou ligar para a sua mãe.

Mas eu estou com blusa branca! Só está sem o nome da escola.

Não, isso é uma blusinha, não é uma camiseta.

Não! É sim, oh!

Até parece que você não me conhece!

Essa é a blusa que eu tenho em casa.

Blusinha não pode, viu! Blusinha não pode! Toda segunda-feira, ela [a professora] não vem na primeira aula, né, gente? Qual o outro dia que ela não vem? É só na primeira aula?

Sexta-feira.

Então, são dois dias que ela não consegue vir na primeira aula, mas é o dia que você [a pesquisadora] está aqui, né?

Respondemos que sim e ela saiu da sala. Nessa aula, ela não apareceu e em algumas outras também não, mas não eramos avisado antecipadamente de sua ausência. Um dia, a professora se desculpou dizendo que ela precisava levar seu filho na escola e a aula dele começava mais tarde que a nossa.

Em relação a utilização do uniforme, a Silvia disse que preferiria que fosse na cor preta, e não na cor branca como é utilizado pela escola.

Gosto do uniforme, mas eu não gosto do uniforme branco. Isso mata! Eu gostava do uniforme de uma outra escola, que era preto, nunca estudei lá, mas eu vi.

Na semana anterior à situação exposta acima, também segunda-feira, a professora ligou na escola e disse a coordenadora que não poderia comparecer na primeira aula, mas que viria para a segunda aula. Quando recebemos o aviso já havia passado mais da metade da aula. O professor auxiliar pegou um exercício no livro didático que estava dentro do armário e passou na lousa para eles copiarem.

Ronaldo gosta do uniforme, mas disse que não deveria ser obrigatório:

Gosto do uniforme, mas obrigatório também não, aí também não, né. Ah, não sei! Acho que não deveria ser tão exigente assim, né, sei lá! Lá em Minas, tipo, tinha que ir de uniforme, mas se não dava pra ir um dia tipo, não tem problema, sabe, um dia assim, entendeu. Aqui eu acho que a exigência da Ariane é maior, né, acho que é só aqui nesta escola né, que é assim.

Numa outra aula, ouvimos a voz da coordenadora pedindo o seguinte para uma aluna:

Por favor, guarda a bolsa debaixo da carteira! Bom dia, gente!

Bom dia!

Cadê o uniforme?

Está debaixo da blusa, dona.

Mostra! Por que você chegou atrasado ontem?

Porque eu perdi hora, dona.

Precisa acordar mais cedo, coloca o despertador. Aonde você mora?

No Vale do Sol.

Que escola tem no Vale do Sol? Arruma esta carteira. Obrigada, gente! Tchau!

A professora estava realizando a chamada antes da coordenadora entrar, depois que a coordenadora saiu, ela parou e começou a passar exercícios na lousa, porque os alunos estavam conversando a respeito de escolas que tinham naquele bairro citado pelo aluno e disseram que foi uma ameaça de transferi-lo.

Ela quer expulsar você [risos].

Depois, a professora chamou a atenção para eles “acelerarem”:

*Meninos, olha! Oh, meninos, por favor, oh! Acelerem porque eu vou querer **ver a cópia desses exercícios**⁶⁰ no caderno e essa lousa não dá para passar muito e eu vou ter que apagar. Então, vamos acelerar. **Quando a gente copia quietinho, a gente já está memorizando. Quando você copia conversando, é tão momentâneo que só o caderno recebe a informação. Então, vamos copiar quietinho. Vamos lá**⁶¹.*

Na opinião de Orquídea, o uniforme só poderia ser obrigatório, caso a escola o fornecesse, mas não é assim que funciona. Os alunos devem comprar o seu uniforme e utilizar todos os dias. Na frente da secretaria tem uma lousa onde os profissionais colocam folhas com preços e locais de venda. Segue a fala de Orquídea:

O uniforme não deveria ser obrigatório, porque a escola não dá! Se a escola desse, eu acho que seria obrigatório.

O uniforme escolar é importante de ser utilizado, pois é uma proteção ao aluno e à escola.

Café Filosófico

aponto ser uma tendência de conservação que se inverteu, visto que, hoje, não é a escola que exige o uniforme, é a família que o quer para a segurança do filho (e a escola para a segurança do aluno). Ambas preocupadas em identificar uma pessoa externa ao âmbito escolar (TUCHAPESK, 2004, p. 229).

Num outro dia, a coordenadora pediu licença para olhar o uniforme, mas não foi isso que nos chamou a atenção, foi a insurreição de um aluno de sair mais cedo que o “combinado”, pois eles devem sair exatamente no horário, seja para o recreio ou seja para ir embora, não pode andar no pátio fora desses horários, pois eles são vigiados por todos os lados:

Dá licença, viu, professora, vou olhar o uniforme. Pessoal, lembra o site que vocês olham as notas de vocês e que estava fora do ar, então, o problema é no site mesmo. Agora, as notas estão corretas, ontem o site voltou ao normal, então, quem quiser olhar novamente, a nota que está agora, é a nota correta. Tinha aluno péssimo com tudo dez, tinha aluno bom com nota

⁶⁰ Grifos nossos.

⁶¹ Grifos nossos.

vermelha e com excesso de falta. Agora está certo o site, o site é "boletim escolar digital", é só jogar no Google que vai aparecer. **Oh! Eu vou ligar pro seu pai e avisá-lo que você está saindo das aulas sem permissão e a próxima vez que você fizer isso é suspensão direto. É sempre faltando dez minutos para dar o sinal, não é. Ontem era diarreia que você tinha?**⁶² Você ia a algum lugar? Manda quem pode, obedece quem tem juízo. Não é professora? **Manda quem pode e obedece quem tem juízo**⁶³. Obrigada, professora.

A professora, em seguida, pediu silêncio:

Galera! Galerinha, mal comportamento eu não vou aguentar! Tenho que chamar a coordenadora? Guilherme, senta, certo. Luís... Renato, vamos, senta!

A Nala disse o seguinte em relação ao uniforme:

Acho que dar escolha pro aluno, dele querer usar ou não.

Num outro dia, a professora foi quem olhou o uniforme.

Galerinha, vamos lá. Bom dia! Estão no mapa, galerinha? Além do mapa, vocês estão todos de uniforme? Mapa e camiseta! Vamos lá, por favor? Vamos, pessoal, sentem no mapa. Cadê o uniforme? Ah! Debaixo da outra camiseta, legal, né! Vai sentir calor assim! Galerinha, mapa e camiseta, vamos. Tudo certinho, turma. Meninos, então vamos começar a aula. Bom dia, para quem não ouviu ainda. Galerinha, vamos combinar aqui, não vai ter provão esse bimestre, porque não temos impressora, então vou passar um trabalhinho para vocês fazerem e me entregarem⁶⁴.

Ela disse que não teria prova por falta de tinta na impressora, mas aplicou a prova mesmo assim. Os alunos copiaram da lousa e entregaram numa folha de caderno.

Opinião de Ariel em relação ao uniforme:

O uniforme que eu também não vejo necessidade, acho que é uma coisa desnecessária, mas todo mundo usa, né, não é só aqui. Acho que não vai causar alguma coisa vir sem o uniforme. Acho que não tem muita diferença.

⁶² Grifos nossos.

⁶³ Grifos nossos.

⁶⁴ Grifos nossos.

Lógico, sim, você tem que impor de não vim com uma roupa curta, uma roupa que não mostra o que não deve mostrar. Mas, tipo, eu vir com uma blusa azul, por exemplo, eu não vejo problema nenhum, acho que é mais questão de conversar. Mas acho que também é uma regra de todo o lugar, né, e aí a escola acaba adotando por isso.

Numa outra aula, logo às sete horas da manhã, a coordenadora entrou na sala e pediu a uma aluna:

Guarda o fone de ouvido na bolsa, fazendo favor! Bom dia, gente!

Bom dia!

Cadê o uniforme?

Acordei tarde e peguei a primeira camiseta.

Então você tem que acordar mais cedo. Arruma essa carteira e senta direito. Obrigada, professora.

Como podemos observar o início de algumas aulas, o uniforme e o aluno sentado no mapa são cobrados diariamente e, se o aluno não fosse de uniforme, a coordenadora fazia algumas perguntas do porque estava sem. Era verificado todos os dias.

FAMÍLIA

O Liberdade

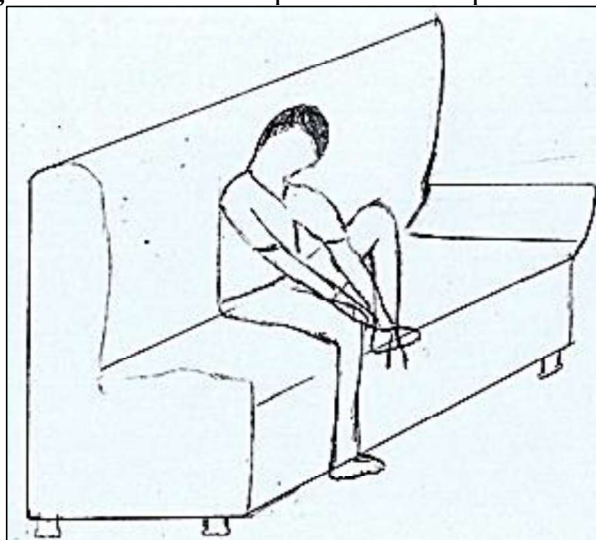
O Liberdade mora com os pais e com um irmão. A casa é própria e o pai é pastor. Ele falou da relação que tem com seus pais, pois para eles não precisam bater no filho para educar. Mas ele disse que apanhou algumas vezes:

Mas foram poucas vezes.

E a respeito da última vez que o Liberdade apanhou:

A última vez que eu apanhei foi porque eu tava amarrando meu tênis, coloquei o pé no sofá e meu tênis tava sujo, e ele falou: "Liberdade, tira o sapato, o pé do sofá!" Eu falei: "Peraí que eu tô terminando de amarrar!" E meu pai: "Liberdade, tira o pé do sofá!" E eu: "Peraí, pai, tô terminando..." E fui colocar o outro, na hora que eu coloquei ele "tá" na minha perna. Aí ficou aquela marcona, mas, tipo, em dez minutos saiu.

Figura 55 – Momento que Liberdade apanhou do pai



Fonte: Elaborado pelo Liberdade (2015)

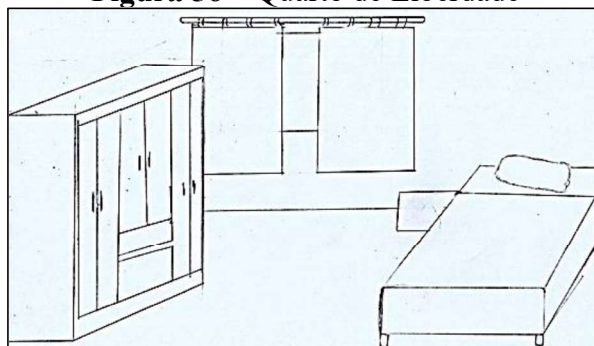
*Mora meu pai, minha mãe, eu e meu irmão. A casa é nossa, a minha casa é assim, não é uma casa grande e não é uma casa pequena. São três quartos, um quarto com suíte, uma sala, duas cozinhas, uma cozinha e sala de jantar, garagem, corredor, e um jardinzinho na frente, é isso. **Eu acho que meus pais ensinam o caminho que o homem deve andar, então, desde pequeno, eu já nasci na igreja, então eu não sei como é o***

mundo lá fora e não tenho vontade de conhecer⁶⁵. E eu acho que isso é legal assim. Eu vejo o exemplo dentro de casa, "meu", se eles brigarem, eles brigam sozinhos, eles não gritam um com o outro na nossa frente, nunca vi. Eu vi já eles brigando discutindo, sim, porque todo casal tem discussão, mas nunca vi os dois se pegando. Acho que o essencial, a família não é quando corrigir vai bater, vai espancar, quase deixar morto no chão, porque não vai adiantar nada, mas ensinar, falar não, esse aqui está errado, vem cá filho, senta aqui. E é isso que eles fazem, mostram o problema e mostram a solução. Acho que isso que é o legal. Mora eu, meu pai, minha mãe e meu irmão.

Ele tem mais um irmão, entretanto tem um quarto só para ele:

Uma cama, o guarda-roupa, o teclado musical, mas que não deu para desenhar aqui, uma janela e um banquinho, mas não costumo estudar em casa, só quando tem prova ou uma matéria difícil que eu não tenha entendido. Não costumo estudar com televisão ligada, porque no meu quarto não tem televisão, então na hora que eu vou estudar, quando eu estudo, eu entro no quarto e não mexo no celular, a internet do celular eu desligo também, porque, se chega mensagem, já viu.

Figura 56 – Quarto de Liberdade



Fonte: Elaborado pelo Liberdade (2015)

Eu revejo a matéria, leio de novo e tento fazer exercícios, os mesmos exercícios que foram feitos em sala de aula, eu copio eles novamente e refaço. Eu gosto de Matemática, gosto mais de Matemática do que de todas as matérias. Na Matemática, eu gosto mais de cálculo. Matemática eu gosto demais, demais, demais, acho que os professores também ajudam, né. Porque assim... Eu acho que se o aluno não tiver uma boa relação com o professor, a matéria pode ser a mais fácil possível, ele vai entender, só que não vai a intimidade, a intimidade de levantar a mão e perguntar entendeu, assim de chamar o professor, "Professor, vem cá me ajudar!" "O que que é isso?" "Volta um pouquinho para mim, não entendi a matéria." A Matemática... os professores, eles ajudam sabe. Todos os professores até

⁶⁵ Grifos nossos.

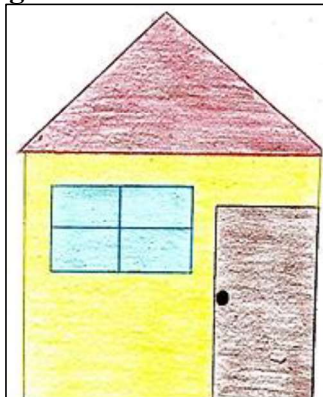
hoje de Matemática que eu tive foram professores rígidos, que pegavam no pé, mas sempre estavam ajudando, entendeu. Eu acho que foi isso que foi incentivando, português também, só que eu acho que a pessoa vai se identificando com o outro assim, e eu me identifiquei mais com a Matemática.

A Roberta

A Roberta tem mais seis irmãos, mas nenhum mora com ela, pois todos são bem mais velhos e casados. Ela tem sobrinhos e os mesmos estudam na creche que fica em frente à sua casa, assim, todos os dias, perto das cinco horas da tarde, ela pega as crianças na creche e cuida delas até suas irmãs buscá-las. A casa onde mora é alugada e a renda familiar vem do trabalho da mãe. Ela tem um quarto somente para ela. Ela tem que adequar os estudos com a limpeza da casa, antes da chegada das crianças. Segue abaixo.

Mora só eu e minha mãe, a casa é alugada e só ela trabalha. Tenho três irmãos por parte de mãe e três por parte de pai. Vejo meu pai todo dia, todo dia, mas não moro com ele. Minha mãe é doméstica e fica fora o dia inteiro, então eu lavo tudo pra ela. Eu arrumo tudo. Almoço não, porque eu chego e ela não tá em casa, então eu fico sozinha, eu fico sozinha o dia inteiro, todos os dias. Aí é só de tarde, lá pra cinco, seis horas que as minhas irmãs começam a chegar, minha mãe também, os meus sobrinhos. A escola é de frente à minha casa, aí eles vêm para minha casa. Aqui é o telhado, aqui tem uma janela e aqui é a porta. Não tem garagem, ela é aberta. Ela é amarela. Amarelinha, meio beginha. Ah! Eu gosto! Por mais que eu já tenha mudado, eu gosto, faz doze anos que moro aqui, eu tenho dezesseis anos. A janela é azul, pintada de azul.

Figura 57 – Casa da Roberta

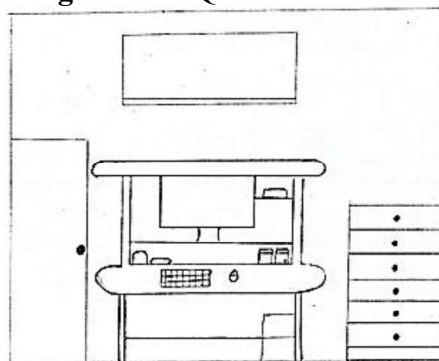


Fonte: Elaborada pela Roberta (2015)

O meu cantinho preferido da casa é meu quarto, onde não tem barulho, tem uma mesinha no meu quarto onde estudo. Eu peço ajuda para a

professora, caso eu tenha dúvida em Matemática. Eu não sei como faço para aprender Matemática, pra mim é tão fácil. A professora passa, eu já raciocínio rápido, já guardo, e aí eu vou fazendo, e vai.

Figura 58 – Quarto de Roberta

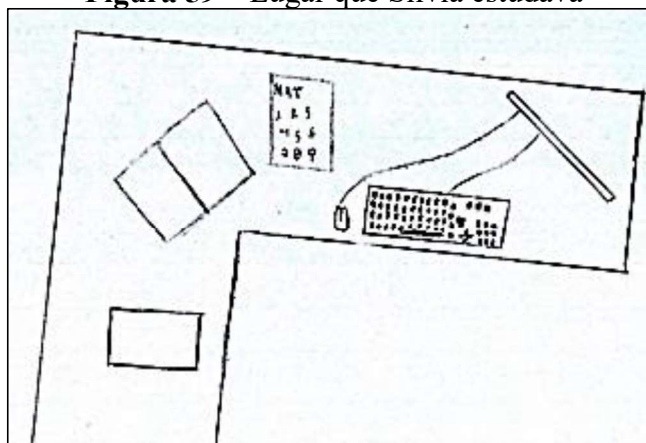


Fonte: Dados da pesquisa (2015)

A Silvia

A Silvia mora com a mãe e com o padrasto e tem um irmão mais novo por parte de pai, que não mora com ela. A casa que mora é própria e tem dois quartos, sendo que um fica para visita, quando ela recebe. A renda familiar vem somente do padrasto.

Costumo estudar em casa Matemática, não sei porque, mas eu gosto bastante de Matemática. A Matemática é futuro pra mim, porque a gente, a gente não consegue fazer nada nesta vida se a gente não souber Matemática, praticamente nosso dia a dia depende disso, a gente mexe toda hora com números, se for ver. Um exemplo é o dinheiro, se a gente não souber manusear bem o dinheiro a gente sai perdendo, pra isso você tem que somar pra ver quanto vai dar, se dá pra pagar ou não. Aí tudo vai ter Matemática. Eu estudo no escritório, onde tem computador. Eu assisto aulas no YouTube e isso facilita aprender Matemática, mas prefiro estudar Matemática na escola, porque dá pra você tirar dúvidas, dá pra você ter o contato com a professora. Sei lá, nas vezes que você tá lá vendo os vídeos é meio difícil, aí quando você tá lá com o professor você pode chegar nele, ele pode explicar melhor, pode repetir se você não entendeu, é muito mais fácil. E estudar no quarto eu não gosto muito, porque me dá sono.

Figura 59 – Lugar que Silvia estudava

Fonte: Elaborada pela Silvia (2015)

Nunca fiquei de recuperação, se ficar a minha mãe briga, briga, briga muito, ela é cheia de falar se acontecer alguma coisa eu vou apanhar dentro da sala de aula e eu não duvido muito, não. Ela bate! Antigamente ela batia, agora não bate mais, eu falo: "Ah, mãe, não vale mais a pena, não". Meu pai nunca relou a mão em mim, nunca, nunca, nunca, nunca, pra nada, nem no meu irmão. O método de ensino dele é deixar de castigo. Ele fazia assim, quando a gente era pequeno: se a gente aprontava, ele deixava eu num quarto, meu irmão no outro, ele falava: "Vocês vão ficar aí até eu mandar vocês sair!" e nós ficava sozinho, "Ai se eu descobrir que vocês saíram deste quarto!", aí nós ficava olhando pra parede. É que matava né, ele deixava, deixava, aí ele: "E agora?" Aí: "Pai, desculpa!" "Agora pode sair, então!" Mas relar a mão, meu pai nunca bateu não, mas minha mãe batia, tacava o chinelo, a cinta, onde dava ela tava tacando, e eu correndo, ela dá risada até hoje. Vixi, tem uma situação, na verdade foi quando eu era pequena, eu tinha acho que uns cinco anos, e meu primo tinha o costume de xingar a mãe dele, eu nunca xinguei a minha mãe, sabe, e ele fica chamando ela de vagabunda, vagabunda, eu vou fazer um teste né, que criança é fogo! Fui chamar minha mãe uma vez, e ela: "Que você falou?" Então tá, então! Não deu cinco minutos, ela virou a mão na minha boca e eu quebrei este dente. Cheguei lá na pia com a boca tudo sangrando, ela falou: "Da próxima você vai ver, eu vou quebrar um por um!" Aí eu nunca mais xinguei minha mãe na minha vida, mas também ficou pro resto da vida. Hum?! Tem... tem como desenhar porque ficou marcado viu, que nem, este dente depois que ela quebrou, nunca mais foi o mesmo, depois eu quebrei mais sete vezes ele, é comendo maçã, comendo milho, passando fio dental. Eu passei o fio dental, aí ele enroscou e eu puxei, no que eu puxei, ele caiu. Aí foi quebrando, caindo de boca no chão, daí em diante nunca mais parou. Graças a Deus eu não quebrei mais com nada não, mas foi um dia que marcou viu. E ela faz questão de contar isso pra todo mundo. Minha mãe é fogo! E como eu vou desenhar isso? Tinha um cabelinho cortadinho até no ombro na época, coisa de vó, minha mãe nunca gostou da franjinha aqui, e nem o cabelo repartido no meio né, mas a minha avó fazia questão. Toda vez que eu ia na casa dela, ela repartia meu cabelo ou

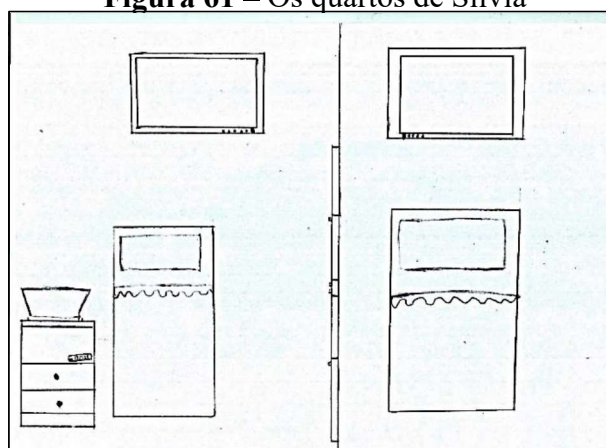
cortava franjinha, aí depois dos dez anos que eu fui colocar o cabelo de lado, também, de tanto a minha mãe falar.

Figura 60 – Momento que a mãe de Silvia quebra o dente dela



Fonte: Elaborada pela Silvia (2015)

A casa é da minha família, mora eu, minha mãe e meu padrasto e no momento só ele trabalha. Eu tenho dois quartos né, quando eu quero eu vou num, senão eu vou no outro. Não gosto muito de estudar no quarto, me dá sono. Você senta assim, vamos supor, eu tô sentada na cama, às vezes, eu tô com notebook, alguma coisa, aí começa me dá uma preguiça, eu começo a deitar, e eu começo a virar de lado, aí eu fecho o notebook coloco no canto e durmo. Não posso estudar no quarto. Nem na sala, nada. Tem que ser no escritório, porque não tem televisão, não tem nada para distrair, fica só a mesa, aí fica o computador e as coisas aqui, aí eu fico, aí dá para estudar, caso contrário, não. Um quarto é roxo, aquele lilás, e o outro é preto e branco. É porque tipo assim, eram três quartos e um escritório, aí ficava um quarto vazio, não tinha nada, né. Aí eu pedi um quartinho de lazer para a minha mãe, ela falou: "Pra você bagunçar nos dois?" "Ai, mãe, não custa nada!" Aí ela fez: colocou a cama, a escrivaninha, a televisão, tudo bonitinho. Aí tem o meu quarto, o meu é mais chique, e o outro é mais pra visita mesmo, mas eu gosto, fico mais no outro do que no meu. Graças a Deus eu tenho um quarto só pra mim, porque eu vejo meu irmão, eu fico um dia, dois dias com ele e já quero ir embora já.

Figura 61 – Os quartos de Silvia

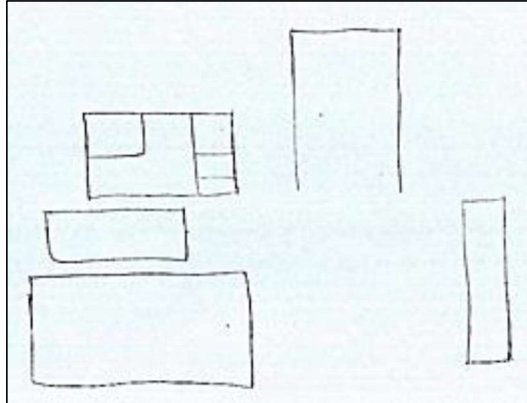
Fonte: Elaborada pela Silvia (2015)

Aqui é minha caminha, o quarto que eu fico, ele é azul escuro marinho uma parede, aquele cintilante, sou louca por azul! Minha mãe perguntou e falei: "Azul!" Ela falou: "Sério mesmo, filha?!" Eu falei: "Sério, mãe!" Eu amo azul! Aí é azul, onde tá a televisão mesmo, é azul escuro marinho cintilante, aqui é minha cama, o guarda roupa é branco e preto, o jogo de cama também é branco e preto, aí a minha escrivaninha, aí meu notebook e o controle da TV, só. Eu gosto do meu quartinho, é sossegado. Tenho o notebook e mais o computador no escritório. O computador eu uso mais pra estudar, o notebook é mais pro lazer mesmo.

A Orquídea

Orquídea mora com as irmãs gêmeas e com a mãe. Ela tem cinco irmãos, os outros não moram com ela, um das gêmeas quase não dorme em casa, porque fica na casa do namorado. A casa é herança de família da mãe dela. Lembrando que mostramos anteriormente uma fala dela a respeito do pai. Ela tem um quarto para ela, mas ela prefere dormir com a mãe, porque tem medo do escuro. Segue o que ela disse da família:

Eu durmo no quarto com a minha mãe. Têm três quartos na casa. Tem um quarto que não dorme ninguém, eu não durmo lá porque eu tenho medo do escuro, aí um quarto é das gêmeas e o outro está sem ninguém lá. Faz tempo que eu tenho medo. Agora é... tá meio diminuindo, porque eu rezo antes de dormir, então acho que ajuda. Às vezes, mexo no celular até dormir. Antes eu dormia com a minha irmã mais velha no meu quarto, aí ela foi embora, aí eu comecei a dormir com a minha mãe. Acho que já faz uns cinco meses. Minha mãe não gosta de dormir comigo, porque eu bato de noite [risos], ela dorme no chão, aqui é a cama de casal e aqui é o guarda-roupa de cima, aqui é a porta, aqui é o rack, aqui é um colchão.

Figura 62 – Quarto que Orquídea dorme

Fonte: Elaborada pela Orquídea (2015)

Meu pai não mora comigo, acho que faz dois anos, não gostava de morar com ele. Tenho cinco irmãos, duas são gêmeas. Mora eu, minha mãe, têm as gêmeas que namoram e, às vezes, vão lá, porque namoram e ficam mais, tipo, no namorado, sabe. Tem uma que já não mora mais lá sabe e meu irmão é casado, também não mora mais lá. A casa é de família, sabe. É da minha... era da minha avó, agora é de todos os irmãos da minha mãe, sabe, tipo herança. Meu tio mora na casa dos fundos. A minha mãe trabalha, às vezes, no vizinho, de limpar casa e a minha irmã foi mandada embora na semana passada, a outra também, e meu tio trabalha, como fala, de pedreiro numa empresa, sabe. Minha mãe e meu tio que sustentam a casa.

Figura 63 – Casa de Orquídea

Fonte: Elaborada pela Orquídea (2015)

A Ariel

A Ariel tem mais dois irmãos, sendo ambos casados e não moram com ela. Ela perdeu o pai muito cedo, com cinco anos. Atualmente ela mora com a mãe, mas não é tão próxima dela:

Mora eu e a minha mãe. Tenho um quarto só pra mim. Meu pai morreu quando eu tinha cinco anos. Sinto muita falta dele, porque quando eu era pequena, eu ficava só com ele, ficava atrás dele, se meu pai e minha mãe saíam para lados diferentes, eu ia com ele. Aí foi meio que um choque, né, porque eu era pequenininha, né, não entendia direito. Aí, depois que ele faleceu, eu fui ficando mais com a minha mãe, né, porque não tinha outra opção. Ah! Uma coisa que eu sempre lembro é que eu gosto muito de laranja, e ele também, e a gente morava num sitio, né, a gente pegava laranja, enchia um balde de laranja e sentava assim e ficava comendo o dia inteiro. Era uma área que tinha na frente de casa, ela tinha esses pilares assim, sabe, dos dois lados, ela era coberta, só que ela era aberta dos lados, e a gente ficava sempre sentados lá.

Figura 64 – Ariel com o pai



Fonte: Elaborada pela Ariel (2015)

Eu me mudei tem uns dois anos de lá. Como meu irmão casou e foi embora e minha irmã também, aí ficava só eu e a minha mãe. E aí o sitio era muito grande, equivalia uns três quarteirões daqui da cidade, e a gente não trabalhava nele, então a gente preferiu sair e deixar alguém que cuida. A gente vendeu, porque não pode alugar, é uma terra do governo, então se você tiver, você tem que morar lá ou você pode vender. E a gente vendeu. A gente vai lá visitar, às vezes, sabe. O moço está cuidando, ele tem uma horta enorme, pelo menos ele está cuidando. É um lugar que eu vou gostar sempre, porque eu nasci lá, né. Ah! Eu senti falta quando saí de lá, porque eu sempre morei lá, nunca morei em outro lugar. E eu também gosto de morar aqui na cidade. É tudo mais fácil, para pegar ônibus, porque lá o ônibus demorava uma hora para passar. Era em Bueno de Andrada [distrito de Araraquara], só que era no sítio mesmo, porque tem o Assentamento e era lá para o final de Bueno. É um assentamento bem pequenininho, tem 31 lotes, só. Agora minha mãe tem um bar e uma casa no Vale do Sol [bairro da cidade], e a gente recebe o aluguel dos dois, assim ela não precisa trabalhar.

Ariel comenta a respeito da relação com a família e também que ela não era para ter nascido:

Qualquer lugar que ele ia, eu ia junto. Ele gostava muito de pescar, mas ia a família toda, a minha família e a do meu padrinho. A gente sempre ia para o pesqueiro, passava uma semana lá, que a gente tinha casa lá, né. Acho que meu pai tinha dois pesqueiros, se não me engano. Aí um é dele e o outro do meu padrinho. Ele adorava pescar! A gente saiu de São Paulo, porque ele queria vim pro sítio, sabe. Ele falava, vou ir pra roça, pra pescar, essas coisas, e aí minha mãe, doida, largou tudo e veio pra cá com ele. Eu nasci aqui e meus irmãos são de São Paulo. Não era nem pra mim ter nascido. Não sei se você lembra, daquele remédio, não lembro o nome do remédio, de 1998, que todo mundo de 98 ficava grávida, por causa desse remédio, porque era o remédio da farinha, que no meio do processo lá, deu errado, o anticoncepcional lá, deu errado, e a maioria do pessoal que tomava esse remédio engravidou, aí foi quando a minha mãe engravidou, não era pra mim nascer. Eu vim de intrometida. Ainda teve um monte de gente que quis processar, sabe, que a empresa ia indenizar as famílias. Aí meu pai pegou... minha mãe diz que meu pai pegou e: "Não, que agora vai vir mais outra vida pra nossa família. Pra que que eu vou querer uma indenização? Agora a gente vai cuidar com carinho!" e tal. Foi o que meu pai disse. E eu era a mais mimada, né, que eu era a caçula, né. Com meus irmãos... olha, a gente já discuti bastante, sabe! Aquela coisa de irmão, quando a gente morava junto, mas, hoje, a gente se dá muito bem. A minha irmã é mais amiga do que irmã, né! Eu conto tudo pra ela, tudo o que faço, ela sabe, ela também conversa muito comigo, meu irmão também! Eu amo ele, a gente se dá muito bem! Com a minha mãe tem bastante discussão, porque a minha mãe ela é difícil de lidar, é uma pessoa difícil, sabe. Ela acha que sempre está certa, mas a gente se dá bem sim, ela faz de tudo por mim.

Ariel comenta a respeito do emprego:

Eu faço estágio no Fórum, por contrato, até no final do ano que vem. Meu irmão viu anunciando no rádio, meu irmão, nossa! Ele quer muito um futuro bom para mim! Aí ele viu isso no Fórum e adorou e já me ligou na hora e pediu pra eu fazer a inscrição, que tinha uma inscrição para o processo seletivo para trabalhar no Fórum. Aí anunciaram aqui na escola também, aí quando anunciaram aqui eu já estava sabendo. Aí eu me inscrevi, aí eu fiz uma provinha na Uniara⁶⁶, era uma provinha super fácil! Aí eu passei, aí me chamaram.

⁶⁶ Instituição de Ensino Superior, de caráter privado, da cidade de Araraquara/SP.

A Nala

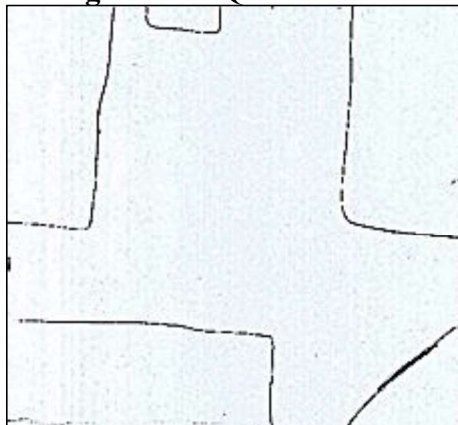
A Nala mora com os pais e com as duas irmãs, sendo uma mais velha e a outra mais nova. A casa é própria e o pai dela é caminhoneiro e a mãe não trabalha fora.

Meu pai fica mais fora do que em casa. Fica um mês fora, pra fica um final de semana em casa. Vem na sexta de noite, fica sábado e domingo, e domingo de noite vai embora, ou segunda de manhã. Não sinto falta dele! Apesar de que ele sempre trabalhou viajando, desde de quando eu me entendo por gente, mas ele sempre foi muito presente, sabe. Eu olho meu celular e todo dia tem um "Bom dia!" dele de manhã e "Filha, boa aula!".

Na casa de Nala tem três quartos, sendo a distribuição das pessoas da seguinte forma:

Dorme eu e a de dezoito no mesmo quarto e a de seis tem um quarto só pra ela, mas, como meu pai não fica em casa, ela dorme com a minha mãe, né. Aí, quando meu pai vem, ela dorme no quarto dela. Meu quarto ele é quadrado. Meu quarto tem a porta assim, estranha, de diagonal. Aqui é a porta, aqui fica meu guarda-roupa, espelho, minha cama, um criado-mudo e a cama da minha irmã. Só isso, é isso que cabe nele.

Figura 65 – Quarto de Nala



Fonte: Elaborada pela Nala (2015)

Nala disse estudar em casa somente quando é necessário:

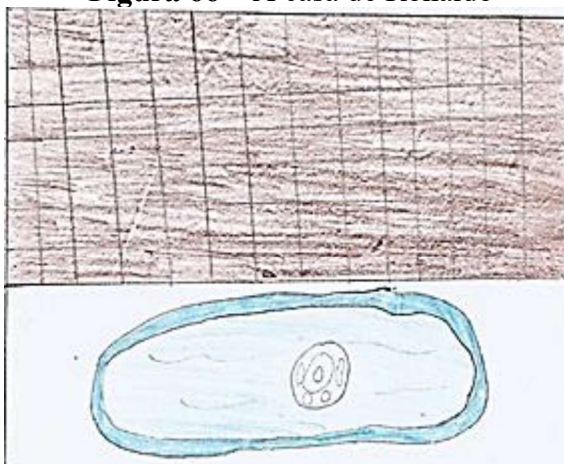
Em casa? Não estudo, só quando é necessário, tipo prova. Na minha cama eu estudo, em cima da minha cama. Não gosto de estudar em mesa. Só na minha cama.

O Ronaldo

O Ronaldo é filho único, mora com os pais e a casa onde moram é alugada.

A casa é alugada e a minha casa é tranquila, tipo um lugar que tem harmonia. Graças a Deus, não falta nada! Tipo, faz churrasco lá, a família vai, tenho a família reunida. Mas nem com régua dá, olha só meu desenho! Tentei desenhar, mais ou menos, um muro aí, ali é a piscina. Eu gosto da piscina! Não é muito grande, acho que dá para entrar umas oito pessoas, nesse calor!

Figura 66 – A casa de Ronaldo

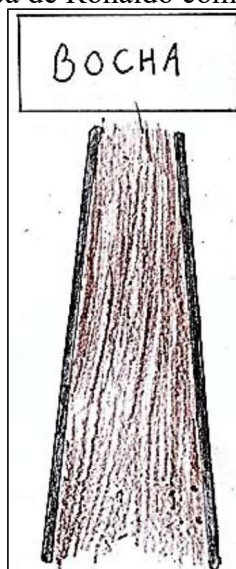


Fonte: Elaborado pelo Ronaldo (2015)

Antes, quando eu morava aqui, a maior parte do tempo, morou eu, minha mãe, meu pai, minha vó, mãe da minha mãe e meu vô, pai da minha mãe. Aí minha mãe recebeu esta proposta de emprego, aí minha mãe... não! Desculpa, perdão! Meu pai... pra Minas, aí foi eu, meu pai e minha mãe, e eles continuaram aqui, minha vó e meu vô. Aí passou dois anos, meu vô já estava ruim quando nós mudamos, meio não, né, já estava bem ruim já! Aí passou dois anos, nós morando lá, ele... ele morreu, né! Ele tinha uns três ou mais câncer diferentes, eu não lembro direito, por causa do cigarro, ele fumava muito, você não tem noção! Eu ia para cima e para baixo com ele, você não tem noção! Só pergunta pro meu pai e pra minha mãe mesmo, pra confirmar pro cê, eu e meu vô era agarrado. Tinha onze anos quando ele morreu [Fica de cabeça baixa]. Uma situação com meu avô é indo no bar com ele, tipo, ele era campeão mundial... campeão mundial, não! Campeão brasileiro de bocha. Você já ouviu falar de bocha? É um esporte. Ele era campeão brasileiro, ele ia no bar e eu ia com ele, ele tinha um bar lá na Vila Xavier. Esqueci o nome do bar, deu branco! Eu ia lá com ele, quase todo dia, eu ia lá e jogava bocha, jogava baralho, eu ficava com ele o dia inteiro, comia, vixi! Vixi Maria, eu te falei! Eu não sei como eu vou desenhar esta situação, tipo, era o bar, tinha o bar na frente, assim. Aí você entrava assim, você entrava mesmo no bar, assim, aí mais pra dentro tinha o fundo do bar lá, que só ia os conhecidos mesmo, sabe, e tinha uma pista de... Não sei como fala, mas acho que é pista que fala, de bocha. Aí ele ficava lá dentro com os cara e eu ficava olhando lá fora, sentadinho lá, bonitinho. Nossa! O problema é eu desenhar e pôr no papel isso, entendeu?!

Eu não sei explicar como que joga, mas é parecido com boliche, mais ou menos assim, só que é só com bola. Acho que as bolas são de concreto, você joga para acertar umas bolinhas menores que fica no final da pista assim. Nunca joguei.

Figura 67 – Lembrança de Ronaldo com o avô na pista de bocha



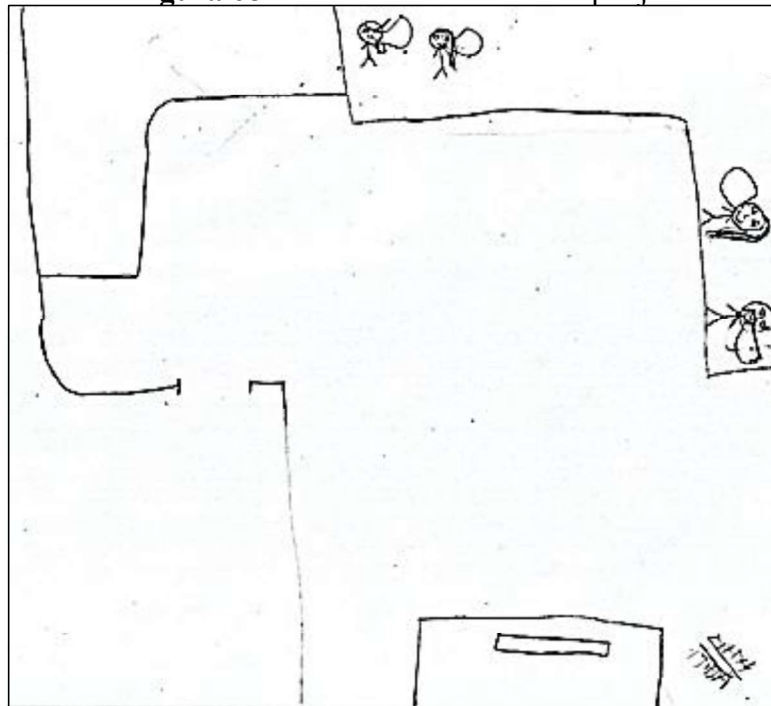
Fonte: Elaborado pelo Ronaldo (2015)

A Bob Esponja

A Bob Esponja mora com os pais e um irmão mais novo numa casa própria. Os pais trabalham fora e a Bob Esponja acabou de arrumar um emprego.

Meu pai, minha mãe, eu, meu irmão, a gente conversando, aqui é uma escrivaninha que tem do lado do sofá, ela é de canto, meu pai faz trabalho, quando eu tenho alguma coisa para fazer da escola, faço aqui também. Meu pai estuda, ele está terminando a escola, que ele não tinha terminado, está fazendo EJA [Ensino de Jovens e Adultos]. Ele gosta! Às vezes, ele faz alguma coisa do serviço dele, ele viaja, às vezes, tem alguma coisa de emprego. Aqui fica o computador também, que todo mundo usa pra mexer no Facebook, essas coisas, sabe, aqui é a televisão.

Figura 68 – Sala da casa de Bob Esponja

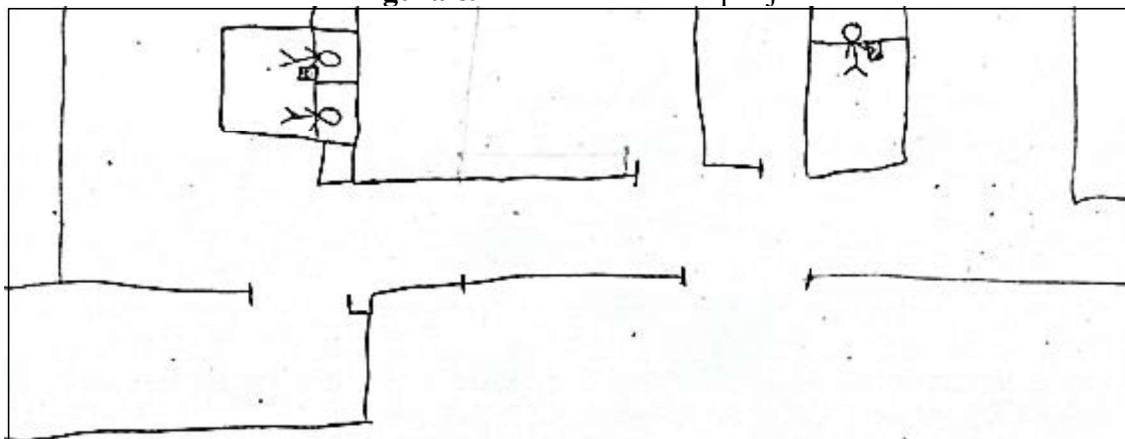


Fonte: Elaborada pela Bob Esponja (2015)

A Bob Esponja contou a respeito do irmão e também que a mãe dela a acorda, todos os dias, para ir à escola utilizando o telefone:

Quando ele era pequeno eu cuidava mais, mas, agora, como ele está grande, não precisa. Mas, às vezes, ele pede: "Ah! Faz um leite para mim!" "Ah! Pega isso pra mim!" A gente se cuida bastante, porque ele também, às vezes, quando eu estou deitada, eu: "Vem aqui apagar a luz do quarto!" Às vezes eu ligo pra ele: "Vem apagar a luz do meu quarto!", aí ele vai. Lá em casa a gente tem muito disso, de ligar. Para me acordar de manhã, a minha mãe me liga, tudo a gente liga um pro outro. Minha mãe que me acorda, porque eu não consigo acordar, ela liga todo dia. É o meu quarto, o banheiro, o quarto do meu irmão e quarto dela. Às vezes, ela liga e "abaixa a televisão", de verdade. É muito engraçado. Ou então, às vezes, ela manda um WhatsApp. É melhor ligar, porque, às vezes, você tá com sono e não dá para escrever. Pronto! Meu quarto, eu, meu celular do ladinho. Aqui é o corredor, aqui o quarto do meu irmão, aqui o banheiro, aqui é o banheiro da minha mãe e aqui ela com o celular ligando. Lá em casa, a gente usa muito celular, minha mãe falou que vai colocar um telefone em cada quarto, a gente disca um e vai para cada cômodo. Aí já pensou se tivesse isso, que engraçado? Às vezes, dá preguiça de levantar.

Figura 69 – Casa de Bob Esponja



Fonte: Elaborada pela Bob Esponja (2015)

Na escola... Dizem que a escola é pública: "Ah! Que escola pública não tem ensino", mas eu acho que não é assim. Tem muitos professores bons, é mais o interesse dos alunos mesmo! Eu mesma, às vezes, não presto muita atenção na aula, fico conversando, mas se eu me interessasse, todos os professores, de todas as matérias, sabem, se eu perguntasse pra eles eu iria aprender bem mais. Se eu corresse atrás, foi atrás. Agora eu comecei a trabalhar e eu fico mais cansada, mas se a pessoa quiser aprender, mesmo, se ela tiver força de vontade, ela aprende estudando numa escola pública. Eu acho que não é nem questão do ensino, é questão da pessoa mesmo, é isso! Eu trabalho de segunda a sexta, da uma às sete e de sábado das dez às duas. Faz duas semanas que eu comecei a trabalhar. É legal lá, trabalho como promotora de eventos no CEBRAC⁶⁷. Ganho mil e seiscentos. Ah! Eu acho que a Matemática ajudou, porque pra mim entrar no emprego eu tive que fazer uma prova e caiu... caiu matrizes. Nossa! Quando caiu matriz, eu fiquei muito feliz, me ajudou. Aí eu fiz, tirei uma nota alta e passei. Caiu mais Matemática do que português. Caiu só matriz e umas outras contas, de equação, sabe, e conta com vírgula, divisão com vírgula e interpretação de texto. Achei fácil!

*

Podemos observar alguns detalhes com a descrição dos alunos: somente a Nala divide o quarto com a irmã; o restante dos alunos tem seu próprio quarto. O Ronaldo e a Roberta são os únicos que moram em casa alugada; os outros moram em casa própria. A Ariel e a Bob Esponja trabalham; os outros não.

⁶⁷ CEBRAC – Centro Brasileiro de Cursos da cidade de Araraquara/ SP.

Entre (Mentes)...

A questão da relação de poder ficou evidente, desde a questão de ter que utilizar o uniforme todos os dias até copiar a matéria e os exercícios da lousa para o caderno e assim ganhar o ponto positivo. Os alunos eram unidos, pois quando diziam que iam faltar, eles faltavam. Quando aconteceu a troca de sala, os alunos não gostaram, a regra do jogo foi quebrada e eles não aceitaram. São insurreições.

A escola está dentro do mundo das regras, das normas, está dentro da doutrina (RODRIGUES, 2015). Observamos, assistimos, frequentamos e constatamos durante pouco mais que seis meses que a ordem ainda é de cima para baixo, que a regra tem que ser cumprida à risca e que não pode ter um mínimo de deslize. Cada classe tem um mapa de sala, o que é uma norma estabelecida, e que não ter aula na sexta-feira também é normalizado por todos os indivíduos que habitavam aquele território. Já utilizamos este desenho, mas ele se faz necessário nesse momento para vermos, novamente, como o aluno é devolvido aos pais, como o aluno fica após anos dentro da escola com a “educação bancária” (FREIRE , HARPER, *et al.*, 1985) que recebe por anos e anos.

Figura 70 – Aluno formado



Fonte: (FREIRE , HARPER, *et al.*, 1985, p. 99).

Roberta e Silvia trouxeram outra escola que elas frequentaram, sendo que a primeira ficou alguns dias e a segunda ficou dois meses; ambas voltaram para essa escola com o mesmo argumento: “gostam de seguir as regras e as normas impostas, e que para elas, assim que se dá

o aprender”, mas que aprender foi esse? Tivemos indícios que aprenderam tudo, menos a Matemática.

A escola sequestra o aluno. Ato de força. Submete à disciplina, à regra e à obediência. Segundo Foucault (2013), a escola, a prisão e o manicômio são locais de internação. Só que existe um problema com esse sequestro, pois é feito em nome da sociedade. Para a sociedade atual, que se diz sociedade da informação, esse sequestro recebe o nome de “dar informação aos alunos”. A impossibilidade de se pensar seriamente a educação escolar surge com força.

Assim, quando um indivíduo ensina equação do segundo grau, não é equação do segundo grau que ele ensina ou informa, mas outra coisa, como, por exemplo, o signo da ordem. Vejamos: a fórmula do cálculo das raízes da equação do segundo grau que está descrita na lousa funciona mais ou menos assim: “siga esta ordem que vai dar tudo certo” ou “siga o que eu estou mandando fazer que vai dar tudo certo”. Quer dizer, na realidade, o cálculo das raízes é ensinado como cálculo de valor numérico. O aluno aprende a reconhecer o coeficiente “a”, “b” e “c”, depois os coloca na fórmula, no lugar indicado e faz as contas. Isto é valor numérico. Passa longe da resolução de equações do segundo grau. Isto não é Matemática. Isto não é aprendizagem. Isto não é Educação Matemática.

O que encontramos é que o ensino da Matemática Escolar se apresenta como o melhor método para a subjetivação a Signos (não matemáticos). A sala de aula, mediada seja por Tecnologias, seja por Resolução de Problemas, seja por Etnomatemática, seja por Educação à Distância apresenta, no caso desta pesquisa, meios para ensinar o que está na frente da lousa, embora tenhamos tido indícios que o aluno aprenda o que está por trás dela. Sabe-se lá como ele aprendeu Matemática, pois tivemos indícios de que não é isso que se aprende na escola. A escola e a sala de aula praticadas, nesta pesquisa, pretendem ou objetivam ou escolhem a doutrinação aos signos da Ordem, Farsa, Disciplina, Objetificação. Marx diria **retificação** da educação. Paulo Freire diria **coisificação** do ato de educar. Foucault diria **subjetivação** ao poder instituído

Precisamos de “insurgentes”. O insurgente inventa rebelião ao modo estabelecido. Não está preso ao território escolar. Inventava outros espaços no território escolar. Questiona. Interpela. Recusa as velhas práticas. Penso que aquilo que vi no cotidiano da escola pesquisada, de valor ético, são atitudes que os alunos tomaram como insurgências, micro rebeliões individuais, ao longo do ano letivo como, por exemplo, aqueles que ouviram música ou aqueles que cantaram durante a aula de Matemática ou até não sentaram no mapa. Desafiam olhando a professora. Embora treinados para serem os alunos obedientes e nota 10, não deixaram a

doutrina entrar, totalmente, na cabeça deles. Uma insurgência que o sistema aceita. Um insurgente que aprendeu que, se ficar quieto, vai ter, no mínimo, a média para passar.

São insurgências, ou seja, são micro rebeliões possíveis, pois um faz e os outros tentam ou calam ou escondem ou dizem nada significar. Talvez a escola seja uma grande sexta-feira.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, v. 1, 2014. Cap. Pista 7, p. 131-149.

BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, v. 1, 2014. Cap. Pista 3, p. 52-75.

BASTOS, R. S. **Dicionário de língua portuguesa: atualizado conforme acordo ortográfico da língua portuguesa**. Blumenau: Satrke Design Editora, 2009. 336 p.

BOVO, A. A. **Abrindo a caixa preta da escola: uma discussão acerca da cultura escolar e da prática pedagógica do professor de Matemática**. Rio Claro: 2011. 184 fl. Tese - Universidade Estadual Paulista.

CASTELLO, L. A.; MÁRSICO, C. T. **Oculto nas palavras: dicionário etimológico para ensinar e aprender**. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 152 p.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 499 p.

DELEUZE, G. **Proust e os signos**. Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. 173 p.

DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013. 240 p.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Tradução de Ana Lúcia Oliveira; Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, v. 1, 2011. 128 p.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, v. 5, 2012. 264 p.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalheite. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. 291 p.

- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, P. et al. **Cuidado, escola!** 20. ed. São Paulo: Brasiliense S.A., 1985. 117 p.
- GALLO, S. **Deleuze & a educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. 104 p. 1ª reimp.
- GASPAROTTO, G. C. F. **Alfabetização matemática**: cartografando as narrativas de alguns alunos da série final do ensino fundamental. Rio Claro: 2010. 248 fl. Dissertação - Universidade Estadual Paulista.
- GONÇALVES, N. L. **Manual de tapeçaria**. 3. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2001. 232 p.
- GONZAGUINHA. **Comportamento geral**. [S.l.]: Odeon - EMI, 1973.
- GONZAGUINHA. **Grito de Alerta**. 1979.
- KASTRUP, V.; BARROS, R. B. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, v. 1, 2014. Cap. Pista 4, p. 76-91.
- MUDANÇA DE HÁBITO 2 - Mais confusões no convento. Direção: Bill Duke. Produção: Emile Ardolino. Intérpretes: Whoopi Goldberg. 1993.
- NIETZSCHE, F. W. **A gaia ciência**. 1. ed. São Paulo: Martin Claret, 2016. 456 p.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. Sobre a formação do cartógrafo e o problema das políticas cognitivas. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, v. 1, 2014. Cap. Posfácio, p. 201-205.
- RODRIGUES, T. D. **Práticas de exclusão em ambiente escolar**. Rio Claro: [s.n.], 2015. 243 p. Tese - Universidade Estadual Paulista.
- ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2. ed.

Porto Alegre: Sulina, 2014. 247 p.

SILVA, M. T. Movimento transversal na ATPC de Matemática: território das afetações.

Linha Mestra, Campinas, n. 23, p. 216-219, ago. dez 2013.

<https://linhamestra23.files.wordpress.com/2013/12/02_territorio_educacao_matematica_multiplicidades_e_singularidades_movimento_transversal_silva.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2015

SILVA, M. T. **A Educação Matemática e o Cuidado de Si**: possibilidades foucaultianas.

Rio Claro: 2014. 192 fl. Tese - Universidade Estadual Paulista.

SILVA, M. T. et al. Mapas e Cartografias em Educação Matemática. **XI Encontro Nacional de Educação Matemática**, Curitiba, 18-21 julho 2013. 1-8. Anais do XI ENEM - Educação Matemática: retrospectivas e perspectivas.

SOUZA, A. C. C. O que pode a Educação Matemática? **Revista Linha Mestra**, Campinas, v. Ano VII Nº 23, p. 211-215, ago.dez. 2013.

TUCHAPESK, M. **O movimento das tendências na relação escola-família-matemática**.

Rio Claro: [s.n.], 2004. 262 fl. Dissertação - Universidade Estadual Paulista.